

AMANDA MAURICIO PEREIRA LEITE

**∴ IMAGENS DO DIVERSO ∴**

ILHA DE SANTA CATARINA, 2010.



AMANDA MAURICIO PEREIRA LEITE

**∴ IMAGENS DO DIVERSO ∴**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Borges de Sousa, co-orientador: Prof. Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia.

Ilha de Santa Catarina, 2010.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

L533i Leite, Amanda Mauricio Pereira

Imagens do diverso [dissertação] / Amanda Mauricio Pereira Leite ; orientadora, Ana Maria Borges de Sousa, co-orientador, Wladimir Antonio da Costa Garcia. - Florianópolis, SC, 2010. 158 p.: il., graf.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Sexualidade. 3. Fotocomposição. 4. Diversidade. I. Sousa, Ana Maria Borges de. II. Garcia, Wladimir Antonio da Costa. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.





*As/os desviantes,  
Transgressoras/es das normas,  
Violadoras/es de preceitos,  
Gente da margem.*





## AGRADECIMENTOS

Sou grata por minha existência!

Obrigada Mamy, Papi e Flor pelas palavras de apoio e cuidado que tanto me ensinam na convivência familiar.

A minha pequeninha Rê! Diva! Fonte de inspiração!!! Obrigada por dividir comigo a existência de forma tão doce. Contigo sou autêntica, arteira, artista, amante, amiga, amada, Amanda... Te Amo!

As amigas queridas Rosi e Leka que mesmo geograficamente distantes estão presentes nesta caminhada.

A Mariene, Vivi, André, Nana, Jo, gente que alegra minha estada na ilha da magia.

A Alci, amiga, madrinha e companheira de muitas aventuras!

Aos colegas da linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais, Zé, Edson, Sabrina, Rita, Silvani, Ju, Paulo e Alcione.

Aos professoras/es que geraram ruídos e provocaram mudanças em minha forma de ver, pensar e escrever.

A professora Ana Baiana pela oportunidade de estudar em Florianópolis, pela acolhida no núcleo de pesquisa Vida e Cuidado e, sobretudo, pelo ensinamento que extrapola as paredes da academia para as tramas que tecem a vida e, claro, o cuidado.

As meninas do Nuvic por tantos momentos...

A Carolzita, uma das boas surpresas que a vida me trouxe.

Ao professor Maurício Roberto pela contribuição na qualificação da pesquisa.

Ao incentivo e a escuta da professora Patrícia de Moraes Lima.

Ao inolvidável encontro com W. Antônio! Obrigada por adotar-me! Suas orientações perverteram minha escritura (e eu ameji)! Agradeço por dividir pensamentos, leituras, filmes, poesias e tantas outras coisas nesta breve trajetória. Sou ainda muito mais grata por fazer-me feliz ao ensinar-me pacientemente a dissertar.

Ao financiamento CNPQ e Colégio de Aplicação/UFSC!

A Lu, por acreditar na pesquisa e me ajudar sempre. Você é parte deste movimento. Obrigada por TUDO!

As professoras Dagmar, Mônica, Claudia e ao professor Leandropelo aceite em cuidadosamente examinar esta dissertação.

X

E a tantas outras pessoas que aqui não consigo nomear, obrigada!

## EPÍGRAFE

*"I will survive"*  
*Gloria Gaynor*



## RESUMO

Tomemos dois pontos: a) educação, b) Paradas da Diversidade. Pergunta: há ligação entre eles? Jogando com espectros imagéticos, composições fotográficas, notícias, acontecimentos e experiências esta dissertação deseja pensar as imagens do diverso que habitam o campo educacional. Ao romper com a elaboração de uma escrita uma para, propositalmente, estabelecer diálogo entre as partes, quer mirar o (des)conhecido e escutar o incomunicável. Para tanto, questões relativas ao corpo, gênero, sexualidades e diversidade são (re)visitadas. Assim se questiona o *campo secreto* da educação – campo do silenciamento – onde as diferenças são, de fato, caladas, ignoradas e até mesmo negadas. Como estas imagens se atravessam e nos atravessam? De que forma os jogos cambiantes de diferentes discursos são construídos na guerrilha das linguagens? O que as composições imagéticas comunicam para além do que nos é visível? O dito, o não-dito e o impossível presentes no mesmo enquadre. Esta pesquisa indaga se a partir de imagens não-convencionais de um evento (Parada da Diversidade) pode-se produzir diferenças e reconhecer, por deslocamento, o diverso ao educar fazendo gênero.

**Palavras-chave:** Diversidade, composição fotográfica, gênero, sexualidades e Educação.



## ABSTRACT

Let us consider two points: a) education, b) Gay Pride Parades. Question: is there a connection between them? By playing with spectrum imagery, photographic composition, news, events and experiences, this thesis aims to consider the images which inhabit the educational field. By breaking with a monologic writing to deliberately establish a dialogue between both parts, this paper wants to aim for the (un) known and listen to the incommunicable. To do this, issues related to body, gender, sexuality and diversity are (re) visited. Here we seek to delve deeper into the secret field of education - a field of silence - where the differences are, in fact, silenced, ignored and even denied. How do these images cross over each other and cross through us? In what way are the changing games of different discourses built upon the war of languages? What do the image compositions communicate beyond what is visible to us? The spoken, the unspoken and the impossible are all present in the same frame. This research asks whether from non-conventional images of an event (Gay Pride Parade) differences can be produced and recognize, by displacement, the diverse by educating 'making gender'.

**Keywords:** Diversity, photographic composition, gender, sexuality and education.





## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Reportagem .....	21
Imagem 2 – Reportagem .....	25
Imagem 3 –Reportagem .....	28
Imagem 4 –Reportagem .....	29
Imagem 5 -Revista Veja .....	29
Imagem 6 - Inauguração da Escola Jovem LGBT .....	37
Imagem 7 – Cartoon .....	40
Imagem 8 -Revista Super Interessante .....	46
Imagem 9 - Filme <i>A love to Keep</i> .....	47
Imagem 10 - Participantes manifestam-se na 14 <sup>a</sup> Parada do Orgulho de São Paulo .....	50
Imagem 11 - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: A Captura ...	57
Imagem 12 -Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: O ex-cêntrico	59
Imagem 13 -Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: O ex-cêntrico	59
Imagem 14 - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2007: O di-verso ...	62
Imagem15 -Feira Cultural da Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: O resto .....	63
Imagem 16 -Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: O dentro do dentro .....	65
Imagem 17 - Feira Cultural - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: Mercado Público .....	68
Imagem 18 -Feira Cultural - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: Mercado Público .....	68
Imagem 19 - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: Deslocar, deslocar .....	70
Imagem 20 -Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: Sensation .....	73
Imagem 21 - Marcha Lésbica SP, 2009: Marque com um X: ( ) Varal ( ) Bandeiras ( ) O Sujeito falante ( ) A outra .....	74
Imagem 22 - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: Libidinal .....	76
Imagem 23 - Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: O vazamento do olhar .....	78
Imagem 24- Ai que bicha linda! .....	79
Imagem 25- Ai que bicha linda! .....	80
Imagem 26 - Parada da Diversidade de Florianópolis, 2009: In-	

formação .....	83
Imagem 27 – Gráfico .....	87
Imagem 28 -Parada da Diversidade de Florianópolis, 2007: Cena e espelho .....	93
Imagem 29 - Casa da Diversidade de Florianópolis .....	99
Imagem 30 - Teatro da Ubro - Florianópolis, 2009 .....	100
Imagem 31 – Trajeto .....	101
Imagem32- Reportagem .....	104
Imagem 33- Reportagem .....	105
Imagem 34- Reportagem .....	105
Imagem 35 – Reportagem .....	106
Imagem 36- Reportagem .....	106
Imagem 37 - Parada do Orgulho/Marcha Lésbica SP, 2009: Grito .	114
Imagem 38 - Cartilha Politicamente Correto .....	124

## SUMÁRIO

<b>I. FAZENDO GÊNERO</b>	21
As estruturas do silêncio .....	33
Homossexualidade: todos os nomes.....	40
<b>II. LENDO (OUTRAS) IMAGENS DO DIVERSO</b>	55
<b>LADO A / LENDO</b>	55
Foto-experiência.....	56
Fotografando e compondo .....	58
Fotografando e compondo um pouco mais.....	71
A síntese do atravessamento.....	81
Encontro.....	83
<b>LADO B / (OUTRAS) IMAGENS DO DIVERSO</b>	84
Faixa 1:Homo que é homo, mostra a cara.. e muito mais!.....	84
Faixa 2: O espetáculo.....	89
Faixa 3: Lucy e Gisele dando giros pela Parada de Florianópolis.....	96
Faixa 4: Entre o cor de rosa e o vermelho sangue .....	102
Faixa 5: O Anti-espetáculo .....	103
<b>III. (DESEFIANDO LINGUAGENS)</b>	113
A guerra das linguagens .....	113
O jogo cambiante das identidades .....	125
<b>IV. CONSTITUINDO(-SE) SUJEITO</b>	129
Conto 1: 1994 – Copa do Mundo .....	129
Conto 2: <i>On-Off/line</i> .....	138
Conto 3: Está na água .....	145
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	151



## .. FAZENDO GÊNERO ..

*Corpo,  
Gênero,  
Sexualidades,  
Diversidade,  
Educação...*

Como estas temáticas são articuladas na contemporaneidade?

Folha Online - Educação - Pesquisa revela que 87% d...

UOL ASSINE 0800 703 3000 BATE-PAPO E-MAIL RÁDIO UOL SAC TV UOL UOL HOST VOIP E-MAIL

**FOLHAONLINE**  
www.folha.com.br  
Sábado, 31 de outubro de 2009

Participe do **Itaú Criança 2009**  
Clique aqui

Notícias Especial Serviço Galeria Erramos Colunas Fale conosco Atendimento ao assinante Grupo Fol

Em cima da hora | Ambiente | Bichos | Brasil | Ciência e Saúde | Comida | Cotidiano | Dinheiro | Educação | Equilíbrio

**educação**

Comunicar erros Enviar por e-mail Imprimir

24/07/2009 - 10h58

**Pesquisa revela que 87% da comunidade escolar têm preconceito contra homossexuais**

da Agência Brasil


Nas escolas públicas brasileiras, 87% da comunidade -sejam alunos, pais, professores ou servidores -- têm algum grau de preconceito contra homossexuais. O dado faz parte de pesquisa divulgada recentemente pela [FEA-USP](#) (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo) e revela um problema que estudantes e educadores homossexuais, bissexuais e travestis enfrentam diariamente nas escolas: **a homofobia.**

**[Veja o que existe em nossos arquivos sobre homofobia](#)**

O levantamento foi realizado com base em entrevistas feitas com 18,5 mil alunos, pais, professores, diretores e funcionários, de 501 unidades de ensino de todo o país.

Reportagem

PUBLICIDADE



PASSE O MOUSE

Há tempos que temas como corpo, gênero, sexualidade, diversidade e outros atravessam distintas áreas de conhecimento, sobretudo, as ciências humanas. Nos últimos vinte anos é possível observar a emergência de discursos e de pesquisas sobre estes temas na intenção de se pensar na chave de diferença das identidades,

especialmente, na pluralidade de sujeitos que, ao se constituírem constroem o ambiente educacional como plano possível para as existências. Pesquisar sobre o processo de escolarização a que são submetidos os corpos, as mentes, a homossexualidade e daí o sexismo, a homofobia<sup>1</sup>, as violências caracterizadas por preconceitos e discriminações, reforçam o desafio de se (re)pensar as práticas diárias e educativas, sinalizando para a desconstrução diacrítica cultural entre homem/mulher; masculino/feminino; adulto/criança; professor/aluno; privado/público na sociedade em que vivemos.

Na trama das relações pessoais e coletivas são tecidas as identificações que marcam sujeitos e grupos, produzem sentimentos de pertença e propiciam que as identidades (provisórias) estejam em constante construção. Aqueles e aquelas, homens e mulheres que compõem as (outras) imagens do diverso muitas vezes acendem inquietações, instigam pensamentos... A marcação de indivíduos e grupos estigmatizados por seu caráter efêmero e transitório minimiza identidades que em determinadas sociedades não são legitimadas. As diferenças e/ou o não-enquadramento dentro de padrões comportamentais perturbam, subvertem paradigmas, provocam o foco da atenção para alguns sujeitos, especialmente, lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais – sujeitos LGBT.

Algumas produções contemporâneas sobre os estudos de gênero têm questionado, por exemplo, como a escola participa na “fabricação das diferenças” (LOURO, 2004. p. 62), acentuando e cristalizando distinções no campo das identidades de gênero e sexuais, reforçando a vigilância sobre meninas e meninos que se apresentam diferentes de maneira que preconceitos e discriminações continuem acontecendo nas práticas diárias escolares.

A negrinha, o gordinho, a sapatão, o viadinho, a melissinha, a machorra e tantos outros rótulos compõem a marcação do diverso que recheiam o cenário da escola. A abundância de corpos e identidades pressupõe uma (outra) pedagogia que reconheça as diferenças e as multiplicidades destes sujeitos para então, desconstruir os papéis sociais (de gênero, sexuais e outros) que historicamente foram (e são) construídos sobre o que é ser mulher, ser homem, ser feminino/a, ser

---

<sup>1</sup> Termo é relativo à aversão a sujeitos que sentem atração física e/ou sentimental por pessoas do mesmo sexo.

masculino/a no contexto em que vivemos, numa (tragi) comédia de gêneros, obliterando o jogo de funções que efetivamente se dá. O debate em torno do sexo e dos modos como práticas sexuais são representadas socioculturalmente mostra como esta nova linguagem (que se faz) *gênero*, torna-se imprescindível para pensar, sobretudo, em como a escola lida com estas questões. Nas palavras de Louro:

*[...] treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (2001, p. 15).*

A menina que sempre joga futebol nas aulas de educação física, o menino que veste saia e dança na brinquedoteca, as amiguinhas que não se desgrudam... são cenas escolares em que o diverso é atribuído ao comportamento e aos gestos corporais. Dir-se-ia diferenças formais, ou melhor, marcação de gênero. O desafio hoje talvez seja reconhecer as diferenças daquelas e daqueles que não partilham padrões comportamentais hegemônicos na tentativa de promover (outra) pedagogia que eduque fazendo gênero.

Mas, como possibilitar que a escola reconheça o diverso?

Creio que reconhecer o diverso não significa colocar numa mesma classe estudantes negros, brancos, pessoas com necessidades especiais, enfim, isto para mim não inclui como a escola acredita estar fazendo. A retórica da inclusão e da diversidade... Para reconhecer o diverso é necessário observar as imagens, o profundo que se expressa como superfície, a importância das diferenças numa mesma sala de aula, olhar para além dos enquadramentos em que todos/as supostamente tornam-se iguais, quando se anula e/ou se silencia as diferenças e,

homogeneamente, se aprende e se educa. Como pensava Nietzsche, quando se retorna ao mesmo<sup>2</sup>.

Portanto, evito o termo diversidade dada à captura que sofreu pelas máquinas de apropriação do estado. Diverso é uma qualidade que nomina algo, vai do abstrato para a realidade. Este é o outro nome que procuro. Adoto diverso pelo uso menos condicionado que dá margem, possibilita a inversão de um espaço dando vasão às outras imagens que estapesquisa deseja (re)conhecer.

A (outra) pedagogia, a que me refiro, surgiria em contraposição à escolarização das mentes e dos corpos, e em sentido oposto à inclusão silenciada que presenciamos nas escolas. Falo da inclusão que não explora as disparidades entre heterossexuais, homossexuais e bissexuais, por exemplo. Inclusão que por um lado dá visibilidade a sujeitos “especiais” e os/as lança para dentro das salas de aula ditas “normais”, mas por outro, torna invisível a orientação sexual de meninas e meninos que destoam dos padrões da heteronormatividade compulsória. Assim, a escola silencia, não vê, procura aplicar o ensino a partir de uma mesma matriz curricular dando as mesmas condições de aprendizagens para sujeitos tão singulares e múltiplos. De que forma estas ações incluem?

Prefiro crer numa democracia *por vir*<sup>3</sup> feita pela dis-posição de promover uma educação que oportunize de fato a equidade a partir da constatação das diferenças. Oxalá que isto esteja em construção para que não mais ouçamos justificativas como a de que a não abordagem das questões de gênero e o seu silenciamento acontecem nas escolas por falta de formação e/ou capacitação dos/as profissionais da educação.

---

<sup>2</sup> O conceito de simulacro assinalado por Deleuze pode ser usado para pensar paradigmas de modelos não-lineares. A partir do sem-forma, de imagens díspares, *compossíveis*, somadas a outros elementos, cria-se dentro de um processo a semelhança, a simulação, a *potência para produzir um efeito*. Assim, o simulacro *é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude* (DELEUZE, 1998, p. 263). Para MADARASZ (2005), *o simulacro repete a simulação em sua própria estrutura numa relação ao mesmo, à semelhança e à diferença num mundo de ordem e de identidade, ou seja, um mundo de múltiplos ou de identidades que nós reconhecemos como tais*. Em Deleuze, *o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução* é, portanto, o protótipo do processo de subjetivação (1998, p.267). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27275.pdf>> acesso 08 julho 2010.

<sup>3</sup> Democracia por vir (*ladémocracie à venir*) não significa *queamanhã a democracia será realizada, e isso não se refere a uma futura democracia [...]* Existe um futuro [...] Existe algo por acontecer. Isto pode acontecer [...] isto pode acontecer, e eu prometo abrir o futuro ou deixar o futuro em aberto (DERRIDA, in MOUFFE, 1997).



Piadas, deboches, preconceito, perseguições...  
Classe, raça, etnia, gênero, sexualidades...

Quantas vezes situações de constrangimento ocorrem nas salas de aulas em decorrência do peso das diferenças?

## notícias



Você já sofreu algum tipo de preconceito na escola ou faculdade? <sup>4</sup>

Sim



Não



Reportagem

Ao pensar no conceito de Alteridade<sup>5</sup>, o qual remete à relação com o/a outro/a, à importância da presença do/a outro/a em minha existência, aquilo que ele/a altera em mim e o que eu altero no/a outro/a sempre que compartilhamos o mesmo espaço, questiono se: a não intervenção educacional diante das chacotas revelaria uma *pedagogia do silêncio* ou uma ética do papagaio (que se repete) no processo educativo? Em caso positivo, isto permite, em alguma medida, que certas condutas caracterizem diferentes formas de violências? Será que ao silenciar ou ao repetir discursos a escola, os/as educadores/as, corroboramos com a reprodução das diferenças onde se privilegia o cuidado para alguns e a falta de cuidado para outros/as...

Numa pesquisa realizada por Castro e Abramovay (2004) – *Educar para a igualdade: gênero e educação escolar*, as autoras apontam sobre a discriminação que existe nas escolas contra homossexuais, ao enfatizar a relevância que a linguagem exerce no ato de discriminar. Em suas palavras *privilegiar discursos sobre*

<sup>4</sup>Disponível em: <[http://cenag.terra.com.br/noticias\\_ler.php?id=MTQ0NA](http://cenag.terra.com.br/noticias_ler.php?id=MTQ0NA)>=>

<sup>5</sup>Ver SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

*homossexualidade é considerar não somente a importância da linguagem para apresentar visões de mundo, representações, como também o exercício de violências ao se nomear o outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com intuito de humilhar.*

Penso que a não-atenção com a linguagem, muitas vezes passa despercebida em distintos espaços sociais, como a escola. Compreendo, tal como Portinari (*apud* LOURO, 1997, p. 65), que *a linguagem é um turbilhão e nos usa muito mais do que nós a usamos. Ela nos carrega, molda, fixa, modifica, esmaga e eu acrescentaria que ela estigmatiza*<sup>6</sup> meninas e meninos, mulheres e homens marcados/as pelo diverso. As piadas, o modo pejorativo com que muitos/as estudantes são tratados/as nas escolas acaba por se naturalizar a tal ponto de o/a educador/a não intervir, nem problematizar a maneira com que as diferenças passam a ser assinaladas.

Ao discorrer sobre a *fabricação das diferenças – sexismo e homofobia na prática educativa* – Louro (2004, p. 62) chama a atenção justamente àquilo que tem se estabelecido como natural nas práticas diárias. Para a autora, a homofobia se caracteriza como o medo voltado contra os/as homossexuais; expressa uma espécie de terror em relação à perda do gênero, de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher reais ou autênticos/as, esquecendo-se da força do “entre o corpo do nome”<sup>7</sup>. Tomando como base a produção de Foucault, especialmente em *Vigiar e Punir*, Louro aponta que:

*[...] o processo de ‘fabricação’ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os*

---

<sup>6</sup>Ver GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara, 1988.

<sup>7</sup> GARCIA, W. A. C. A escuta do intervalo: entre a palavra e a imagem. *In*: III Simpósio Nacional de História Cultural – Mundos das imagens: do texto ao visual, 2006, Florianópolis. Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural: Editora da UFSC, 2006, v. I, p. 136.

*sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como 'natural' (2004, p. 62).*

Na pesquisa de Castro e Abramovay (2004), estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, em quatorze capitais brasileiras, foram questionados/as sobre *quais pessoas eles não gostariam de ter como colega de classe*, onde cerca de 11,9% responderam que não gostariam de ter um colega homossexual; em São Paulo, o número subiu para 14%. Além disto, a pesquisa aponta que a discriminação contra sujeitos homossexuais no ambiente escolar nem sempre é visível, como na maioria das vezes ocorre na forma de *brincadeiras*, acaba por se manter velada. Entre as maneiras pejorativas usadas para nomear homossexuais, apareceram oito apelidos na pesquisa: *boiola (boiolão), bicha (bichinha e bichona), viado, Luz Clarita (referente a um personagem da novela Chiquititas), travesti, Vera Verão (referente a um personagem do programa A Praça é Nossa), sapatão e gay*.

Outra pesquisa publicada no jornal O Globo, mostra que 99% dos/as brasileiros/as com menos de 16 anos mostram-se preconceituosos/as em relação a sujeitos cuja orientação sexual se difere da heterossexual.



Publicada em 07/02/2009 às 20h42m

**INTOLERÂNCIA**

## Pesquisa mostra que 99% dos brasileiros têm preconceito contra homossexuais

O Globo



DÊ SEU VOTO



MÉDIA: 2,0

Comentários

SÃO PAULO. Só 1% dos brasileiros maiores de 16 anos não têm preconceito contra homossexuais. Entre 26% e 29% - mais de um quarto da população - assumem não gostar de gays, lésbicas, travestis ou transexuais. Os demais até disfarçam, mas 99% caíram na malha fina de uma pesquisa nacional feita pelas fundações Perseu Abramo, ligada ao PT, e Rosa Luxemburgo, mostra reportagem de Soraya Aggege, publicada neste domingo pelo jornal 'O Globo'.

O governo federal usará o levantamento para planejar novas políticas, e alerta que já detectou um desdobramento sombrio de tanto preconceito: a intolerância. A cada três dias de 2008, foi pelo menos um crime de ódio por orientação sexual no país, segundo o programa federal Brasil Sem Homofobia. Dentro de instituições públicas, principalmente nas polícias, a intolerância tem sido detectada. Além da violência física, o preconceito tem criado barreiras na educação e na saúde públicas.

“ O que mais chama a atenção na pesquisa é a quantidade de brasileiros que admitiu preconceito contra homossexuais ”

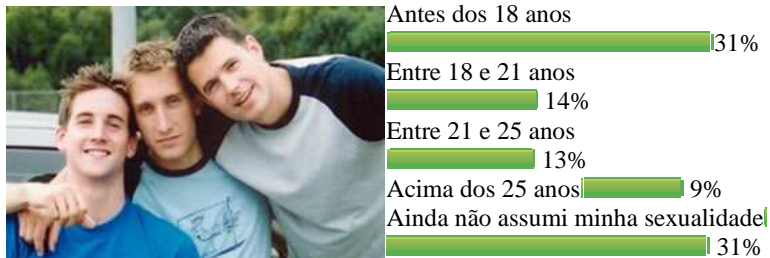
Reportagem

Se por um lado é possível observar a rejeição, o preconceito e as discriminações contra meninos e meninas, *gays* e lésbicas, por outro, algumas pesquisas apontam para um grande número de adolescentes e jovens que cada vez mais cedo assumem sua orientação sexual para família e colegas da escola. A pesquisa realizada pela Secretaria de Estado da Saúde<sup>8</sup>, em junho de 2010, durante a Parada LGBT de São Paulo, mostra que *um em cada três gays assume sua sexualidade antes dos 15 anos*. Foram ouvidas 211 pessoas entre 10 e 24 anos onde 31,3% afirmaram ter assumido a sexualidade diferente da heterossexual entre 10 e 14 anos, e 62,8% entre 15 e 19 anos, apenas 5,9% após 20 anos.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://cenag.terra.com.br/noticias\\_ler.php?id=MTQ0NQ](http://cenag.terra.com.br/noticias_ler.php?id=MTQ0NQ)> acesso 24 maio 2010.

## notícias

### Com que idade você revelou sua sexualidade?



Reportagem

Publicada na Revista Veja<sup>9</sup>, de 12 maio de 2010, uma extensa série de entrevistas destaca que os tempos em que vivemos cada vez mais se assume como o tempo da “tolerância”. A reportagem especial, intitulada “A geração tolerância”, aponta que *os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais, e nunca foi tão natural ser diferente quanto agora. É uma conquista da juventude que deveria servir de lição para muitos adultos.*



Revista Veja

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120510/geracao-tolerancia-p-106.shtml>> acesso 26 maio 2010.

Louro assinala a emergência de se olhar para (e problematizar) as questões de gênero na escola na intenção de superar a *fabricação das diferenças* e o cuidado excessivo das condutas comportamentais dos/as estudantes. A autora mostra que no ambiente escolar, desde *o modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos* produzem *corpos escolarizados* e reforçam as disparidades entre meninas e meninos. Este corpo vigiado, dono de uma *postura reta*, é então domesticado<sup>10</sup>, “torna-se” educado, e, na medida em que a escola *imprime sua marca distintiva sobre os sujeitos através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes* (2004, p. 62).

Recordo-me que, desde a infância, tanto na escola quanto em casa, as questões ligadas à sexualidade nem sempre foram esclarecidas. Por longos anos, muitas de minhas ansiedades e dúvidas continuaram presentes e sem respostas, dado o silêncio dos adultos (professoras, professores, pai e mãe). O silêncio atravessa gestos, olhares, expressões e palavras. Adquire forma. Conquista espaço! O silêncio emudece questionamentos, não diz, não anuncia... Cala! Quais significados existem no silêncio? Na medida em que surgem os jogos com as palavras, quando as regras são criadas, se estipula onde e quando se pode dizer sobre a sexualidade. De que forma pensar em alternativas para se problematizar a temática em meio ao silenciamento? Como famílias e escolas têm articulado estas questões com crianças e jovens?

O silêncio torna as coisas invisíveis. E, por fim, o silêncio forma-se em discurso.

[...] na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e

---

<sup>10</sup> Peter Sloterdijk (2000, p. 17) em *Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* analisa a natureza e a função do humanismo a partir da filosofia escrita, como textos filosóficos em distintos tempos e espaços formam amigos/as (por meio dos próprios textos). Explorando mais a relação de amor à distância que se estabelece entre o/a escritor/a de um livro ou carta filosófica com o/a leitor/a (intérprete) que propaga as mensagens, o autor contextualiza o humanismo como um esforço para tirar o ser humano da barbárie, diz que: *o tema latente do humanismo é, portanto, o desembrutecimento do ser humano, e sua tese latente é: as boas leituras conduzem à domesticação*. Ao aprofundar a idéia de domesticação, chama a atenção para o fenômeno do humanismo que hoje nos faz recordar que os seres humanos são *animais influenciáveis* e, portanto, passíveis de se tornarem campos de disputa de tendências bestializadoras e domesticadoras.

*públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça [eu acrescentaria família] etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios (LOURO, 2001, p. 30).*

Há, em minha compreensão, um grande distanciamento entre aquilo que teoricamente está exposto sobre a dificuldade de se abordar e reconhecer (independente da faixa etária dos/as estudantes) as questões relativas a gênero e sexualidade no ambiente escolar, com aquilo que nomeio de a “prática do assumir-se”, tornar as coisas como são, tornar visível a sexualidade, por exemplo, sem carregar sentimento de vergonha por apresentar desejos distintos de um padrão hegemônico de orientação sexual. Talvez seja possível dizer que hoje a escola se configura num espaço em que silencia diferenças, mas não consegue barrar na contramão deste silêncio a fluidez das identidades (de gênero, sexuais e outras) em seus corredores e salas de aula.

Os adolescentes e jovens “discretos/as” e silenciados/as na e da escola, podem também ser aqueles e aquelas que desfilam nas Paradas da Diversidade. Meninos e meninas que travestidos/as ou não, fotografam suas preferências nas avenidas, fazem-se visíveis, marcam diferenças em face das diferenças marcadas... A ruptura do silêncio é sacudida por um grito (musical) que parte do diverso. O clamor para serem percebidos/as ecoa nos trios elétricos que, hoje, percorrem todas as capitais e principais cidades brasileiras. Estes brados perturbam a ordem local, incomodam, geram discursos, paradoxos...

Se a Parada da Diversidade tem uma possível “aceitação” social que possibilita colocar na avenida as disparidades entre sujeitos heterossexuais, homossexuais, bissexuais e outros, pode-se observar também que, na medida em que o evento acontece, muitas falas são

direcionadas à manifestação<sup>11</sup> e não ao reconhecimento dos sujeitos – LGBT – em outros espaços sociais – fora da rua. O falar se dá mais pelas imagens produzidas, talvez pelo desarranjo da exibição dos corpos, o exagero da sensualidade, as fantasias caricatas e tantos outros elementos, que excêntricos ou não, fazem história, reinventam identidades, mostram a possibilidade de um mundo plural.

Então, talvez seja possível pensar que aquelas meninas e meninos que diariamente preenchem o *campo secreto* da educação – campo do silenciamento – onde as diferenças são caladas, ignoradas e até mesmo negadas, podem ser os/as mesmos/as sujeitos do ocultamento, suscetíveis às violências, preconceitos e discriminações dentro e fora do ambiente escolar. Embora hoje assumam com mais facilidade suas identidades de gênero, sexuais e outras, fazendo-se visíveis, há um longo caminho a ser percorrido para que esta “aceitação do diverso” saia do campo do “politicamente correto” para se tornar legitimada na sociedade, sobretudo, no que tange os aspectos educacionais.

---

<sup>11</sup> Alguns teóricos/as aproximam as Paradas da Diversidade do Carnaval - grande festa popular brasileira. Na obra *Além do carnaval*, Green (2000) analisa a homossexualidade masculina no Brasil durante o século XIX. Problematiza a visão estereotipada que o comportamento desinibido homossexual durante o carnaval cria uma imagem de que a sociedade brasileira tolera a bissexualidade e a homossexualidade na vida cotidiana. Ao considerar que ao longo dos anos, o carnaval brasileiro, com seu público masculino travestido de mulher, exhibe, dentro e fora do país, a imagem de uma convivência pacífica da sociedade com a (bi/homo)sexualidade, o autor apresenta que por debaixo das fantasias que alegremente exibem a descontração carnavalesca, sempre esteve (e porque não dizer que ainda está) escondida a não tolerância, mas o preconceito. A festa popular do carnaval é também estudada por Bakhtin (1997) que cunha o conceito de carnavalização apresentando um mundo às avessas, onde desaparecem as fronteiras entre pobres e ricos, os desejos se misturam e as dicotomias entre o bonito e o feio, o profano e o sagrado, o sublime e o vulgar são instauradas. Bakhtin aproxima a carnavalização dos ritos da Idade Média em que as ruas eram tomadas pelas camadas populares (ao menos em certos momentos históricos) para comemorar entre outras coisas, a liberdade de expressão. O uso de máscaras e/ou fantasias configurava o rito. A máscara permitia se esconder e assumir outras identidades ou ainda, ao não optar por seu uso o sujeito mostrava-se de cara limpa na multidão. Nas palavras do autor: “[...] *O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval, mas vive-se nele, e vive-se conforme as suas leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido uma “vida às avessas”, um “mundo invertido [...]*” (BAKHTIN, 1997: 122-3).



### ∴ As estruturas do silêncio ∴

Ao longo de nossa existência muitas regras e formas de comportamento são-nos repassadas na intenção de que vivamos uma vida considerada normal. Mas, o que entendemos por normal? É necessário colocar isto em questão. Como atribuímos ao longo de nossa existência predicados de normalidade para algumas coisas e para outras não? Legitimamos algumas identidades e outras não. Várias poderiam ser as respostas ou tentativas de respostas para esta indagação, porém posso apontar que o sexo é um dos reguladores da norma, conforme discutido por Foucault. De acordo com Butler (2001, p. 153-154):

*[...] a categoria do 'sexo' é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de 'ideal regulatório'. Neste sentido, pois, o 'sexo' não apenas funciona como norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla.*

Em outro momento Louro (2001, p. 15-16) diz que:

*[...] em nossa sociedade, a norma que se estabelece historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão 'os outros' sujeitos sociais que se tornarão 'marcados', que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Dessa forma, a mulher é representada como 'o segundo sexo' e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.*

As novas configurações de identidade sexual, por exemplo, continuam, a partir do sexo, a regular padrões de normalidade nas sociedades. As orientações sexuais que se diferenciam da heterossexual

– bissexual e homossexual – são marcadas pela diferença na qual a heterossexualidade é considerada uma prática de sexualidade estabelecida comonormal e, portanto, aceitável. É certo que tanto a categoria de sexo quanto as identidades de gênero e sexuais atravessam processos culturais, sociais, políticos, religiosos e plurais. Nestes processos, as práticas discursivas que reforçam a normalidade em distintos espaços sociais vão se constituindo historicamente.

Sobre o termo identidade sexual Britzman (1996, p. 74) expõe que não se refere à tentativa de discutir as causas da heterossexualidade, homossexualidade e/ou bissexualidade, para a autora:

*[...] nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida/ nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda a identidade sexual é um constructo instável e volátil, uma ‘relação social’ contraditória e não-finalizada [...] a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais de gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular.*

Sobre as pesquisas desenvolvidas na área da Educação, Britzman (1996) aponta que tem procurado pensar sobre a identidade de forma complexa, pautando-se na própria história teórica do conceito de identidade. Assim a autora propõem discorrer sobre *uma noção que veja a identidade como fluída, parcial, contraditória, não-unitária*, que considere os aspectos sociais na construção da identidade.

*[...] pensar a identidade significa não apenas ver esses elementos como efeitos constitutivos das relações sociais e da história, mas também como capazes de rearticular o desejo e o prazer. Quando se trata de questões de desejo, de amor e*

*de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade (BRITZMAN, 1996).*

É a partir destes pensamentos que trago para a reflexão os episódios/notícias, por exemplo, o cotidiano escolar. A escola aqui é um *locus* de anúncio entre outros, entretanto é a sua paradoxal condição de ao mesmo tempo ser uma instituição fomentadora e de desleitura da diferença. Ou seja as tramas dos diferentes sujeitos, sobretudo, aquelas e aqueles que por terem uma identidade sexual diferente da hegemônica e/ou por destoarem dos padrões comportamentais estabelecidos como normais, possivelmente são alvo da vigilância e controle social.

O cenário da Parada da Diversidade é eleito como um ponto de partida para a reflexão em torno destes sujeitos “desviantes” – meninas e meninos em idade escolar – e a forma como se dão (ou não) às abordagens de gênero e sexuais na escola e para além dela. Além das cenas que vão surgindo, o próprio cenário da sala de aula e a forma com que ao longo do ano crianças e adolescentes falam das diferenças sexuais, na maioria das vezes não adotando os termos apropriados, mas se expressando de forma pejorativa nas brincadeiras, nos xingamentos, na exclusão, ou mesmo quando comentam sobre assuntos pontuais, como a Parada da Diversidade, por exemplo, – se conhecem alguém que já foi, o que acontece lá, as coisas que mais gostam, se participam em grupo com amigos/as da escola, enfim... – aqui, o desafio é refletir sobre estas cenas considerando os eixos educação/identidades de gênero e sexuais.

Compreendo que estas e outras temáticas não estão dissociadas, elas atravessam a vida e o cotidiano de meninas, meninos, jovens e adultos/as. Elas estão na escola, na família, nas igrejas, nas ruas, nos supermercados, nos *shoppings*, nas universidades, nos programas de TV e em outros lugares. Elas ganham sentidos diversos de cultura para cultura, especialmente na cultura da escola. A esse respeito Britzman (2001, p. 85) afirma que:

[...] a cultura da escola faz com que respostas estáveis sejam esperadas e que o ensino de fatos seja mais importante do que a compreensão de questões íntimas. Além disso, nessa cultura, modos autoritários de interação social impedem a possibilidade de novas questões e não estimulam o desenvolvimento de uma curiosidade que possa levar professores e estudantes a direções que poderiam se mostrar surpreendentes.

Direções surpreendentes? Como???

Criando uma escola diferente? Uma escola *trans/desviante*<sup>12</sup>? Quem sabe reconhecendo (outras) pedagogias que possibilitem a equidade entre meninas e meninos, sobretudo, nas distinções que as/os marcam enquanto seres-no-mundo? Seria o caso de criar uma escola para os/as sujeitos do diverso?

Tão surpreendente quanto as perguntas é a novidade que segue. Em março de 2010, na cidade de Campinas-SP foi inaugurada a primeira escola voltada para os sujeitos LGBT. Trata-se de um marco mundial, pois o Brasil criou a segunda escola deste gênero na América-Latina. A “Escola Jovem LGTB<sup>13</sup>” oferece cursos técnicos de Expressão Literária, Expressão Cênica e Expressão Artística, e ainda curso para formação de *Drag Queens*<sup>14</sup>. Entre os objetivos da instituição está fazer circular pelo Estado de São Paulo o material produzido pelos/as alunos/as - entre eles, CDs, DVDs, livros, revistas, peças de teatro e espetáculos de *Drag Queens*. Embora a escola volte-se para este público, os/as candidatos/as heterossexuais também são aceitos/as.

---

<sup>12</sup> Uso este termo para pensar na pluralidade cultural, nas sexualidades e também nos corpos e identidades marcadas e rotuladas como *desviantes* da *norma* por possuírem uma orientação sexual diferente da hegemônica: a heterossexual. Aprofundo esta reflexão no artigo intitulado: *Identidades Trans/desviantes*.

Disponível em:

<<http://www.ie.ufmt.br/semiedu2009/gts/gt2/ComunicacaoOral/AMANDA%20MAURICIO%20PEREIRA%20LEITE.pdf>>

<sup>13</sup> Disponível em: <[http://cenag.terra.com.br/noticias\\_ler.php?id=MTM4NQ==](http://cenag.terra.com.br/noticias_ler.php?id=MTM4NQ==)> acesso 23 maio 2010. Site da escola: [www.e-jovem.com/escola\\_jovem\\_lgbt.html](http://www.e-jovem.com/escola_jovem_lgbt.html)

<sup>14</sup> Homens que vestem roupas femininas e produzem uma imagem do feminino-exagerado, fazendo uso de maquiagem e outros adereços.

Segundo Deco Ribeiro, diretor da escola, a intenção também é a de combater a homofobia e colocar em discussão a temática da população *gay* que, em geral, não é veiculada em currículos de estabelecimentos de ensino tradicional.



Inauguração da Escola Jovem LGBT

Questiono: ações como estas, incluem ou excluem?

Se por um lado lésbicas, *gays*, travestis, transgêneros, transexuais e outros sujeitos podem ter a experiência de estudar num local onde não exista chacota, nem perseguições e violências, pois supostamente estes elementos ficam do outro lado do muro desta instituição escolar, por outro, a inclusão e a equidade destes sujeitos noutras escolas, às ditas normais do ensino regular, parece permanecer à margem, fragmentada. A impressão que se tem é a de que ao se retirar da escola o sujeito que perturba a norma, que subverte os paradigmas, em alguma medida, a escola cai novamente no *campo secreto da educação*, que por sua vez silencia, ignora e/ou nega a presença daquilo que considera anormal.

Preocupa-me saber é se a invisibilidade do diverso é também marcada por repressões distintas em ambientes educacionais, familiares e demais espaços sociais. Ao tomar cenário da escola a fim de exemplificar como estas repressões podem ocorrer, talvez possamos imaginar que a escola possibilita aos estudantes sentir a coação manifesta por olhares repressores ao se considerar as diferentes orientações sexuais. Nada que denuncie ou dê indícios de que existe algo além de amizade, sobretudo, algum comportamento duvidoso ou oscilante entre meninas e meninas, e, meninos e meninos, é permitido. Uma multidão de sujeitos invade o cotidiano das vidas atravessadas pelo diverso para observar, julgar e recomendar correções quanto às condutas aceitas. Questiono: será que todo este esforço em corrigir condutas se dá em decorrência de um enraizamento cultural dos preconceitos existentes na escola? De que maneira as discriminações habitam ambientes educacionais – não só relativas à homofobia, mas as que também abrangem a população afrodescendente (racismo); contra mulheres (sexismo e/ou machismo) e ainda contra grupos sociais empobrecidos? Elas são problematizadas no tempo presente?

Ao retomar a questão da linguagem referente às formas de tratamento estabelecidas nas relações humanas, Louro (1997, p. 67) transpõe para além da escola a questão do silenciamento (que se-faz-discurso<sup>15</sup>) que tenta marginalizar determinados sujeitos de famílias, igrejas e demais espaços sociais:

*[...] mas a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento*

---

<sup>15</sup> Versarei sobre linguagem e discurso no capítulo: Desfiando Linguagens.

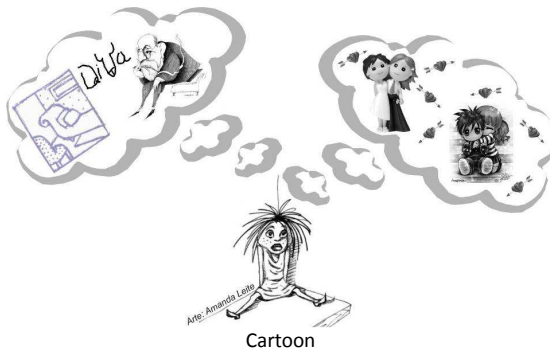
*do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classe, sexualidades etc.). Além disso, tão ou mais importante do que ‘escutar’ o que é ‘dito’ sobre os sujeitos, parece ser perceber o ‘não-dito’, aquilo que é silenciado – os sujeitos que ‘não são’, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola.*

Além do silenciamento, o cuidado diante dos corpos, das condutas, da construção da identidade de gênero e sexual é algo que não está somente no recinto escolar, mas vaza para outros espaços sociais. Jeffrey Weeks (1986, *apud* BRITIZMAN, 1996) afirma que: *o gênero (a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher) e a sexualidade (a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais) tornaram-se duas coisas inextricavelmente vinculadas. O resultado disso é que o ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece, algumas vezes, a suprema transgressão.*

Ao voltar o olhar para além das salas de aula é possível questionar se a compreensão da homossexualidade enquanto uma patologia foi superada na atualidade. Quantas meninas e meninos foram (e continuam sendo) ao longo da história encaminhadas/os aos profissionais da saúde? Quão grandemente são as curiosidades sobre as alterações do corpo humano, por exemplo, que na maior parte das vezes não são trabalhadas na escola, tampouco nas famílias. Talvez mesmo em tempos atuais o silenciamento de pais, mães e professores/as diante de

temas considerados delicados e/ou polêmicos ainda se dá sob o argumento de que crianças, principalmente as mais jovens, não necessitam dialogar sobre as sexualidades ou em casos peculiares necessitam de ajuda especializada o que faz com que muitos adultos conduzam crianças – tendenciosas a desvios de conduta – a profissionais da saúde<sup>16</sup>.

A prática de encaminhar possíveis homossexuais para psiquiatras, psicólogos, terapeutas é bastante conhecida. Durante muito tempo a homossexualidade foi considerada patologia e imagino que por concebê-la assim é que algumas mães e pais ainda hoje na esperança de “curar” meninas e meninos de um possível desvio procuram ajuda.



Cartoon

## .: Homossexualidade: todos os nomes .:

Sobre a homossexualidade como patologia, Fry e Edward MacRae (1983) abordam a forma como a medicina influenciou (e ainda influencia) a construção social do/a homossexual moderno/a. De acordo com os autores, desde a segunda metade do século XIX surgiu na Europa e no Brasil uma grande *preocupação médica com a homossexualidade* e com as formas como se dão as relações sexuais dentro e fora do casamento. A ideia de saúde foi atrelada à *saúde da*

<sup>16</sup> Vale lembrar que este tema também foi trabalhado no final XIX por Freud ao afirmar a existência da sexualidade infantil. Até aquele momento as crianças eram consideradas puras e assexuadas, contudo, a partir de seus estudos observa-se que a sexualidade existe desde o nascimento até a puberdade. Estas novas descobertas mexem com as estruturas das sociedades mais conservadoras. Freud assinala que a sexualidade infantil desenvolve-se em cinco fases: oral, anal, fálica, latência e genital.



*família* e neste sentido, a sexualidade passou a depender do controle da nação.

Em 1906, o médico Pires de Almeida (na contramão de Freud) escreveu: *mais que todos os seres, o homem, pelas suas paixões e por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo as fontes de vida.* A partir de então, médicos de distintas localidades passaram a *reivindicar a autoridade de falar a verdade sobre a sexualidade.* Fry e MacRae afirmam que *são eles (médicos) os agentes da gradual transformação da homossexualidade de ‘crime’, ‘sem-vergonhice’ e ‘pecado’ para ‘doença’, ao longo dos anos que seguem.* Considerava-se que o crime<sup>17</sup> merecia *punição* e a *doença* exigia *cura e correção* (FRY & MACRAE, 1983, p. 61).

Em 1869, o médico Karoly Maria Benkert cria o termo homossexual para referir-se aos sujeitos que praticam relações com pessoas do mesmo sexo. O médico Karl Heinrich Ürichs, durante as décadas de 1860 a 1890 escreveu abundantemente sobre o termo *uranista*, que foi criado a partir da deusa Urânia, a qual, na mitologia de Platão corresponde *ainspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo* (FRY & MACRAE, 1983, p. 61).

Considerando o registro de Fry&MacRae (1983) em torno da patologia atrelada à homossexualidade ao longo da história, muitos médicos contestaram as causas do *homossexualismo*. Para Krafft-Ebingo *homossexualismo era ou uma patologia congênita ou uma mera perversão quando praticado por pessoas uranistas.* Este médico foi um dos pioneiros nos estudos sobre a homossexualidade, ao coletar inúmeros depoimentos de pacientes e ao publicá-los mais tarde em seu livro *Psicopatia Sexualis*. A síntese de Krafft-Ebing foi a de que os *uranistas* sofriam de uma *mancha piscopática*, que mostrava *sinais de degenerescência anatômicos*, que sofriam *histeria, neurastenia e epilepsia[...]* na maioria dos casos, *anomalias psíquicas (disposição brilhante para a arte, especialmente música, poesia, etc., ao lado de poderes intelectuais maléficos ou excentricidade original).* Acrescentava ainda que poderia haver *condições salientes de*

---

<sup>17</sup> Sobre a criminalização da homossexualidade ver GREEN, J. e POLITO, Ronald. (2006).

*degeneração mental (imbecilidade, loucura moral)* (FRY & MACRAE, 1983, p. 64).

No Brasil, de acordo com Green (2000, p. 192) o estado necessitava reagir a patologia social e tentar curar a perversão sexual. *Assim como o corpo social brasileiro dos anos 20 e 30 estava 'fora de controle' com as inquisições políticas e sociais, do mesmo modo, ao que parece, estava o corpo homossexual, cuja disfunção do sistema hormonal levava a uma conduta imoral e degenerada e cujo comportamento desafiava os padrões estabelecidos de masculinidade e feminilidade.* Mas afinal, a homossexualidade era uma doença biológica, psicológica ou mera sem-vergonhice? Fry&MacRae (1983, p. 64-65) destacam:

*[...] a partir dos trabalhos de Krafft-Ebing, Ulrichs, Pires de Almeida e outros, a grande controvérsia nos meios médicos girou em torno da questão das causas da homossexualidade. Enquanto alguns acharam que as causas eram basicamente biológicas (hereditariedade, defeitos congênitos ou defeitos hormonais), outros explicaram a homossexualidade em termos do meio ambiente social. Em geral, esses primeiros teóricos distinguiram entre os uranistas de verdade, ou 'invertidos', cuja homossexualidade era biológica e, portanto, os eximiam de qualquer culpa ou responsabilidade, e os 'pervertidos', em geral 'homossexuais ativos', que praticavam a homossexualidade por pura 'sem-vergonhice' [...] assim é que surge o 'homossexual' que é esquizoide, paranoide etc.*

Considerando as afirmações de Green (2000, p. 192) a filosofia ideológica que operava no Brasil entre as décadas de 1920 a 1930 autenticava médicos, psiquiatras, juristas e criminologistas para *descobrir e estudar as doenças e conseqüentemente propor suas curas a fim de promover uma nação saudável e vigorosa.* Além da medicina, outras áreas dedicaram suas pesquisas a encontrar possibilidades para a resolução do *problema* social que era a homossexualidade. O estudante do Instituto de Criminologia de São Paulo, Aldo Sinisgalli, em junho de 1938, apresentou um manifesto político em que *defendia a prisão, o*

*confinamento, o tratamento e a cura de todos os homossexuais do Brasil:*

*[...] os homossexuais, os pederastas, não são homens normais.*

*Como anormais precisam de tratamento adequado.*

*A punição, reclusão em presídios, é injustiça e não traz o mínimo resultado prático.*

*Deixar em liberdade elementos perniciosos é perigoso e prejudicial à sociedade.*

*Logo, um instituto para pederastas se faz necessário.*

*No instituto para pederastas estes seriam tratados, reeducados.*

*Far-se-ia a seleção profissional, gozando os invertidos de uma relativa liberdade.*

*Propugnamos por um dispositivo legal permitindo a internação dos pederastas perniciosos ao meio social nesse instituto.*

*Desse modo beneficiaremos a sociedade e os invertidos.*

*Desse modo resolveremos, científica e humanamente, esse problema social.*

*Desse modo – tenha a certeza – glorificaremos a nossa terra e a nossa gente! (GREEN, 2000, p. 217).*

Embora no Brasil a homossexualidade não fosse considerada crime e não estivesse no Código Penal Brasileiro como ocorria em outros países, a associação entre policiais, psiquiatras e médicos era fortemente marcada. A medicina exercia certo controle à homossexualidade e se achava no direito de praticar ações correcionais em delinquentes. Além disso, acreditavam que poderia declarar que um homem que sofria da doença homossexualismo poderia ser encarcerado em prisões e/ou manicômios<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Na obra *Os anormais*, Foucault (2001) reflete sobre os procedimentos jurídicos tradicionais da punição até as formas de um saber/poder de normalização. O autor identifica mecanismos

Depois de classificar a homossexualidade como doença, a medicina buscava a possibilidade de cura. Neste sentido, as ações médico-pedagógicas entravam em vigor. De acordo com Fry&MacRae (1983, p. 66):

*[...] todos os homens classificados como homossexuais são agora sujeitos ao tratamento médico-pedagógico. [...] provado que o homossexualismo é, em grande número de casos, uma consequência de perturbações do funcionamento das glândulas de secreção interna, logo surgiu a possibilidade de seu tratamento. Nos casos dos indivíduos, cuja homossexualidade é resultante do meio ambiente, propõe-se medidas pedagógicas [...] em muitos casos, sobretudo quando está em jogo o filho único, em que é predominante a influência materna, a solução será o **afastamento do ambiente familiar**, a fim de que a criança possa privar com pessoas de sua idade e de sexo contrário [...] é preciso **suprir os carinhos** e facilidade do ambiente familiar [...] em tais casos é **inútil a internação em colégios onde haja dormitórios coletivos, sem fiscalização rigorosa**, na convivência exclusiva com crianças do mesmo sexo (grifos meus).*

E acrescentam que:

*[...] o que chama de cura, não passa de um eufemismo para punição. Isto é evidente no tratamento através da lobotomia, castração, etc. a que são submetidos os homossexuais detidos em certas prisões e manicômios [...] de fato, parece que na maior parte do tempo aqueles que dizem desejar curar os homossexuais estão mais interessados em colocá-los fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que*

---

pelos quais indivíduos ou classes consideradas “perigosas” para a sociedade necessitavam de “defesa social”. Foucault a partir do conceito de anormal problematiza como os saberes penais e jurídicos se encaminharam no fim do século XIX para uma psiquiatrização do desejo e da sexualidade. Analisando a disciplina, a norma, as estratégias de poder, o autor mostra os efeitos de poder que a psiquiatria instituiu na sociedade sobre homens e mulheres considerados/as “anormais”, patologizando condutas “anormais” em defesa da própria sociedade.

*usam para diminuir a sua possibilidade de prejudicar a sociedade (FRY e MACRAE, 1983, p. 72).*

Mas, a homossexualidade é doença? No quadro<sup>19</sup> abaixo, Bárbara Axt aponta alguns dos métodos que foram usados para reverter a homossexualidade ao longo dos anos.

<b>Força</b>	Nas colônias protestantes dos EUA, no século 17, a sociedade era tão puritana que esse era o destino de quem cometesse “atos indecentes”.
<b>Prisão</b>	Na Inglaterra, em 1895, Oscar Wilde foi condenado a ficar dois anos preso por seus relacionamentos “anti-naturais”.
<b>Hipnose</b>	No fim do século 19, tomou força a teoria de que a homossexualidade era uma doença mental, e deveria ser tratada. Em 1899, um certo Dr. John D. Quackenbos tratava com hipnose não só a homossexualidade como a ninfomania e a masturbação.
<b>Castração</b>	Em 1898, o Instituto Kansas de Doenças Mentais castrou 48 meninos. Certos pacientes buscavam voluntariamente a cirurgia de extração de testículos, acreditando que isso curaria seu desejo sexual.
<b>Choques</b>	Em 1937, em Atlanta, médicos prometiam que seus pacientes desistiriam do “vício” depois de dez sessões de eletrochoques.
<b>Aversão</b>	Nos anos 50, na Checoslováquia, pacientes tomavam uma droga indutora de vômito e eram obrigados a ver cenas de homens nus. Depois, recebiam uma injeção de testosterona e eram expostos a imagens de mulheres nuas.
<b>Lobotomia</b>	O tratamento foi usado no começo do século 20, até que, em 1959, um relatório do Hospital Estadual Pilgrim, em Nova York, avaliou 100 casos e concluiu que os pacientes continuavam homossexuais.

<sup>19</sup> Quadro disponibilizado edição 207 da Revista Super Interessante de dezembro de 2004. <<http://super.abril.com.br/saude/homossexualidade-doenca-444979.shtml>> Acesso em 04 abril 2010.

Edição 207  
dezembro/2004

**SUPER INTERESSANTE**

**JESUS PROIBIDO**

publicidade anúncio  
**e Guia do Estudante**

Quanta Ignorância!  
**Homossexualidade é doença?**  
por Bárbara Axt

Não. A comunidade médica é unânime ao afirmar que nenhuma orientação sexual é doença. Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria retirou a palavra da lista de transtornos mentais ou emocionais e a decisão foi seguida por todas as entidades de psicologia e psiquiatria no mundo.

Mas a questão voltou à tona nos últimos meses por causa de um projeto de lei - inédito no mundo - que está tramitando na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. O deputado estadual e pastor evangélico Édino Fonseca (PSC) propõe que verbas públicas sejam usadas no tratamento de pessoas que “voluntariamente optarem por deixar a homossexualidade”. No caso de menores, os pais poderão escolher se a criança ou o adolescente deve passar pelo tratamento. Para Édino, a homossexualidade é um distúrbio psicológico. “O tratamento vai desfazer os bloqueios que levaram aquela pessoa à homossexualidade”, diz.

Revista Super Interessante

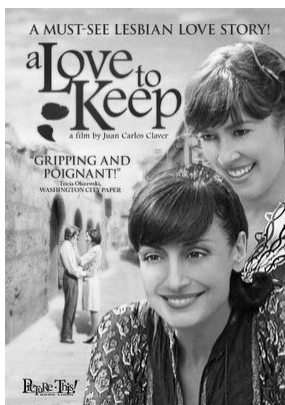
Depois de longos debates sobre a teoria biologicista que tinha na hereditariedade, nos defeitos congênitos e nos desequilíbrios hormonais a explicação para a homossexualidade, outras teorias procuravam mostrar que a possibilidade de correlacionar as questões de *cromossomos*, *hormônios* e *certos tipos de prazer sexual* não correspondiam à escolha da identidade social do parceiro (FRY & MACRAE, 1983, p. 70). Teóricos como Hirschfeld e Ellis chegaram a considerar que a homossexualidade era algo natural e que os homossexuais teriam direitos, *pois se eram homossexuais de nascença, ninguém tinha o direito de puni-los como criminosos*. Freud também emitiu algumas considerações a este respeito a partir da Psicanálise (FRY & MACRAE, 1983, p. 71).

Foi em decorrência das pressões dos movimentos homossexuais que a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Associação Americana de Psiquiatria em 1973.

*[...] ao longo dos anos, um número crescente de médicos e psicoterapeutas deixaram de tentar “curar” seus pacientes homossexuais, mas nem por isso deixaram de agir no campo da sexualidade. Aceitando em grande medida a idéia de que a homossexualidade é uma orientação*

*sexual tão aceitável como a heterossexualidade [...] falam não mais no homossexual por definição doente, mas do homossexual potencialmente 'saudável'* (FRY & MACRAE, 1983, p. 76).

A temática da homossexualidade concebida como doença muitas vezes serviu de tema para o cinema. O filme *A lovetokeep* (Um amor para durar), do diretor Juan Carlos Claver, uma produção espanhola do ano de 2006, baseia-se numa história real sobre o amor vivido por duas professoras, Pilar e Elvira, durante um dos mais turbulentos períodos históricos da fascista Espanha. A homossexualidade era ilegal na Espanha de Franco, por isso havia uma forte cobrança tanto da família quanto dos demais espaços sociais para que terminassem a relação. Ao descobrir que a filha é lésbica, a mãe de Pilar a interna num manicômio e isto muda a vida de Pilar e Elvira. Talvez seja possível pensar que várias histórias reais como essa tenham se desenrolado ao longo de todas as décadas em que vigorou essa compreensão sobre a homossexualidade. Alemanha nazista, Rússia stalinista, a Itália fascista... a lista parece associar política nas suas formas mais autoritárias como regime a repressão da homossexualidade.



Filme *A lovetokeep*

A trama acontece na década de 80, Pilar e Elvira decide dividir uma casa. O que a princípio parece ser algo comum passa a incomodar

as pessoas da cidade. Existe a repressão do diretor da escola que pede para Pilar se mudar da casa que divide com Elvira na intenção de evitar comentários, mas ambas permanecem juntas. O romance só acontece quando os “olhos da vigilância” – olhos da cobrança social – passam a observar com mais acuidade a conduta das professoras. A figura da mãe de Pilar é matriarcal, é aquela que toma as decisões e que diz aquilo pode ou não ser feito. O pai é um homem omissivo, passivo, figura que vê e permite com que as exigências da esposa sobre a sexualidade da filha aconteçam. A intolerância cultural e social da época contra a homossexualidade é fortemente marcada no filme.

Com base nos discursos da medicina que poderiam “curar” a doença da homossexualidade, Pilar é internada num manicômio para tratar-se. O tratamento oferecido baseia-se em sessões de eletrochoque, medicamentos fortes e castigos. Pilar é submetida a este tipo de tortura durante quatro anos, período em que permanece hospitalizada. Durante este tempo Elvira, que fora impedida pela família, segue as buscas para encontrar sua companheira. Pilar, “curada” da homossexualidade, recebe alta e passa a fazer todos os desejos da mãe. Após um ano, vivendo extremamente infeliz, num corpo domesticado, Elvira procura Pilar em sua casa, novamente não consegue vê-la, mas o pai de Pilar, num momento em que a mãe não está em casa, consente que a filha procure sua felicidade, diz que embora não fosse essa a vida que sonhava para a filha, desejava vê-la feliz.

Elvira e Pilar passam os anos mais especiais de suas vidas juntas quando Pilar começa a apresentar efeitos colaterais da forte medicação que recebeu no manicômio. Diagnosticada como maníaca depressiva Pilar passa a ter comportamentos bipolares variando do estado da mais plena alegria a mais densa tristeza. Elvira procura ajudá-la. A história deste amor é interrompida por Pilar, que comete suicídio cravando várias facadas contra seu corpo, desfalecendo nos braços de sua amada. Ao jurarem morrer juntas, Elvira se cobra e tenta acabar também com sua vida usando a mesma faca, contudo não consegue, é socorrida e hospitalizada a tempo. No hospital narra toda a sua história para o psicólogo, mas acaba sendo presa pelo assassinato de Pilar. Elvira vai a julgamento. Nos *flashes* do passado recorda o quanto amou Pilar e quão duras foram às violências sofridas por assumirem uma orientação sexual diferente dos padrões hegemônicos.



Trago este episódio para pensar nas questões atuais das identidades de gênero e sexuais. Quantas “Elviras” e “Pilares” ainda sofrem com a intolerância social de uma orientação sexual diferente? De fato os tratamentos médicos hoje são outros, mas, quantas mulheres e homens homossexuais e bissexuais continuam a buscar ajuda psicológica, terapias alternativas e outras formas de “tratamento” por compreenderem que tem algum desvio ou distúrbio concernentes as sexualidades? É claro que a questão não é caracterizar uma vitimização, mas uma condição histórica.

O filme mostra um acontecimento real assim como os episódios narrados anteriormente que buscam retratar um pouco da trama e do drama vividos no cotidiano de sujeitos LGBT. Ao longo da história a homossexualidade sofreu várias alterações, contudo, a intolerância parece permanecer entre inúmeros sujeitos de diferentes épocas. Questiono: como a escola, a família, a igreja e outras instituições sociais vigiam corpos e comportamentos hoje? Na busca pela normalização social, como algumas sexualidades são (des) legitimadas? De que forma as identidades de gênero e sexuais são escondidas e/ou omitidas nas culturas e nas sociedades?

Na *Revista Mente Cérebro* de junho de 2008, na reportagem especial intitulada *Outras formas de ser família*, a professora Anna Paula Uziel apresenta uma breve reflexão em torno dos sufixos *dade* e *ismo* referentes à homossexualidade e homossexualismo. De acordo com a autora *o termo homossexualismo era utilizado até 1985 pela Classificação Internacional de Doenças (CID), publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS) – na qual aparecia na categoria de distúrbio mental*. Ainda que o sufixo *ismo* não tenha o significado de doença, os movimentos homossexuais, por intermédio de seus militantes, *acreditam que o vocábulo ‘homossexualismo’ traz consigo um ranço cultural pejorativo*. Assim, foi adotado o uso de *homossexualidade* com o intuito de ser menos discriminatório (UZIEL, 2008, p. 60).



Participantes manifestam-se na 14ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo<sup>20</sup>

Embora socialmente a homossexualidade não seja mais considerada uma doença, inúmeras formas de violências são atreladas a ela. Para reforçar esta afirmação trago a matéria de capa da *Revista Isto É*<sup>21</sup>, de maio de 2009, que apresenta numa reportagem intitulada *A sociedade secreta dos novos NAZISTAS BRASILEIROS*, um grupo de homens que, assim como Hitler, pretendem exterminar homossexuais, judeus e raças impuras. A finalidade é criar uma *Neuland*, palavra de origem alemã que traduz a ideia de *terra prometida* ou *nova terra* onde o lema seria: *união, justiça e liberdade*. A reportagem afirma que o grupo têm *ligações internacionais, armas e até um plano de governo para dividir o país*; mulheres não fazem parte e aos negros somente lhes são autorizadas participações se os mesmos forem de raça pura, todavia jamais atingirão algum cargo de chefia.

Ao retomar os aspectos culturais das meninas e meninos que habitam o cenário escolar, talvez seja possível observar que tanto nas pequenas cidades do interior do Brasil quanto em distintos espaços sociais e ainda nos meios de comunicação – *Internet*, televisão, revistas, filmes, etc. – grande parte dos discursos produzidos sobre as diversidades de gênero e sexuais acabam por reafirmar a busca da

<sup>20</sup> Para ver mais imagens acesse: <http://g1.globo.com/sao-paulo/fotos/2010/06/parada-gay-em-sao-paulo-2010.html> 08 junho 2010.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2062/artigo135072-1.htm>> acesso 19 maio 2009.

“normalidade” dentro do contexto local e global; aparentemente há uma intolerância contra sujeitos cuja orientação sexual se difere da heterossexual.

É estranho que no Brasil, país caracterizado pela mestiçagem de gerações, raças e etnias, organizações como a do grupo dos “Novos Nazistas” exista com estas finalidades. Ainda na mesma revista, noutra matéria<sup>22</sup> sobre questões referentes às conquistas da cidadania *gay* e dos direitos humanos são exibidos importantes avanços da justiça em casos que beneficiam casais homossexuais, tanto nas questões de adoção de crianças por família homoafetiva<sup>23</sup>, quanto a benefícios para parceiros e parceiras do mesmo sexo.

Cabe enfatizar que neste mesmo contexto, no qual algumas ações são encaminhadas positivamente no sentido da igualdade e dos Direitos Humanos, é possível encontrar posições como a do desembargador Cláudio de Mello Tavares, que ao avaliar um pedido de ação popular impetrada no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro para devolução aos cofres públicos dos recursos doados pelos governos estadual e municipal para a última Parada do Orgulho *Gay*, defendeu que *não se pode negar aos cidadãos heterossexuais o direito de, com base em sua fé religiosa ou em outros princípios éticos e morais, entenderem que a homossexualidade é um desvio de comportamento, devendo ser reprimida e tratada*. Isso mostra que a herança cultural experimentada pela escola e em tantas famílias permanece viva, na contramão da luta política por liberdades.

A fala foi classificada por Cláudio Nascimento<sup>24</sup> como homofóbica, o conteúdo do processo chegava a usar *o termo ‘doença’ para se referir à homossexualidade*. Em seguida o desembargador justificou que o texto foi alterado por conter *um erro de digitação*. Cláudio de Melo Tavares informou: *quis apenas defender a liberdade de expressão*, no entanto este episódio foi rebatido pelo advogado

---

<sup>22</sup>Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2062/artigo134985-1.htm>> acesso 19 maio 2009.

<sup>23</sup> Refere-se à família formada por casais de pessoas do mesmo sexo. Ver Costa (1992, 1995, 1998) e DIAS (2004).

<sup>24</sup> Integrante do grupo Arco Íris (RJ) que realiza a parada.

Roberto Gonçale da OAB, ao afirmar: *ninguém pode, ao se expressar, ferir a dignidade do outro. E foi isso que aconteceu.*

Esta contextualização talvez nos mostre que para se controlar a homossexualidade rotulam-se as pessoas, lançam-nas num enquadre de sentido único – norma (estabelecida socioculturalmente) – que vigia e muitas vezes pune aqueles/as que se desviam dos padrões de conduta desejáveis. Há um esgotamento diante da nomeação do outro. Cada vez mais letras diversas compõem siglas de vários segmentos que parecem não dar mais conta de (re) apresentar tantos arranjos e identidades. O significado explode numa palavra: diversidade. Será possível dar um sentido à pluralidade? Deslocamentos...

Sabemos que a compreensão em torno da homossexualidade modificou-se ao longo da história, porém, sua classificação como doença parece permanecer em alguma medida, até mesmo entre pessoas com escolarização, como visualizamos no episódio acima. Pode ser que por conceber a homossexualidade como patologia muitas mães e pais encham consultórios médicos com meninas e meninos que aparentam ter uma orientação sexual diferente da heterossexual. Tenho a impressão de que recorrer aos profissionais da saúde ainda tem sido uma estratégia que visa tratar – no sentido curativo da palavra – questões relativas às sexualidades. Contudo, há também o outro lado, onde sujeitos homossexuais e/ou bissexuais e de resto heterossexuais procuram compreender mais sobre sua sexualidade nas terapias.

O próprio debate sobre os Direitos Humanos é algo que precisa ser (re)pensado em distintos contextos no tempo em que vivemos. O que está em jogo não é investigar o que se esconde atrás das ações, mas considerar o percurso, a travessia, a experiência que as circunstâncias vividas têm para constituir nossas identidades. Como os episódios narrados até aqui acontecem no presente? Eles se repetem nas tramas de outras histórias ou assinalam um *continuum* cultural? A reflexão prossigue em aberto.

Os acontecimentos que apresento ilustram também como diferentes formas de violências são praticadas culturalmente e socialmente contra sujeitos que se “desviam” da heteronormatividade que tem na heterossexualidade, o modelo de orientação sexual que normatiza comportamentos sociais. Enquanto problematizo algumas cenas questiono: quais experiências ocorrem quando famílias expulsam

meninas e meninos homossexuais e/ou bissexuais de suas casas subsidiados/as na ideia da patologia? Como os sujeitos LGBT experienciam tal acontecimento? De que forma mães, pais, professores/as, padres, pastores e outros materializam “punições” extensivas àqueles/as cuja orientação sexual se difere dos padrões hegemônicos? Como avançar da vitimização ao direito? Indago ainda sobre quais ações as escolas têm feito (e se tem feito) para avançar o diálogo sobre os novos arranjos de gênero e sexuais para além da vigilância exercida sobre os corpos. Na medida em que as pesquisas e a mídia dão mais visibilidade aos sujeitos LGBT no cenário brasileiro, será que os múltiplos discursos produzidos sobre as sexualidades permanecem impregnados por ranços culturais e sociais em diferentes espaços?

A máscara de um discurso “politicamente correto” sobre uma possível tolerância/aceitação com as imagens do diverso nas escolas, nas universidades, nas comunidades, nas famílias e em tantos outros lugares permite observar o paradoxo de que a diversidade parece conquistar espaço, sobretudo, no cenário escolar. Cada vez mais cedo adolescentes e jovens exibem publicamente suas preferências sexuais. Esta ação ao mesmo tempo em que rompe com o padrão de sexualidade heteronormativo, gera ruídos nas relações interpessoais. Se alguns estudantes fazem questão de se fazerem visíveis outros/as seguem clandestinos/as e talvez isto decorra do preconceito e da discriminação que as meninas e os meninos do diverso que habitam a escola padecem no cotidiano, tal como indicam as pesquisas a despeito da instituição da tolerância ou do/a tolerante instituído/a.

A escola na maior parte do tempo separa o corpo da mente, adentra olhares, estipula condutas, ignora e/ou nega algumas passagens, cai no *campo secreto* do silenciamento... se configura como um terreno marcado pela rigidez de padrões socioculturais a serem seguidos. Nas palavras de Louro (2004, p. 61):

*[...] por um aprendizado eficaz, continuado e sutil [...] gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali [na*

*escola] se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar, e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens – reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente.*

Quem sabe um dos complexos desafios que se estabelece na grande área da educação hoje seja romper paradigmas educacionais para articular de forma interdisciplinar temas (polêmicos ou não) que atravessam estas meninas e meninos em idade escolar. É atraente pensar: será que dá para educar sobre o diverso a partir das imagens da (parada da) diversidade, por exemplo?

É hora dos/as educadores/as repensarem suas ações na prática pedagógica, o contexto em que vivem e as relações que se estabelecem nas tramas diárias. Esta pesquisa busca compreender o (des) conhecido e escutar o incomunicável. Portanto, creio que este trabalho consegue tocar em muitas pessoas, trajetórias e experiências. As narrativas, as imagens, os gestos, os olhares, as expressões e os mundos distintos vistos por diferentes sujeitos e por vários ângulos podem permitir garimpar nuances (leituras) de possíveis mudanças no processo educativo, sobretudo da escola que produz diferenças e que pode reconhecer o diverso ao educar fazendo gênero.

## ∴ LENDO (OUTRAS) IMAGENS DO DIVERSO ∴

*[...] o fotógrafo se põe  
atrás de sua câmera,  
criando um pequeno  
elemento de outro mundo:  
o mundo-imagem, que  
promete sobreviver  
a todos nós [...]*  
(SONTAG, 2006, p.26).

### ∴ LADO A ∴

#### LENDO

A proposta deste segundo momento é pensar o diverso nas Paradas da Diversidade através da fotografia. A intenção é mostrar uma “parada” que você ainda não viu, mas que eu vi. Para tanto, apresento uma série de imagens feitas por mim que mostram um registro não convencional do evento. As imagens surgem como linhas de fuga das fotografias clichês<sup>25</sup> exibidas pelos meios de comunicação. A falta de enquadre tem o desafio de trazer para o centro as imagens que estão à margem e lançar para a margem as figuras que antes eram centrais. Neste novo arranjo imagético mesclo a marcação dos sujeitos *desviantes* (LGBT) com o espaço que ocupam na cidade.

Não estou interessada em apenas mostrar o diverso, mas, dividir (n-1) o performático e o não performático, os/as travestidos/as e outros elementos que permitem refletir sobre as imagens que destoam deste festivo universo colorido. Para esta tarefa exponho diferentes pontos de vista que em minha concepção sinalizam aspectos paradoxais na gigantesca festa da diversidade. Impulsionada pelo desejo de pesquisar o dito e o não dito presente no mesmo enquadre, busco tal como Kellner (1991), ler e compreender criticamente as fotografias considerando que

---

<sup>25</sup> Refiro-me as imagens que evidenciam o exótico, o exagerado, os corpos que desfilam as fantasias, o grande número de participantes, a enorme bandeira do arco-íris, etc.

as imagens comunicam para além do que nos é visível ou quem sabe, ver o detalhe do visível.

### **Foto-experiência**

*[...] a fotografia só ocorre uma vez:  
ela repete mecanicamente o que  
nunca mais poderá repetir-se [...]*  
(BARTHES, 1984, p. 13).

Se as imagens são composições, como elas são compostas?

O que habita seus planos?

Como ler um plano composto?

Para pensar nestas questões proponho o termo foto-experiência a partir do conceito de experiência de Larrosa (2002). A foto-experiência surge quando somos capturadas/os pelas imagens. Ao fotografar passamos não somente a registrar, mas os acontecimentos nos atravessam, nos afetam, passamos a conhecê-los quando os fotografamos. Num certo sentido, somos fotografados ao fotografar. A reflexão não se dá no instante em que focamos a lente da câmera e capturamos a imagem, este momento é posterior ao acontecimento da foto-experiência. No instante anterior ao *click* da captura a cena nos atinge, ela nos absorve, nos leva a outro lugar, revela o (des) conhecido, torna perceptível (outras) nuances que estão para além da visibilidade contida na fotografia. Tudo isso acontece numa fração de segundos, tão rápido quanto o disparo do *flash*. A foto-experiência enlaça concomitantemente o sujeito-fotógrafo/a e a cena fotografada no mesmo acontecimento. Depois a fotografia ganha independência. O olhar do/a fotógrafo/a é só mais um olhar diante de outros sujeitos que farão novas leituras da fotografia.

Na foto-experiência é a imagem quem primeiro aprisiona, captura. Os acontecimentos que passam pelas lentes num momento anterior fisgaram o/a fotógrafo/a por isso foram registrados por ele/a. A fotografia que para outras pessoas não é extraordinária, mas uma imagem trivial, para o/a criador/a e para o/a leitor/a (já capturados pela imagem) é a própria experiência, o movimento que revela a cena, que materializa o acontecimento. Como assinalam Deleuze e Guatarri (2007, p. 213) *o que conserva a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos que transbordam*



*a força daqueles/as que são atravessados por eles [...] a obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si.*

Arte. Sombra, linha, ponto, preto, branco, colorido, auto-retrato, muitos-retratos, jogo, luz, objeto, corpo, cidade, pintura... Abstrato. Concreto. Contemporâneo. Captura. Ação. Movimento. Composição. Fotografia...

Para Barthes (1984, p. 27-28) *a fotografia é a morte que o gesto do fotógrafo irá embalsamar*, portanto quando fotografamos vivemos uma *microexperiência* de morte. Ao fotografar nos tornamos *coisa* e isto não nos pertence mais, *não somos nem sujeitos nem objetos, mas sujeitos que se sentem tornar objeto*. Um *dever-coisa* da captura para fora de nós mesmos. No ato de registrar pessoas e objetos tentamos guardar um tempo/espço que diariamente se esvai, outros contextos e sentidos são produzidos no silêncio inapreensível das imagens.

Que(m) passa? O que olham? Para onde as lentes estão focadas?



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: A captura

A fantasia mais extravagante, o *glamour* das *Drags*<sup>26</sup>, a purpurina caindo, os balões coloridos enfeitando o céu, as plumas, os paetês, a partitura dos corpos dançantes, o emaranhado de desejos, a imensidão na rua, as identidades efêmeras, as experiências descontínuas... Que imagem os/as captura neste instante? Um discurso? Uma celebridade? O que marca o momento? Uma foto-experiência? Ao que nos parece às fotografias buscam imortalizar bons momentos. Assim digitalizamos as cenas especiais, o minuto singular que nos remete a um tempo-passado localizado entre a *morte* (captura da imagem) e a *vida* (que sobrevive na fotografia).

Portanto, a partir da captura e da produção de imagens descontínuas e não-lineares das Paradas da Diversidade procuro ver o texto (não-verbal) das fotografias. Alerto que a multiplicidade de leituras poderá deslocar o *sujeito-coisa* da imagem fotografada para novos lugares identidades. É assim que deslizo minhas reflexões para pensar estes paradoxos que se produzem nas imagens. A análise atravessa uma superfície de imagens inéditas capazes de gerar (outras) experiências em quem é capturado por este trabalho.

### **Fotografando e compondo...**

O homem empurra a bicicleta.

A multidão aglomerada caminha em várias direções.

As crianças colorem suas cabeças.

A mãe segura o cachorro...

Justapostas às imagens se invadem.

---

<sup>26</sup>*Drag Queen* termo usado para referir-se a homens que compõem um visual feminino-exagerado fazendo uso de maquiagem e adereços que chamam a atenção.



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **O ex-cêntrico.**

A fotografia é potência, ela comunica, expressa diferentes textos e linguagens, enfatiza e ofusca elementos numa mesma cena, também produz discursos, narra a relação de interdependência entre a imagem e o sujeito que a produz, sinaliza, especialmente, o sujeito da

(in)imaginação<sup>27</sup>. Na arte de fotografar aparecem modos de ver e de representar o acontecimento. Como as fotografias não possuem um caráter fixo, padronizado, elas podem deslocar olhares e sentidos desconexos da cena fotografada. Wunder<sup>28</sup> (2007) diz que *mesmo sendo um objeto produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, a fotografia possui uma força outra, efetua em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes, em tênues expressões e deixa a abertura para sentidos não determinados.*

Pensando sobre esta força/potência que move o-que-fotografa<sup>29</sup> a registrar o acontecimento, Barthes (1984) em *A Câmara Clara* fala do detalhe da captura da figura latente que ele nomeia de *punctun*. Ao fotografar, o sujeito é atingido pela fotografia que fere o/a fotógrafo/a. Nas palavras do autor, o *punctun* [...] *parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar* (Barthes, 1984, p.46-47). *O punctuné o inominável, o campo cego* (p.86), *a passagem de um vazio* (p.77), *a força de expansão* (p.73), *a mutação viva* (p.77). Esta minúcia não-nominável mexe com os sentidos, sentidos que escapam por não nos permitir nomeá-los.

*[...] com muita frequência o punctun é um detalhe. O detalhe que me interessa não é, ou pelo menos não é rigorosamente, intencional, e provavelmente não é preciso que o seja; ele se encontra no campo da coisa fotografada como um suplemento ao mesmo tempo inevitável e gracioso; ele não atesta obrigatoriamente a arte do fotógrafo [...]. Um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Pela marca de uma coisa, a foto não é mais qualquer. Essa alguma coisa deu um estalo, provocou em mim um pequeno abalo, um satori, a passagem de um vazio (BARTHES, 1984, p.76-77).*

---

<sup>27</sup> Processo reflexivo de captura que envolve o produzir imagens e ser produzido por ela. (In) imaginação: imagem para dentro do olhar.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT12-4367--Int.pdf>> acesso 26 julho 2010.

<sup>29</sup> Este termo é fruto das comunicações orais que tive com meu orientador e aqui se refere ao ato de fotografar.

O que proponho fazer aqui é pensar *pela* fotografia e não *sobre* a fotografia. Para tanto, apoio-me na foto-experiência que me possibilita dizer do lugar de quem foi (e é) atravessada pelas imagens registradas. Pensar *pela* fotografia assume ampliar o olhar para além da pintura, é refletir sobre os elementos que foram armazenados, mas, sobretudo, sobre o caráter vibrátil e variável que eles podem apresentar a ponto de notar no detalhe (*o punctum*) o equilíbrio e o deslizamento que a fotografia sugere.

Por um lado a fotografia assume a marca de um tempo-passado, um tempo que já não existe, como um *testemunho naturaldaquilo que foi* (BARTHES, 1984, p.139), por outro, sua força/potência nos permite elucubrar, movimentar sentidos diversos sobre a imagem que surge no tempo-presente. Entre morte e vida a fotografia grava tempo, lances, nossas experiências, nós. Ao se desprender do próprio acontecimento (a cena) ela inaugura um outro lugar em que as divagações são possíveis e desejáveis. Neste trabalho, ela dá margem a outras imagens da diversidade.

Gerações, raças, etnias, identidades nômade, diversidade! Tudo presente no mesmo enquadre. Quando isto aconteceu? Onde? A gigante avenida tornou-se minúscula ao comportar 3,5 milhões de pessoas. Fotografar, imortalizar a cena. Antes de *embalsamar* esta imagem fui capturada pela ideia de grandeza. As pequenas grades de ferro que dividiam o espaço (e que não aparecem na foto) me colocaram um nível acima da multidão e permitiram olhar além. Como ondas revoltas o mar (de gente) engolia a cidade. Vertigem. Movimento de sentidos. Di-verso.

A fotografia não mais me pertence. Um novo jogo imagético brinca com a cena, os gestos, os objetos, as pessoas. O que a imagem comunica agora não sou eu quem vê. O que você vê? Este é o ponto... A imagem se desenrola, se produz.



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2007: **O di-verso.**

As fotografias desejam narrar (sem palavras) momentos, contextos. A força/potência da imagem dá visibilidade às cenas de indiferença, discriminação, (in) tolerância, práticas políticas, discursos. Enquanto as imagens das Paradas da Diversidade vendem a ideia da festa, do colorido, de um mundo de faz-de-conta em que todos os sonhos e desejos são possíveis (ao menos uma vez por ano, quando os sujeitos da margem ocupam o centro), a dor e a tristeza escondida por traz do arco-íris não é veiculada. Algo resta na precissão.



Feira Cultural da Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **O resto.**

Penso que a repetição de elementos presentes nas fotografias exibidas na mídia sobre as “paradas” assim como a marcação do sujeito efêmero, os símbolos, as cores e demais características escolhidas para distinguir o evento de outros grupos sociais merece ser questionada. As imagens em tom ilusório nos fazem imaginar, por exemplo, que os sujeitos LGBT gozam uma vida de abundante êxtase. Deslumbram-se com tudo. Mas, o que pensar dos estigmas que carregam *gays*, lésbicas e bissexuais na sociedade heteronormativa? E as diversas violências a que são subordinados meninos e meninas cujo estereótipo avança contra a norma comportamental estabelecida socioculturalmente para papéis de gênero e sexuais? E os que silenciam a própria voz?

A visibilidade e a tolerância que hoje permitem a possibilidade da veiculação de inúmeras imagens do diverso em distintas instituições, incluindo universidades e escolas, caem dentro de um discurso do politicamente correto. É desejável tolerar o diferente, mas, respeitá-lo em suas diferenças ainda é um desafio. Há na repetição da exibição do

exótico o possível consentimento de que naquele dia – o dia do desfile – a lésbica, o *gay*, o/a travesti, o/a transgênero são aceitas/os e quanto mais extravagante se mostram mais engraçadas/os e toleráveis ficam. O uso do espaço (a avenida) com os adereços e badulaques molda a figura esdrúxula da/o *desviante* que num suplício parece protestar: olhem para nós! Somos excêntricos/as! Tirem foto!!! Joguem pipoca no parque humano!

Mas se a fotografia torna-se *coisa* independente, o que ela quer nos ensinar?

Para Wunder (2007) *as fotografias desarranjam os nossos discursos sobre as coisas e os seres; nelas, eles também ganham outras formas. Há a potência do corte, do apagamento, da sombra, da luz, da transformação das cores, em especial nas imagens preto e branco, da justaposição, do adensamento de corpos e da retenção do efêmero. As fotografias além de reterem marcas, também criam outras.* A marcação imagética geradora da foto-experiência atravessa a relação sujeito-imagem numa linguagem específica. Outros sentidos surgem independentes de terem ligação direta (ou não) com a imagem. Assim ao fotografar vão-se combinando o desejo de reter um momento (morte) com a abertura para novos significados, sentidos e leituras (vida). Apesar disso, o caráter superficial de que a fotografia torna a cena imortal exhibe paralelamente a morte de algo na cena, seja pela falta do cheiro, da textura, das formas, da coloração que se apaga, enfim, aspectos que limitam a inspiração de outras sensações.

Entretanto, quando examinamos uma fotografia somos afetadas/os por outra vida, a vida dos objetos, dos desenhos desconexos e dos gestos que foram interrompidos num contexto anterior e que agora produzem outros olhares, visões fragmentadas para aquela imagem que já havia sido vista, tal como marca Deleuze (2004, p.200), a fotografia como objeto (coisa) *possui um vivido*, uma força/potência, *mesmo não viventes, ou antes não-orgânicas, as coisas têm um vivido, porque são percepções e afecções.* Seria isto um plano de iminência fotográfica?

A multidão vai descendo a avenida. Olhares atentos percorrem as direções!

Um fotógrafo se posiciona. O sinal vermelho não impede a passagem. A mulher pega seu celular, duas outras mulheres também desejam registrar. Cada sujeito tem um ângulo. Em cada enquadre uma



oportunidade de conhecer o evento ao fotografá-lo. Olhares e visões multifacetadas... O que está em foco e fora do foco? Por que, nas fotografias, emolduramos certos objetos e seres e não outros? A escolha do enquadre seria um atravessamento da foto-experiência?



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **O dentro do dentro: a dobra**<sup>30</sup>.

Latência! Fissura de sentidos... Trânsito contingente... Pensar pela fotografia nos remete a um entre-lugar, espaço do inesperado, do desequilíbrio que nasce do encontro de imagens aprisionadas e sensações variadas num (in) finito movimento de sentidos que morrem e que vivem ao mesmo tempo. Mesmo conectadas a um tempo que já não mais existe as silenciosas fotografias nos deslocam para a deriva de uma nova experiência que suscita outros pensamentos (ainda que seja o desentendimento e/ou os sentidos desajustados) diante da imagem. Pensar pela fotografia consiste em pensar a partir da latência de sentidos: fotóptica.

A fotografia mostra em seu silêncio presença e ausência. Diz de um tempo-passado (que perdura no registro da imagem), de um tempo-presente (que pensa, imagina e deseja) um tempo-futuro (imprevisível, a ser produzido). Barthes (1984, p. 16) afirma que a fotografia é *inclassificável [...] seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja*

---

<sup>30</sup> GARCIA, W. A. C. *A Concepção de um Leitor-Produtor e o seu Desdobramento na Prática-Pedagógica*. Revista Cadernos, Florianópolis, Santa Catarina, v. 21, p. 46-56, 1995.

*a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos.* Então, o que as imagens comunicam?

Para Kellner (1991) há na contemporaneidade uma necessidade de ler as imagens e os enunciados através de uma pedagogia crítica visual. O objetivo é produzir um alfabetismo (crítico) visual, que alargue as leituras, as competências cognitivas de distintos conhecimentos e habilidades culturais, que abranja desde obras clássicas a anúncios publicados em jornais. Este alfabetismo visa emancipar o sujeito sobre a vastidão de imagens que o cerca. O que Kellner sugere é o desenvolvimento de uma análise crítica especialmente em relação à mídia, sobre as imagens que compõem os anúncios, suas mensagens e espetáculos. Busca-se com esta nova pedagogia tornar o/a leitor/a autônomo/a, apto/a a ler a variedade de elementos contemporâneos de dominação, a ponto de se envolver nos processos de transformação social.

No entanto, não estamos imersas/os somente num universo de imagens visuais. Encontrarmo-nos cercadas/os por artefatos sonoros, ambientais, de natureza estética e outros que compõe as diversas paisagens (de símbolos) por onde circulamos. Acordamos com o som do despertador, ligamos a TV, assistimos as notícias, concordamos, discordamos, emitimos opinião, vamos preenchendo nosso dia com imagens, programas de entrevistas, novelas, filmes, revistas, jornais, *outdoors* que estão no caminho de volta para casa... São imagens de várias espécies que compõem o que Postman (1985, *apud* KELLNER, 1991) nomeia como a *era do entretenimento*. Neste sentido Kellner (1991) adverte sobre a necessidade de uma nova pedagogia - o alfabetismo (crítico) visual na intenção de nos tornarmos sujeitos hábeis a ler os artefatos culturais, as imagens e suas formas sedutivas e fascinantes.

Mas e a reserva de sentido? E o incomunicável? E o inclassificável? Penso que Barthes nos alerta para certa ilusão “otimista” da comunicação e potencializa a fotografia com o não do sentido. Sendo assim, poderíamos visualizar tempos diferentes de percepção: 1) sentido manifesto, 2) sentido oculto e 3) o não sentido<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> GARCIA, W. A. C. A Semiosis Literária e o Ensino. *In*: Maria de Fátima Sabino Dias; Suzani Cassiani de Souza; Izabel Christine Seara. (Org.). Formação de Professores: experiências e reflexões. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2006, v., p. 172-177.

Voltando às Paradas da Diversidade. É possível observar um grande investimento do comércio<sup>32</sup> para atrair especialmente a clientela LGBT ao apresentar um mundo imensamente atrativo de festas, cores e artefatos que vislumbram os olhos do/a consumidor/a. Há, para todos os estilos, uma variedade de componentes que induzem o consumo de objetos que irão diferenciar as identidades durante o evento. As estratégias de venda dão visibilidade a um determinado grupo social e diversos símbolos surgem na intenção de distingui-lo de outros grupos. Os efervescentes anúncios mexem com o prazer, o desejo, a autoestima... Para desfilar na avenida não basta ir à rua, é preciso colorir-se, colocar alguma indumentária que identifique o sujeito.

É também neste espaço que o excêntrico se mostra. As pomposas *Drags*<sup>33</sup> fotografam, vendem seus CDs, agendam seus shows. A baiana comercializa fitinhas coloridas. As vitrines exageradamente enfeitadas exibem uma variedade de fantasias. As prateleiras da feira cultural têm bonecas, gravatas, bichinhos de pelúcia. Há inclusive um *sex shop* ao lado do anúncio de uma “igreja para todos<sup>34</sup>” e é neste contexto que muitos sujeitos parecem migrar da margem do anonimato para se tornarem destaque central. Um modo capitalista de subjetivação operado na diversidade? As (mesmas) imagens do diverso?

---

<sup>32</sup> Neste trabalho não me dedico a aprofundar a discussão sobre o comércio LGBT. Ver mais a este respeito em Facchini (2005) e Trevisan (2000).

<sup>33</sup> O termo *DragQueen* refere-se a pessoas de sexo masculino que se travestem de forma exagerada, expressam-se de forma engraçada e caricata, geralmente o fazem em eventos e locais destinados ao público LGBT.

<sup>34</sup> Em nota no *site* oficial da Igreja para Todos a participação dos/as membros/as na Parada da Diversidade justifica-se por *constitui-se em uma excelente oportunidade de evangelismo. Atuando durante a Parada, torna-se possível a um só momento abordar uma pluralidade de pessoas que de alguma forma procuram um encontro verdadeiro com o Senhor e, por uma série de razões, estão distantes*. Um dos diferenciais da igreja é a realização de casamento entre pessoas do mesmo sexo. A condição é que o casal esteja juntos/as no mínimo a uno ano e faça o cursinho de noivos/as. Para saber mais acesse: <<http://www.igrejaparatodos.com.br/>>



Feira Cultural – Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **Mercado Público.**

Ao fotografar sujeitos, objetos, anúncios e informações, cabe indagar de que forma as imagens são construídas? Como elas mexem com os sentidos? O que sabemos sobre elas?

O exercício de ler imagens não é uma tarefa simples, este tipo de leitura implica em apreciar, (de) codificar, interpretar e analisar *tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas, quanto elas*

*comunicam em situação concretas.* Aquilo que num primeiro momento nos parece natural, comum, numa análise pelo alfabetismo crítico, torna-se estranho, não familiar, passamos a observar a forma, a composição da linguagem, dos discursos e dos signos que as compõe; atentamo-nos a elementos que social e culturalmente determinam e/ou constroem comportamentos e, concomitantemente, são passíveis de mudanças (KELLNER, 1991). Além de tudo, tudo pode ser falacioso diante do invisível.

Enquanto alguns participantes assistem as Paradas da Diversidade passar, outros, influenciados/as (ou não) pela imagem/propaganda, fazem questão de exibir a si, de marcar sua presença na avenida. Fantasias, maquiagens, adereços e muitos badulaques evidenciam a passagem pelo evento, seja de maneira extravagante ou num jogo mais brincado, estes enfeites corporificam, diferenciam e tornam excessivamente visíveis o singular na multidão. Deste modo, compõe a fotografia este encontro, esta saturação da visibilidade?



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **Deslocar, deslocar.**

Uma enorme borboleta pousa no meio da avenida, sobre suas asas há uma multidão que a observa. Algumas pessoas dançam, outras fotografam, outras permanecem estanques em seu casulo. É preciso olhar para trás para não perder a pose da dama de vermelho que com seu leque aberto refresca os olhares quentes de quem a aprecia. Carnaval? Não! São (outras) imagens do diverso na diversidade... Talvez as “paradas” possam ser vistas como região de fronteira que, ao mesmo tempo, expõe a presença/ausência do normal e do *desviante* em algumas de suas imagens.

## Fotografando e compondo um pouco mais...

*A arte é a linguagem das sensações,  
que faz entrar nas palavras,  
nas cores, nos sons ou nas pedras.  
A arte não tem opinião [...]  
(DELEUZE E GUATARRI, 2007, p. 228).*

*[...] eu só me interessava pela Fotografia  
por “sentimento”; eu queria aprofundá-la,  
não como uma questão (um tema),  
mas como uma ferida: vejo, sinto,  
portanto noto, olho e penso [...]  
(BARTHES, 1984, p. 39).*

Parada da Diversidade sem bandeira do arco-íris? Onde está a multidão? SilvettyMontilla, Léo Áquila, Selma Light, Marluce May, KáthiaKarão, Rogéria, Leão lobo...Cadê as celebridades? Onde estão os colossais trio-elétricos? As faixas? Os *gogo-boys*? Não vimos ainda à barriga tanquinho, os peitos de fora, os músculos fortes... Não tem corpos nus? Cadê as fotos das *Drags* enlouquecidas e das frenéticas bichinhas?

Cores, linha, sombra, luz, composição...

A proposta de pensar o evento pelas fotografias que fiz faz conhecer imagens incomuns que fogem da clássica centralização do sujeito balbuciante, exagerado, efêmero e desvairado. O enquadre fora de centro se atém a outros detalhes, mostra o mendigo, o mar, a borboleta, o sinal vermelho, a baiana, um leque... Fotografias que parecem ecoar vozes de tantos sujeitos que me pergunto: o que elas e eles querem dizer? Si-len-ci-o-me.

Retomando a questão sobre a arte ser a *única coisa no mundo que se conserva em si*, é preciso ter em mente que a fotografia torna-se independente de seu/a criador/a. Os sentidos e sensações que conservam a obra de arte, em nosso caso a fotografia, são livres, autônomos. Nas palavras de Deleuze e Guatarri (2007), *a coisa [a fotografia] tornou-se desde o início independente de seu “modelo”, mas ela é independente*

*também de outros personagens [...] ela é independente do/a criador/a, pela auto-posição do criado, que se conserva em si. Portanto, a imagem é um composto de perceptos e afectos.*

[...] os *perceptos* não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os *afectos* não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, *perceptose afectos*, são *seres* que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido (2007, p. 213).

Mas como liberar a fotografia do seu autor? Esta é uma tarefa para o leitor total...

O mar (de gente) que invade a avenida, a mãe que segura o cachorro e caminha com sua família, o homem que empurra a bicicleta, a pose da dama de vermelho... Estas composições fotográficas guardam gestos feitos há um tempo, acenam para algo que não depende mais daquele instante, nem das personagens que corporificaram a imagem. Tomadas por outros olhares estas composições conservam-se a si mesmas, seja com saltos e movimentos ou mesmo na presença de um vazio, estas fotografias atravessam sentidos, pois mesmo *o vazio é uma sensação, toda sensação se compõe com o vazio* (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p. 215).

Barthes afirma que uma foto tem em si três práticas, três emoções ou intenções: *fazer, suportar e olhar*. Quem olha o detalhe pelo buraco da fechadura é o/a fotógrafo/a – *operador*. Aqueles e aquelas que são fotografados/as compõem a figura do *spectator*, sujeitos suscetíveis a uma espécie de morte quando aprisionados/as à fotografia. O espetáculo de imortalizar as coisas, os seres e os objetos – *spectrum* – para o autor traz uma coisa um pouco terrível: *o retorno do morto* (1984, p. 20).

Na composição da imagem é difícil assinalar onde a sensação começa e onde termina. O tempo da captura, o tempo em que dura a materialização, o tempo que leva o/a observador/a a apreciar a imagem e tantos outros tempos, ainda que durem alguns segundos, fazem parte da sensação, alteram sentidos. *Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta nesses mesmos momentos [...] toda*



*a matéria se torna expressiva [...] a sensação não é colorida, ela é colorante* (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p. 216).

Em movimento acho meu *punctum*. Sou picada, atingida por um ponto que destoa da multidão. Esse lance como um instrumento pontudo me afeta, me atravessa, tal como assinala Barthes (1984). Todos de branco menos um, cadê o colorido? O colorido é um enorme guarda-chuva que (en) cobre o diverso. Uma performance inesperada. Entendeu?



Feira Cultural – Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **Sensation**.

Estonteamento. Passamos de uma fotografia para outra na medida em que as sensações existem. As cores, os fios, os efeitos aplicados sobre a imagem compõem as sensações de movimento, vertigem, grandeza, presença/ausência, combinadas num jogo que não aprisiona apenas um tempo passado, mas abre espaço para a fantasia, para a criação, para a experiência, sensações diversas a deriva, sentidas no presente e que, por sua vez, autorizam a própria conservação da imagem. Ler Deleuze com Barthes: o *punctum* como linha de fuga.

Sábado à tarde, sol quente, no centro da cidade panelas, latas e tambores batucam. O som invade a avenida. A enorme bandeira do arco-íris é estendida. Vozes anônimas unânimes bradam: Não se cale!!! É o movimento! Cartazes gritam em silêncio: sou isto! Sou aquilo! (Isto e aquilo) imagem potência! A figura subalterna protagoniza a cena, faz-se visível. Espaço alienado, reivindicações... Quem são estes sujeitos? Que cores (en) cobrem seus rostos? Entre os “ismos” e as “fobias” estaria havendo a (des) construção de discursos?



Marcha Lésbica SP, 2009: Marque com um X: ( ) Varal ( ) Bandeiras ( ) O sujeito falante ( ) A outra

Tanto quanto são as diversas composições fotográficas muitos são os métodos de compor e ler uma imagem. Aqui não me ateno a apresentar essas possibilidades de composição e leituras, mas proponho pensar e perguntar (ainda que modestamente) sobre a força/potência das fotografias bem como os sentidos e sensações produzidos por elas. Quantos encontros são possíveis num mesmo enquadre? Como a presença se faz ausente e a ausência está presente nas efêmeras composições imagéticas que arrisco tornar visíveis? Que ruído se ouve no silêncio das imagens? Estaria o detalhe e o vazio comunicando algo

para além do que podemos ver? Composições paradoxais, algo me move a pensá-las...

É possível compor fotograficamente uma imagem e separá-la dos *perceptos*, *afectos* e opiniões de quem a compõe? Não sei. *Não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo é visão, devir* (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p. 220). Se o que vemos consegue nos afetar, podemos ser atravessados/as pelas personagens da cena, pelos elementos contidos nas imagens. O sol, as roupas, os gestos, as expressões, a contradição e uma gama variada de detalhes não fazem da fotografia uma coisa simples, antes tornam-na gigante, deslocam-na da *morte* que captura o acontecimento para a *vida* cujas sensações e sentidos permitem refletir de várias maneiras àqueles elementos, tempos e espaços capturados. Sua estrutura aberta me convida a jogar...

E na avenida um daqueles carros colossais exibia a faixa: *toda pessoa tem o direito de expressar o seu afeto livremente, sem interferências!* Outro veículo anunciava: *parceria civil já!* O tema da parada era badalado numa mixagem dançante: *sem homofobia mais cidadania. Pela isonomia dos direitos!* Na calçada outra cena. 2064. (100º aniversário do golpe militar). Ele está com a mão na bunda do outro rapaz? Meu Deus! Chamem a polícia! A polícia não pode se apresentar está ocupada vendo a travesti passar. E, só por hoje, todos são amigos.



Parada do Orgulho LGBT de SP, 2009: **Libidinal**

O universo atraente da composição exige fôlego. Na fotografia, vida e arte estão em co-criação. A imagem do/a criador/a necessita de uma coisa diferente, talvez uma provocação que mescle os seres, os objetos e demais elementos da cena (embora cada um seja singular) numa metamorfose em que ao se observar as personagens seja possível perceber a (des) conexão entre os elementos, suas semelhanças e distinções. O/a inventor/a (o/a fotógrafo/a) compõe *afectos*, cria *afectos*, mostra *afectos*, que, grandiosos ou não, estão presentes em suas invenções. Não só o/a fotógrafo/a é atravessado/a pelo detalhe como também os/as observadores/as são capturados/as pela composição. E, portanto, a captura da imagem conhecida ou inédita faz emanar sensações e sentidos indeterminados. A imagem sai da foto na sua soberania e se produz: que signo atravessa a imagem?<sup>35</sup>

[...] os grandes *afectos* criadores podem se encadear ou derivar, em compostos de sensações que se transformam, vibram, se enlaçam ou se fendem: são estes seres de sensação que dão conta

<sup>35</sup> GARCIA, W. A. C. *Lateralidades*. Outra Travessia (UFSC), Florianópolis, v. 05, p. 160-170, 2006.

da relação do artista com o público [...] o artista acrescenta sempre novas *variedades* ao mundo. Os seres da sensação são *variedades*, como os seres de conceitos são variações e os seres de função são variáveis (DELEUZE e GUATARRI, 2007, p. 227).

Olhar para as fotografias das Paradas da Diversidade e pensar seus paradoxos não é uma tarefa tão simples (embora possa parecer): não se trata simplesmente de elencar contrários. Muito poderia ser dito a este respeito. Talvez um dos caminhos fosse discorrer sobre as diferenças das próprias “paradas”, distingui-las, falar da estruturação que as caracteriza e varia de uma cidade para outra. Outro caminho seria pensar no perfil dos participantes, especialmente dois grupos: os sujeitos que desfilam (fantasiados/as ou não) e aqueles e aquelas que estão na avenida e que fazem parte da contagem numérica ainda que justifiquem a participação somente “para assistir”. São tantas diferenças que juntas extrapolariam os limites desta dissertação, contudo, aqui reafirmo meu desejo de tecer alguns olhares e pensamentos sobre as “paradas” que vi.

Três moças conversam na avenida, um delas aponta para uma direção qualquer, a figura do meio tampa o ouvido enquanto se aproxima uma mulher com a peruca da Cruella Deville<sup>36</sup>. Em segundo plano, um casal (heterossexual) se abraça, uma *Drag Queen* francesa com os ombros à mostra conversa com um homem. Em terceiro plano, há um amontoado de gente que se empilha nos coqueiros para não perder nenhum detalhe da festa. Há ainda em quarto plano a imagem sutil de um homem que pelo retrovisor do caminhão apenas observa. Em primeiro plano duas câmeras estão prontas para registrar este encontro. A moça sorri e abraça a Drag (com seu bebezinho). A criança olha do alto do cangote de seu pai. O pai acha engraçado. A pequena senhora está surpresa: - *Meu Deus!* Tudo acontece ao mesmo tempo, encontro de gerações. Meu *punctum* é a moça que sorridente foge e destoa da paisagem... Por ali, vazou o meu olhar...

---

<sup>36</sup> Personagem do desenho animado 101 Dalmatas.



Parada da Diversidade de Florianópolis, 2009: **O vazamento do olhar.**

Por que somos atraídos/as por certas fotos?

Quantos casos se revelam no acaso da captura?

Que tons justapostos (en) cobrem os paradoxos que estamos pensando?

Sentidos.

Sensações.

Experiência...

Foto-experiência.

Talvez um dos permanentes objetos da fotografia esteja na captura da força potência e dos discursos implicados na imagem, ou talvez seja a busca pela essência da foto *coisificada*; ou quem sabe ainda seja dar significados (outros), surpreender, imaginar, informar de maneira silenciosa um espelho que reflete verdades e mentiras sobre as imagens do diverso que descem as avenidas.

Barthes (1984, p. 52-53) na contramão de outros autores que aproximam a fotografia da arte pela pintura, diz que a fotografia tem a ver com o teatro, [...] *um teatro de panoramas animados por movimentos e jogos de luz*. Para Deleuze e Guatarri (2007, p. 216) [...] *pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos com sensações*.

*Pintamos, esculpimos, compomos, escrevemos sensações [...] e o sorriso sobre a tela é somente feito de cores, de traços, de sombra e de luz.*

E o ato de “posar”?



*Acredita na foto. Linda!  
 Aí que bicha linda!  
 Muda a pose [...]  
 Põe mais Glitter  
 Tá bonita!  
 Acredita na foto  
 Muda a pose  
 Linda!  
 Aí que bicha linda!!!*



*[...] luxo, glitter, truque, produção,  
 maquiagem, gloss, brilho, carão,  
 cabelo [...]  
 Põe mais glitter  
 Muda a pose [...]  
 Aumenta o babado  
 Aí bicha, se joga comigo!  
 Tá linda!*

*[...] Ah, bicha, deixa de palco  
 Põe mais glitter  
 Muda a pose [...]  
 Acredita na foto  
 Caiu um raio na chuva,  
 a bicha faz pose,*

*achando que é flash...  
 Linda!*



Barthes (1984) assinala que quando somos fotografados instantaneamente criamos outro corpo, nos metamorfoseamos antes do registro da imagem. *Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica, a seu bel-prazer [...]*. Para o autor quando se posa a existência do/a fotografado/a passa a depender do/a fotógrafo/a, uma imagem incerta está para nascer – a minha imagem, a nossa imagem ou outra imagem. Improvisamos mímicas. Arrumamos a roupa, o cabelo... Rapidamente fazemos de tudo para nos tornar apresentáveis (como se até aquele momento não o estivéssemos sendo). Então sorrimos. Sim! Sorrimos - quase sempre – mesmo tristes sorrimos porque no papel ansiamos ver alegria, docilidade, simpatia. Projeto-me outro na pose. Talvez no fundo a pose seja uma linha de fuga de nós mesmos/as. Temos medo de aparentar no instante da captura o que sentimos fora daquela imagem. *Ah, se ao menos a Fotografia pudesse me dar um corpo neutro, anatômico, um corpo que nada signifique! [...]* (BARTHES, 1984, p. 22-24).

Assim, o desafio do/a criador/a vai se tornando cada vez mais difícil, o de sutilmente capturar no cambiante jogo de cores, luz e sombra a essência preciosa do indivíduo que não se vê naquele enquadre. A microexperiência de morte contida na fotografia representa o instante em que o sujeito a ser fotografado não é nem sujeito nem objeto, *mas um sujeito que se sente tornar-se objeto*, logo a postura do/a fotógrafo/a gera movimento: Ei! Psiu! Olha pra cá! Sorria!!! Isso... Agora faz pose que vou fotografar! Giz! Abacaxi!



A fotografia deseja surpreender, imobilizar um movimento rápido, fazer história pelas imagens, poder dizer dos sujeitos de uma época, mostrar costumes, contexto, representar, mas também mascarar significados, re-apresentar. *No fundo a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa* (BARTHES, 1984, p 62).

### **A síntese do atravessamento...**

No diálogo com Barthes (1984), Deleuze e Guatarri (2007) eu ainda teria muito a dizer sobre fotografia e composição fotográfica. Porém, dou uma pausa para quem sabe retomar esta reflexão numa pesquisa vindoura: mensagem lançada ao futuro... Entretanto, é importante trazer novamente questões que aqui insistem ecoar. Sempre que olho minhas próprias composições imagéticas pergunto: o que elas comunicam para mim? Para você? Para meninas e meninos, homens e mulheres de diferentes contextos socioculturais? O que estas fotografias irão comunicar noutro tempo? Será que elas subvertem e/ou nos fazem pensar como aponta Barthes? Em que não comunicam? Em que me surpreendem? Onde está meu gesto, minha análise crítica? Onde está o meu centro vazio?

Não saberia responder exatamente onde começa a leitura crítica e onde ela se funde com a própria composição. Há uma mistura de sensações e sentidos que me atravessam pela foto-experiência.

Quanto à surpresa... Sim, essas imagens me surpreenderam, especialmente no momento que re-visitei meu banco de imagens e fiquei por horas olhando e escolhendo quais das mais de 600 fotos entrariam nesta pesquisa. Evidente que muitas outras boas imagens de possíveis leituras do diverso ficaram de fora. Assim, enquanto selecionei vi a força potência de algumas imagens, percebi novos detalhes, notei no silêncio presença e ausência inseridas no mesmo foco, muitas vezes fui atravessada pelo *punctum* que deslocava seres e objetos do eixo central. *Perceptos, affectos...* Essas surpresas revelavam elementos que só enxerguei depois de uma densa observação e com outros olhares: só quando meus olhos se puseram na imagem.

Outras questões resultantes deste atravessamento são: estudar um evento a partir de imagens não convencionais seria uma forma de subverter paradigmas de aprendizagem? Ou os paradigmas novos podem subverter as imagens convencionais? Se a fotografia pode tanto estigmatizar sujeitos quanto romper arquétipos de normalidade, como podemos pensar as composições imagéticas no enfrentamento da idéia de “tolerância” que configura o discurso do “politicamente correto” para com *gays*, lésbicas e bissexuais? Em que medida as imagens (paradoxais) das Paradas que agora você conhece podem contribuir com a abordagem das imagens do diverso dentro dos processos educativos?

As fotografias, principalmente, as composições fotográficas, têm me movido a pensar outras comunicações possíveis em trabalhos que articulem: criação, fotografia e escola, por exemplo. Na constante busca por compreender o desconhecido tais inquietações servem como alavanca para me lançar noutros espaços. Portanto, pensar os paradoxos das “paradas” pelas fotografias que tirei, seus enquadres e desenquadres, as formas irregulares tiradas do foco central, os deslocamentos, os intervalos e vazios produzidos na composição, a criação de novos vetores, os sentidos e as sensações que se fundem e que se separam da composição fotográfica suscitam pensar, sobretudo, para além do que é visto. Isto é possível? É possível-o-invisível?

## Encontros...

Chove forte.

Multidão.

Alguém pergunta: - *Cadê o guarda-chuva?*

Na Avenida ouve-se o Hino Nacional. Um coral juvenil canta “Que dia feliz!”.

Sacolas são para não molhar a cabeça ou um disfarce para manter o anonimato?

As cores dão a largada! *Dancem! Dancem! Dancem!*

Uns dizem: - *É a primeira vez que venho...*

Outros: - *Nós estamos só assistindo...*

Ei! Não ultrapasse a barreira! Fique na calçada! Vejam eles/as passar!

- *Bicha! Que arraso a sua produção!!!*

O vento carrega os *hits* da avenida para bem longe. Tão longe que até o mar parece dançar.

O clima esquenta. Um vendedor anuncia: - *Olha a água, a cerveja, o refrigerante... Tá geladinho quem vai querer!?*

Uma mulher, que segura a filha no colo me diz: - *Eu tenho alguns amigos gays e sempre trago a família para participar.*

De bicicleta outra mulher vende coloridos badulaques.

- *Sou de São Paulo. Eu juntei dinheiro o ano inteiro pra vir pra cá...*

Compra. Venda. Dança. Toca. Compra. Olha. Venda. Dança. Dança...



Parada da Diversidade de Florianópolis, 2009: **In-formação.**

∴ LADO B ∴

## OUTRAS IMAGENS DO DIVERSO

**Faixa 1:** *Homo que é homo, mostra a cara... e muito mais!*<sup>37</sup>

### A título de in-forme

Furto de Trevisan (2004) esta frase para destacar a visibilidade que os sujeitos LGBTs ocupam hoje no cenário nacional ao promoverem e/ou ao participarem das paradas da diversidade brasileiras. A escrita de positivities de Trevisan conta sobre sua participação na 3ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, com riquezas de detalhes e de forma comovente narra à importância política, cultural e social daquele período no Brasil.

Ouçõ sons nos seus escritos.

(sinal vermelho)

Biiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!!!Biiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(cartaz) *“Chega de violência contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”*.

(sinal verde)

Sai da frente cambada de viado!

*Basta de homofobia! Mais cidadania!*

Olha aquele ali! Credo!

*Viva a diversidade!*

Meu deus... Coisa mais apelativa!

(sinal vermelho)

(cartaz) *“Chega de violência contra gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”*

Biiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!!!Biiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

(sinal verde)

Sai da frente traveção!

Olha aquela sapa ali ó, parece “homi”.

Tunts, tunts, tunts, tumtuntuntunts, tunts,tunts... gostosoouoooo!

---

<sup>37</sup> Roubo os olhos e ouvidos de Trevisan (2004, p. 532) para narrar nesta primeira faixa as diversas sensações vivenciadas na 3ª Parada do Orgulho LGBT de SP registrada no capítulo *A Parada do nosso amor em Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.

(cartaz) *“Homossexualidade não é pecado!” “Diga não ao preconceito”*.

Na ocasião a Avenida Paulista estava semi-fechada. Na medida em que o sinal parava o trânsito, as faixas e as mensagens políticas relativas aos direitos de sujeitos homossexuais eram apresentadas por *drags* pomposas, por *go-go boys* em cima dos trios e outras pessoas que, fantasiadas ou não, faziam questão de apitar na avenida para destacar sua presença.

O clima político e festivo tomava conta da Avenida Paulista. Marta Suplicy, *do alto de um carro treme-chão* proferiu um discurso sobre a importância dos homossexuais saírem às ruas para reivindicarem uma sociedade mais democrática nas questões dos direitos homossexuais. Entre o som bate-estaca e as danças frenéticas milhares de cartazes e faixas percorriam o trajeto extenso da parada.

(cartaz) *É legal ser homossexual! (Art. 5º da Constituição).*

Sorrisos orgulhosos nos lábios.

(cartaz) *O preconceito tem cura.*

Arco íris de balões coloridos subia e descia de um lado a outra da avenida.

(cartaz) *Seu filho é gay? Ame-o, respeite-o, aceite-o.*

Apitos e camisinhas eram distribuídos.

(cartaz) *Sou bissexual, e daí?*

Apitava-se intensamente.

(cartaz) *100% gay!*

Câmeras e filmadoras circulavam por todos os lados.

Estaria a parada vencendo seu pior inimigo – a invisibilidade? Será que seu pior inimigo era a invisibilidade?

A 3ª Parada do Orgulho LGBT de SP reuniu mais de 20 mil pessoas, número que surpreendeu tanto a polícia quanto os/as próprios/as organizadores/as do evento. Caravanas de muitos lugares do Brasil estavam presentes e havia até participantes de Nova York, Holanda e Alemanha. Depois da grande repercussão e da visibilidade que a parada teve nos meios de comunicação, empresários (*que antes não atendiam insistentes pedidos de apoio*) se acotovelavam para oferecer patrocínio. Nas palavras do autor *não é para menos: numa cultura onde tudo passa pela estatística, reunir mais de 20 mil pessoas é*

*uma façanha respeitável. E aí está o grande sentido político da Parada: a afirmação de que existimos, gostem ou não, e somos milhares. Por isso, tal evento me parece ser a conquista mais importante na luta pelos direitos homossexuais do Brasil, nos últimos anos* (TREVISAN, 2002, p. 531).

E como as paradas vêm ocorrendo nas principais cidades brasileiras a partir de então?

Utilizo como fontes *sites* dos maiores grupos inseridos no Movimento LGBT do Brasil para contabilizar esse crescimento e vejo que tanto em termos do número de grupos existentes, quanto das ações por eles realizadas houve um aumento significativo nos últimos dez anos. Até 2007 eram realizadas 44 *Paradas Gays*<sup>38</sup>, mas, a Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)<sup>39</sup> confirma que na atualidade existem 93 “entidades” associadas e distribuídas em todas as Unidades da Federação brasileira que realizam o evento. A lista é apresentada sob a forma de um calendário que contém local, data e o tema que será abordado nas paradas. Em 2007, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo entrou para a história e passou a ser classificada como a maior do mundo por superar o público de 3,5 milhões de pessoas mantendo no ano seguinte nas ruas 3,4 milhões<sup>40</sup>.

Hoje, as Paradas da Diversidade acontecem em todas as capitais brasileiras e em algumas cidades do interior. No gráfico abaixo observamos o número de paradas realizadas em cada estado no ano de 2009. É curioso que embora São Paulo realize a maior parada do mundo, Minas Gerais lidera em quantidade com vinte e sete cidades que promovem este evento, seguida de São Paulo com vinte e uma, Rio de Janeiro com dezenove e Bahia com dezesseis cidades. Em amarelo destaque o estado de Santa Catarina que promove a Parada da Diversidade nas cidades de Criciúma, Joinville, Itajaí, Navegantes e Florianópolis, sendo esta última a cidade na qual a pesquisa foi tecida.

---

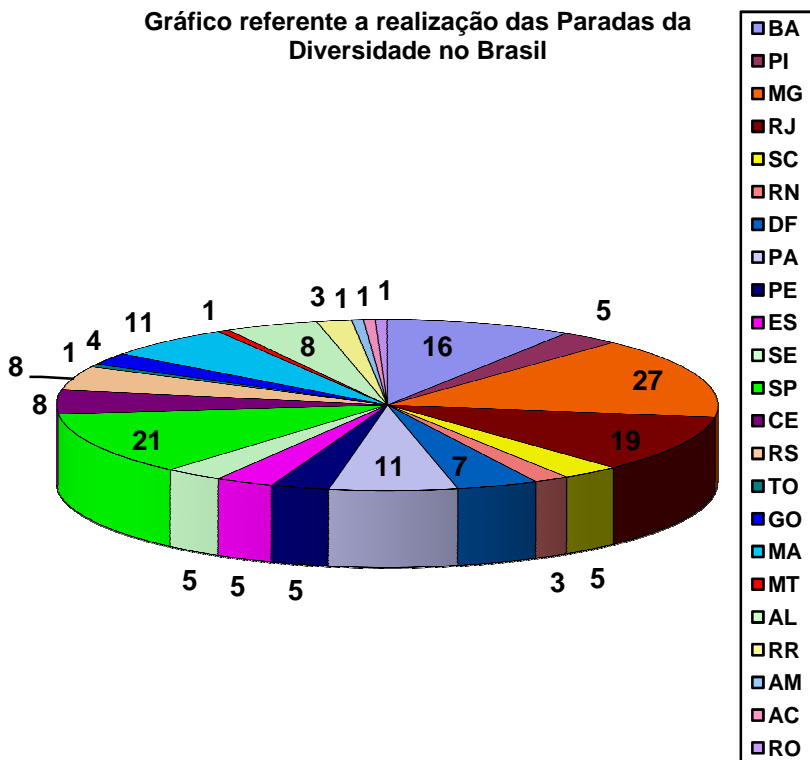
<sup>38</sup> *Site Gay Brasil* Disponível em: <<http://www.gaybrasil.com.br/paradas-2007.asp?Categoria=Radar&Codigo=3316>> acesso em 27 set 2007.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/port/paradas2009.php>> acesso em 12 maio 2009.

<sup>40</sup> A Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT), informa que atualmente a parada de SP é a maior do mundo.

Disponível em: <<http://www.paradasp.org.br/modules/articles/article.php?id=6>> acesso em 04 outubro 2007.

Gráfico referente a realização das Paradas da Diversidade no Brasil



Estão brotando pessoas do chão?

A impressão que se tem em relação ao crescimento dos/as participantes (aqueles e aquelas que vão para as avenidas para assistir ou para desfilar) é a de que eles/as germinam do chão.

Mas, esses números são relevantes???

É importante lembrar que o movimento não se resume às paradas. A ênfase dada pela mídia a essa ação acaba por ocultar a existência de outras atividades que são promovidas por vários grupos, em suas respectivas cidades.

No Texto-Base da 1ª Conferência Nacional LGBT, emitido pela Secretaria dos Direitos Humanos em 2008, tem-se que o Movimento LGBT hoje é composto por sujeitos com identidades de gênero e sexualidades distintas, que buscam dar visibilidade às demandas relacionadas à educação, conjugalidade, constituição de família homoafetiva, denúncia contra as violências, cuidados com o corpo e saúde entre outros eixos na intenção de articulá-los com o acesso aos Direitos Humanos e/ou a criação de políticas públicas que contemplem as reivindicações solicitadas pelo Movimento LGBT. Um trabalho que produz efeitos, uma vez que diariamente as questões relacionadas a estes sujeitos aparecem ao serem exibidas em telejornais, programas de entrevistas, filmes, novelas e outras mídias.

Na tentativa de articular gênero, raça, relações étnicas e sexualidades no espaço social de instituições escolares, por exemplo, pode-se dizer que se por um lado, algumas exigências do Movimento LGBT são alcançadas, por outro, ainda existem vários setores da sociedade que, em decorrência da própria cultura, resistem a estas mudanças. A esse respeito, uma pesquisa<sup>41</sup> encomendada pela Unesco<sup>42</sup>, na qual foram entrevistados/as 10.010 jovens entre 15 a 29 anos em todo o Brasil, mostra o alto índice de rejeição aos homossexuais nas escolas, principalmente da parte de homens com menos escolarização, pertencentes às classes empobrecidas.

O Movimento LGBT está em plena ação. Coloca cada vez mais a *cara* na rua, promove ações públicas, evidencia a existência de outras formas de manifestação das sexualidades, apresenta novos arranjos de identidades e reivindica o direito de exercê-las de forma livre. Se existem jovens que dizem que não gostariam de ter um/a colega *gay*, por outro lado existem outros/as que comparecem às Paradas da Diversidade.

Mas, que significado tem esse gesto?

Ir às paradas implica em respeito com outras formas de sexualidades?

---

<sup>41</sup> Fonte: Folha de São Paulo, C5, 25 de julho de 2006.

<sup>42</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Na mesma matéria, é citada outra pesquisa sobre o perfil das professoras e professores brasileiros/as onde aponta o despreparo destas/es como da própria escola para lidar com temas relacionados às diversidades de sexualidade.



Pensar as paradas para além de mais um lugar festivo, exótico ou carnavalesco, isto é possível? Seria aí mesmo onde encontraríamos uma força de pensamento e ação? É possível uma militância em tempo de razão cínica?

Militância, força, movimento...

Militância, força e(m) movimento.

Talvez seja possível dizer hoje que a força das paradas é justamente a força que foge ao controle – a força não militante, a força multidão. Força que não necessariamente pauta-se no movimento LGBT, mas que é atuante. A força dos sujeitos “s” (simpatizantes) nos possibilita pensar a relação entre militância, força e movimento. Se os simpatizantes desfilam, assistem a multidão passar e por vezes se justificam enquanto sujeitos que assistem, que estão nas avenidas, pode ser que alguns não avaliem sua participação como força do movimento. Vale lembrar que o simples fato de estarem nas ruas faz com que sejam incluídos/as na contagem da multidão que marcha nas paradas.

Tratar-se-ia, enfim, de uma força não militante?

## **Faixa 2: O Espetáculo**

Quando você imagina as Paradas da Diversidade que imagens te veem a mente? A bandeira do arco-íris? O grande número de pessoas? As fantasias? As músicas? As/os personagens engraçadas/os? O show? A marcha das faixas e frases de efeito da militância? O festival das cores... Espetáculo???

Certa vez um professor<sup>43</sup> fora convidado a escrever algo que aproximasse o sexo da categoria espetáculo. Nesta tentativa, muitos foram os desafios de encontrar uma forma que possibilitasse dizer o que imaginava como sendo: *sexo espetáculo*. De maneira fluída e solta o professor nos convida a refletir sobre aquilo que socioculturalmente designamos como espetáculo.

*Afinal, quando e como o sexo vira espetáculo?*

---

<sup>43</sup> Refiro-me ao professor Fernando Seffner, da UFRGS.

E as identidades, as sexualidades... Seriam estas categorias espetaculares da contemporaneidade?

As sensações.

O inusitado.

A irreverência.

O diverso.

As paradas.

A diversão.

Teatro?

Que características permitem (ou não) rotular algo e mesmo um evento como espetáculo?

No caso de as paradas serem rotuladas como fontes de espetacularização as ruas e/ou avenidas tornar-se-iam cenários de um palco aberto?

Coaduno com as quatro definições apontadas por Seffner (2002, p. 185) sobre o espetáculo:

- 1) *Espectáculo é tudo o que chama atenção, atrai e prende os olhos pela beleza. Implica contemplação, vista, vibração. Espectáculo é algo excepcionalmente interessante.*
- 2) *Espectáculo é representação teatral, exibição de canto, dança, orquestra, circo, etc.*
- 3) *Espectáculo também pode ser uma cena ridícula ou escandalosa, discussão, briga, coisa inconveniente, do tipo “dar um espetáculo”, ser objeto de zombaria, servir de espetáculo para alguém ou para um grupo.*
- 4) *Também pode ser compreendido no sentido de coisa ou pessoa que é muito bonita ou “gostosa”, um “espetáculo” de mulher, por exemplo.*

Três das quatro definições apontam qualidades positivas ao termo espetáculo – contemplação, beleza, algo interessante. É claro que o espetáculo aparece na nossa cultura crítica, associado a um processo de espetacularização pelo capitalismo decadente e ultrassofisticado por meio dos recursos midiáticos, segundo os termos de Debord (1997). Um exemplo do espetáculo/mercadoria é a própria Parada da Diversidade que quando passa a fazer parte do calendário anual das cidades perde a força da militância e produz o produto do fetiche ao qual se deseja consumir. Neste sentido, as paradas são alvo da redução midiática da espetacularização. Apolo territorializando Dionísos.

[...] Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. [...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas supra-sensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência (DEBORD, 2005, p. 13; 14 e 28).

A despeito disto, insisto em uma positividade: ligar espetáculo à representação teatral, por isso também busquei o significado da palavra representação, para em seguida compreender representação teatral. Com base no dicionário<sup>44</sup>, entende-se por representação:

*[...] ato ou efeito de representar. / Exposição, exibição. / Idéia que concebemos do mundo ou de uma coisa. / Ato de representar, de desempenhar papéis em teatro: representação de uma comédia, de um drama. / Reprodução por meio da escultura, da pintura, da gravura: representação de uma batalha. / Reclamação ou protesto a uma autoridade. / Importância de um cargo, de uma posição pública etc. / Trabalho desempenhado em nome de uma firma, de uma empresa: representação comercial.*

Volto às paradas, especialmente as imagens das paradas, para questionar se elas seriam formas de representação. (Representação teatral?) O que estariam representando? E por acaso, há um consenso sobre espetáculo teatral? Parece-me que não.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Representacao>> acesso 21 julho 2009.

*[...] o espetáculo teatral, é por definição, uma encenação, muita vezes visto como um cerimonial, ou tendo se originado dele. Segundo outros autores, podemos utilizar três elementos para caracterizar o espetáculo: a solenidade do lugar; a separação espacial atores (mundo sagrado) e público; o texto dos atores, que inclui movimentação, indumentária, cenários, linguagem poética etc. (SEFFNER, 2002, p.187).*

Ator/atriz.

Texto.

Público.

É desta tríade que parto para pensar espetáculo como representação teatral. Assim, talvez seja possível tomar as Paradas da Diversidade como espetáculo também teatral ao se considerar o grande número de atores e atrizes sociais (heterossexuais, bissexuais, homossexuais) militantes e não militantes, sujeitos que *saíram do armário*<sup>45</sup> e outros/as que nele ainda permanecem, mas que povoam ruas e avenidas com o desejo de brincar, dançar e festejar ou “apenas” observar a multidão.

Mas afinal, quem encena e quem assiste?

Isso importa?

Assim como anunciam os espetáculos circenses, o respeitável público<sup>46</sup> presente nas paradas ora é sujeito que atua e encena, assiste e se vê, no sentido de transmitir uma mensagem, com suas fantasias, olhares, gritos, performances e outras formas de exibição, e ora é espectador, espectador de si e de outros que re(a)presentam diferentes arranjos de gênero, sexuais, corpos, ideias, ideais etc. O espetáculo é cena e espelho, portanto.

Parada-espetáculo, encenação?

---

<sup>45</sup> Refere-se a sujeitos que assumem sua homossexualidade.

<sup>46</sup> Uso o termo no sentido de chamar a atenção ao valor numérico de participantes presentes na Parada da Diversidade.



Parada da Diversidade de Florianópolis, 2007: **Cena e espelho.**

Simular algo...

Pôr em cena.

Organizar um espetáculo.

Preparar uma ação...

Olhar e ser olhado.

Experimentar.

Parto da ideia de que quem representa sente prazer em fazê-lo, goza, regozija quando atua. Seria este prazer algo gerador de experiência mesmo em se tratando de uma encenação?

Historicamente percebemos que o deslocamento das multidões pelas ruas caracteriza um dos grandes marcos do século XIX, bem como, da modernidade:

*[...] este é um processo que radica na Revolução Francesa, onde temos a multidão que sai às ruas e promove ações espetaculares, tais como a tomada da Bastilha; a invasão dos aposentos do rei e da rainha em Versalhes; a captura da carruagem real, impedindo a fuga do rei, etc. A multidão torna-se “presença desconcertante”, e provoca “espanto, indignação, fascínio e medo” (Bresciani, 1994: 9). A multidão é, enfim, uma multidão revolucionária, e é ela que dá o caráter de revolução – a irreversibilidade da mudança – a um movimento que poderia ser apenas mais um tumulto popular, conforme vai tratar Hannah*

*Arendt (1988). A multidão apresenta forte atuação política, ela exerce o poder. No século XIX, o espetáculo da multidão se dá nas milhares de pessoas se deslocando pelas ruas, para o desempenho de diferentes funções em diferentes lugares, no ambiente de grande cidade. Novamente a multidão, pela presença do grande contingente de pobres, evoca ameaça, medo, desordem. Mas é na multidão que se exerce um jogo de olhares, característicos do espetáculo: olhares furtivos, olhares fugidos, relances, olhares que se cruzam, carregados de intencionalidade, para em seguida desaparecer novamente no anonimato. Os olhares nos falam das muitas possibilidades de encontros [...] estar na multidão para olhar e ser olhado (BRESCIANI apud SEFFNER, 2002, p. 188).*

A multidão não é sistemática, nem regrada, ela é anárquica, um bloco de diferenças que vibra num rumor baixo e frequente. Neste sentido, a multidão é a celebração da diversidade. Ao contrário da massa e seus fluxos homogêneos, a multidão é coletivo de singularidades (HARDT; NEGRI, 2005).

Encenar nas avenidas, sim ou não?

Quando entram em cena novos personagens que tomam as ruas em coletivo para reivindicar algo em comum, como sugere Sader (1988) dá-se visibilidade a certos sujeitos e grupos sociais. A cidade é o lugar onde as coisas acontecem.

Rua repleta.

A bicha faz a pose.

A fotógrafa vai registrar...

A fantasia está um escândaloooooo!!!!

Luxo!

Glamour!

E na faixa o escrito: *Orgulho por ser quem sou!*

Por um lado, para sujeitos que assistem as paradas à distância, (que não se sentem envolvidos com/na multidão), pode ser que a manifestação seja vista como um espetáculo dado à exuberância dos/as participantes e a exacerbação de brilhos, plumas e acessórios que invadem a rua por onde passam os/as espetaculares personagens. Por

outro, para aqueles/as que participam se emaranhando no meio do povo, talvez entendam o evento enquanto ato político de reivindicação e de militância. Tomar as ruas pode não ter sentido de espetacularização, mas sim de ação política que seria desnecessária caso as reivindicações que se confrontam com a intolerância e o preconceito, por exemplo, fossem atendidas pela sociedade. Portanto, dependendo de quem olha e de como se olha, o mesmo espaço social – avenida – pode ser observado e compreendido como espetáculo ou não.

É neste sentido que Michel Random (2002, p. 31) adverte em *o território do olhar* que para a compreensão da realidade existe *uma infinidade de enfoques possíveis, dependendo do lugar e da distância de onde olhamos*.

*[...] nosso olhar sobre a realidade determina a própria realidade. Mas a evolução do olhar, dos conceitos, das crenças é extremamente lenta, ao passo que a situação planetária experimenta, em todos os setores da tecnologia e da ciência, mas também na deterioração da vida planetária, uma aceleração exponencial[...] agimos individualmente e coletivamente em relação ao sentido que atribuímos aos conceitos que formam nossa realidade. Mas, não estamos confinados em um território limitado?*

O possível espetáculo preconizado nas paradas, especialmente, suas imagens, estaria ocupando, numa posição de enfrentamento, a negação social, política, civil e humana que os sujeitos LGBT vivem nos outros 364 dias do ano? Ao não nos darmos conta disso, nos tornamos sujeitos alienados pela espetacularização?

Alguns sujeitos só percebem coisas que lhes acontecem e eventos que participam quando são lembrados por meios de comunicação. Quando o indivíduo reconhece na televisão, por exemplo, um fato ocorrido, passa a ter ideia de sua importância ao “ver” a notícia. Este consumo (passivo?) de espetáculo via imagem não substitui a realidade pela abstração. Há uma busca por desmascarar o espetáculo de modo que os sujeitos enxerguem suas vidas e realidades muitas vezes

ofuscadas no esplendor da contemplação, *o consumo do espetáculo aliena o indivíduo* (SEFFNER, 2002, p. 192).

Claro, você pode discordar que o termo espetáculo tenha um sentido negativo, que aliena, abstrai, ilude e mitifica certos acontecimentos, mas será que ao mostrar a festa da diversidade por uma seleção de imagens que mais se aproximam de alegorias carnavalescas, estaria o espetáculo deslumbrando diferentes contextos? O espetáculo tem mais visibilidade do que as próprias reivindicações sociais dos sujeitos LGBT?

Talvez a ideia de espetacularização seja reforçada pelos sujeitos do anonimato, aqueles/as que se fantasiam, encenam, criam, brincam, dançam, dão *close*<sup>47</sup>, usam mascaras, maquiagens, perucas, nomes fictícios, faixas com dizeres que caracterizam e compõem suas muitas identidades e que na caminhada (re) apresentam o caráter espetacular do evento.

Contudo, aqui o mais importante não está em definir as paradas como espetáculo ou não. Importa, sim, pensar sobre elas desterritorializando olhares para quem sabe enxergar diferentes significados produzidos pelo evento. O desafio desta observação é pensar estes paradoxos (o espetáculo e a espetacularização, a expressão e a reificação).

### **Faixa 3: Lucy e Gisele dando giros pela Parada de Florianópolis**

*Duas drags conversando:*

Gisele - Ei Lucy, já pensou na sua produção<sup>48</sup> para a Parada deste ano?

Lucy - Mona<sup>49</sup> ainda tô em duvida.

Gisele - Aiiii, deixa de ser uó<sup>50</sup>! Vamos bolear<sup>51</sup> o corpo pro centro pra achar uma produção! No ano passado fomos de bruxinhas da ilha da magia, lembra?

---

<sup>47</sup> A expressão “dar Close” na linguagem LGBT tem o sentido de: 1) dar uma olhada; 2) dar pinta.

<sup>48</sup> Roupas para alguma ocasião especial.

<sup>49</sup> Mulher, mas é frequentemente usado para denominar homossexual masculino. Teria mona relação com mônada?

<sup>50</sup> Expressão que significa algo ou alguém ruim, feio, desagradável, desprezível, errado, equivocado.

<sup>51</sup> Andar, mexer o corpo.



Lucy - Claro! Só babado<sup>52</sup> e confusão (risos)! Abusadaaaaa! Seu acuman<sup>53</sup> tirou meu brilho. Foi *trash!*

Gisele - Eu não tenho culpa se abalei<sup>54</sup> horroresss! Hahaha  
Agora apruma teu corpo e aquenda<sup>55</sup> que vamos pro centro!

Você tá sabendo que vai ter concurso de *Drags* no teatro da Ubro? Selma *Ligthvai* apresentar!!! Ai que tudoooo!

Lucy - Não sei por que você acha “tudooo”, aquela amapô<sup>56</sup> seca!

Gisele - Bil! Deixa de ser invejosa!

Lucy - Ui credo! Coisa mais sem graça...

Gisele - Hoje você tá a treva heimlich! Se a gente parar pra pensar se espanta em como quanta coisa mudou. Lembro bem daquele ano. 2006! 1ª Parada da Diversidade de Florianópolis, mal podia me aguentar de felicidade. Finalmente sairia às ruas com meu vestido brando, colado, mais bonito que o da Marilyn Monroe.

Lucy - Hahaha! O que você não esperava era manchar seu vestido com aqueles ovos podres que atiraram na gente!

Gisele - Viado!!! Perdi meu vestido, estraguei a maquiagem e por sorte não quebrei meu salto naquela correria.

Fico passada com essa gatinha da Beira Mar que se acha...

Lucy - Você tá certa, de lá pra cá muita coisa mudou. Tudo bem que a gente não se envolve na organização da parada porque não somos de nenhum partido político, nem de um movimento social organizado e também não somos empreendedoras (risos), mas adoraaaaaamooosss a semana da diversidade.

Gisele - O que eu acho engraçado nesta cidade é esse descompasso. Ao mesmo tempo em que é um dos cartões postais brasileiros para o turismo *gay*, principalmente, na semana da diversidade, quando a gente vê a cidade repleta de turistas, também se mostra como uma cidade bastante homofóbica, preconceituosa e discriminatória, tanto que foi uma das últimas capitais brasileiras a realizar parada *gay*.

---

<sup>52</sup> Acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom como mal.

<sup>53</sup> Cabelo, peruca.

<sup>54</sup> Abalar=fazer algo bem feito.

<sup>55</sup> Aquendar= chamar para prestar atenção.

<sup>56</sup> Termo usado para designar mulher.

Lucy – É *gay*! Mas o lado bom é que as paradas não se repetem! Cada ano traz novidades e a programação se amplia. Esse ano tô louca pra participar do concurso das *Drags*, já tô ensaiando meu bate-cabelo!

Gisele – Táááá meu Bem!<sup>57</sup> Já tá ensaiando e nem me disse nada?!!! E ainda fica dando close de que nem sabe que produção vai usar... Truqueira!

Lucy - Tansa! Acha que vou entregar o ouro?!!!Hahaha

Gisele - A Márcia me disse que as exposições fotográficas e as mostras audiovisuais são um arraso. Depois da exibição tem um espaço para dialogar sobre o tema. Mas o que tá de tirar o fôlego são os jogos *gays*.

Lucy - Por quê? A tia<sup>58</sup> já não consegue correr atrás das bolas? (risos)

Gisele - Não bicha lesa! O que tira o folego são aquelas coxas grossas dos bofes<sup>59</sup> gostosos... uiiii delicia!!!

Ambas se olham e riem.

Em seguida saem rumo ao centro.

Da bolsa esmeralda Lucy pega um panfleto colorido que ganhou na semana da diversidade para mostrar a Gisele. O enunciado em tom político destaca as ações do Movimento LGBT.

*Sinal verde para a liberdade!!! Precisamos criar espaços que proporcione educação para além das reivindicações por justiça social. Temos que provocar a sociedade a refletir sobre as questões de gênero e sexuais na tentativa de convocar outras formas de pensar a sociedade pela necessidade de pensar o político, as práticas cotidianas e a vida pública.*

Gisele - É tanta politicagem que às vezes me irrita. Você viu Lucy, na última parada (2009) o discurso proferido no carro de abertura foi quase que uma campanha eleitoral para a promoção de um vereador... Tudo bem que ele ajudou a aprovar um projeto de lei que favorece a comunidade LGBT em Florianópolis, mas nós também fizemos nossa parte, estávamos na câmara de vereadores para votar e só porque ele é um candidato *gay* não significa que a vamos votar nele né???

Lucy - Abafa o caso!

---

<sup>57</sup> Interjeição de espanto: olha!;olha só!; nossa!

<sup>58</sup> Homossexual mais velho.

<sup>59</sup> Heterossexual ou homossexual ativo.

Gisele - Bil, vamos parar nesse *ciber* da Hercílio Luz. Antes de comprar a produção precisamos ver a programação completa da semana da diversidade. Lembra que antigamente nas primeiras edições da parada a *semana da diversidade* acontecia no prédio da antiga Câmara de Vereadores? Na Praça XV de Novembro, bem no centro da cidade.

Lucy - Claro!!! E você acha que eu ia me esquecer daquele casarão rosa decorado com a bandeira luxo do arco-íris que gritaaaaava na cara da cidade?



Art: Amanda Leito

**Casa da  
Diversidade  
de Florianópolis - SC**

Gisele - Eu adorava ir pra lá caçar<sup>60</sup>!

Lucy - Naquele bates taca eu queria era me esfregar num bofe escândalo<sup>61</sup>, mas era tanta bichinha e sapa juntas que nem Deus havia de deixar os bofes entrarem lá...

Gisele - Ah bicha, não reclama! Eles entravam sim. A *Casa da diversidade* é igual ao *Big Brother*, no fundo todo mundo quer dar uma espiadinha e outras coisinhas mais! (hahahaha)

Lucy - é...

<sup>60</sup> Aqüendação forte no sentido sexual; pegação.

<sup>61</sup> Homem muito bonito e gostoso.

Gisele - E, além disso, a casa é ponto de apoio para os/as organizadores/as da parada que tentam despertar o interesse das pessoas para participar das atividades, principalmente da Parada da Diversidade.



Teatro da Ubro Florianópolis, 2009.

Lucy - Lembrei daquele desfile bizaaarro da Marisa Dragão.

Gisele - A freewilliy<sup>62</sup>?

Lucy - Hamram. Bichaaaaa na hora do bate-cabelo a amapô pisou no tule da saia e quase desmontou no tapete central. Hahaha. Desabou mas não perdeu a pompa!

Gisele - e depois do desfile ainda cantou: *I will survive!!!* (risos)

Lucy - Ei *gay*, vamos desaquendar? As lojas já estão quase fechando...

Gisele - Calma, agora que estamos aqui vamos fazer a ultima consulta. Digita aí [www.google.com.br](http://www.google.com.br), abre o percurso da parada desse ano. Precisamos ver o horário do inicio e o local da concentração...

Lucy - Isso! Perai...

(*Pluck*)

Abriu!

Anota aí:

---

<sup>62</sup>Homossexual gordo.

4ª Parada da Diversidade Floripa - Google Maps

Web Imagens Mapas Notícias Orkut Grupos Gmail mais ▾

Google maps  Pesquisar no Mapa [Mostrar opções de pesquisa](#)

Localize empresas, endereços e locais de seu interesse. [Saber mais](#)


[Como chegar](#) [Meus mapas](#) [Salvar em Meus mapas](#) [RSS](#) [Visualizar](#)

**4ª Parada da Diversidade Floripa**  
 Trajeto da Parada da Diversidade Floripa. Dia 06 de setembro/2009. Concentração às 14horas, no Koxixos da Av. Beiramar Norte.  
 Palco com shows de encerramento.  
 Programação completa da Semana da Diversidade, em <http://diversidadefloripa.org.br/>  
 103 exibições - Público  
 Criado em ago 25 - Atualizado há 3 dias  
 Por Acélio Filho  
[Classifique este mapa](#) - [Escrever comentário](#)

**Início - Koxixos**  
 Concentração às 14h. O trajeto segue em direção ao

**Final - Trapiche Central**  
 Ponto final do trajeto. Palco com shows de encerramento

[Informar um problema](#)



Trajeto

A concentração é em frente ao *KoxixosBeer*, segue pela Avenida Beira Mar Norte rumo ao centro da cidade. São percorridos três quilômetros que liga o norte da ilha ao centro.

Gisele - Olha! O ponto alto é o *KoxixosBeer* – ponto da concentração – e no ponto baixo fica o palco central dos shows de encerramento.

Lucy - Então é isso. Agora é força na peruca<sup>63</sup> gay!

Gisele - Vai ser muito bom!!! Eu quero é me jogar!

Lucy - Bee, tô passada<sup>64</sup>! Olha a hora! A loja vai fechar!!! Dá logo o aquê<sup>65</sup> pro moço e vambora!!!

<sup>63</sup> Interjeição: vá em frente! Vai nessa! Se joga.

<sup>64</sup> Estou chocada.

<sup>65</sup> Dinheiro.

**Faixa 4: Entre o cor de rosa e o vermelho sangue<sup>66</sup>**

Muito pode ser dito, escrito e pensado sobre as violências, elas atravessam rotineiramente muitas vidas, entre elas a dos sujeitos LGBT. A partir dos trechos da entrevista de Luiz Mott, antropólogo fundador do Grupo *Gay* da Bahia (GGB), evidenciam-se como crimes de homofobia são cometidos. De acordo com o GGB, *o Brasil é o país onde mais se mata homossexuais. Em 2008, foram registrados 190 assassinatos, um a cada dois dias. [...] O Brasil é o campeão mundial em crimes de homofobia, seguido pelo México – que apresenta média de 35 crimes por ano – e Estados Unidos – com 25.*

Curiosamente, o mesmo país onde acontece a maior parada *gay* do mundo é também onde mais crescem os números de assassinatos de homossexuais. Talvez este alto índice decorra da falta de uma legislação que enquadre a homofobia como crime no Brasil, embora já exista o projeto de lei 122/2006 com este objetivo. Para Mott, que acompanha desde 1980 o registro de assassinatos a homossexuais até os dias atuais, este aumento se configura como um *homocausto*. Nos documentos do Grupo *Gay* da Bahia constam 2.998 casos de morte entre *gays*, lésbicas e travestis.

Mott assinala para a relevância de tornarem visíveis as violências que discriminam diariamente homossexuais e que no momento são registradas e catalogadas pelo GGB. Cabe enfatizar que este é o único grupo que tem o maior acervo sobre assassinatos de *gays*, travestis e lésbicas do mundo. Ao ser indagado sobre a contradição de o Brasil realizar a maior parada *gay* e ao mesmo tempo receber o título de campeão em crimes de homofobia, Mott diz que *esse é um grande dilema que o movimento homossexual brasileiro tem de enfrentar com apoio dos cientistas sociais e experts em cultura brasileira. O Brasil tem esse lado cor-de-rosa, a maior parada gay do mundo, a maior associação de gays, lésbicas e transgêneros da América do Sul. E tem o lado vermelho-sangue: a cada dois dias, um gay é assassinado.*

Em relação aos dados numéricos a única regularidade é de que todo ano mais de 100 homossexuais são assassinados: mais *gays* que travestis, uma média de 70% de *gays*, 25% a 27% de travestis, e 3% de

---

<sup>66</sup> Tomo emprestado o título da matéria de Tatiana Merlino em entrevista com Luiz Mott, na Revista Caros Amigos. Ano XIII, 148, julho/2009. Editora Casa Amarela. P. 20-21.

lésbicas. Mas há estado que em um ano se mata mais travesti e no outro se mata mais *gay*. O nordeste é a região mais afetada e Pernambuco continua sendo um dos estados mais violentos.

A partir destas informações lembrei-me das cenas de homofobia ocorridas após a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em 2009, onde a mídia deu grande destaque às violências.

### **Faixa 5: O anti-espetáculo**

Uma vez por ano casais *gays* se abraçam e se beijam nas avenidas, mulheres manifestam seu amor livremente, travestis e transexuais exibam seus corpos com seios fartos e a bunda redonda. É o momento em que as *dragsqueens* ou *kings* espetacularmente atuam nas ruas dando vida a seus/as personagens. Desenham contornos alegres ou caricatos, ocupam o espaço que anseiam conquistar na sociedade. O show aberto ao público, além de arrancar risadas, procura garantir que tanto às *drags* quanto os demais sujeitos LGBT exponham suas diferenças.

Trios elétricos conduzem multidões num embalo dançante. As músicas entrecortadas por *slogans* e apelos em diferentes *remix* são conduzidas pelo vento e alcançam muitos lugares, chegando até mesmo àqueles ouvidos que não querem escutar a agitação. Em meio a tanta festa e magnetismo as violências acontecem.

Em 2009, pela primeira vez foram evidenciadas pelas mídias cenas de violências que ocorreram na maior parada *gay* do mundo, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Era comum, até então, que os meios de comunicação noticiassem pós-parada o registro numérico de roubos de celulares, dinheiro, mochilas, máquinas digitais, câmeras e outros objetos que os/as participantes carregam consigo em meio à multidão. Segundo a polícia, o grande número de pessoas nas avenidas permite que os furtos sejam facilmente cometidos. Entretanto, além de latrocínios, neste ano houve um atentado à bomba e outras agressões que resultaram na morte de uma pessoa. Algo inusitado que chamou a atenção da mídia e da sociedade.

A antropóloga Regina Facchini, quando integrava a Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, disse que *os casos de homofobia aumentam muito nos dias que sucedem a Parada*<sup>67</sup>. Em meio a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros que participam da parada encontram-se sujeitos com intenções diferentes daqueles que reivindicam direitos humanos. Neste emaranhado de gente é possível observar aqueles e aquelas que se embriagam pelas ruas, quebram garrafas, destroem a cidade, picham paredes, empurram e agridem pessoas e manifestam distintas formas de violências.

Embora o policiamento estivesse presente nas ruas e avenidas por onde a 13ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo passou, foi possível ver algumas cenas de agressão física que marcaram o evento.

UOL ASSINE 0800 703 3000 BATE-PAPO E-MAIL RÁDIO UOL SAC TV UOL UOL HOST VOIP E-MAIL GR

**FOLHA ONLINE**  
www.folha.com.br  
Sábado, 11 de julho de 2009

Notícias Especial Serviço Galeria Erramos Colunas Fale conosco Atendimento ao assinante Grupo Folha

Em cima da hora | Ambiente | Bichos | Brasil | Ciência e Saúde | Comida | Cotidiano | Dinheiro | Educação | Equilíbrio | F

**cotidiano** PUBLICIDADE **IMOVEIS** com subscrito de até R\$23MIL\*

**PARADA GAY**

Sebastião Moreira/Efe

**Após percorrer Paulista, Parada Gay termina na praça Roosevelt**

- Ruas são liberadas após a 13ª Parada Gay de SP
- Briga deixa cinco feridos na Parada Gay em SP
- Vinho barato vira opção à cerveja na Parada Gay
- Direitos dos gays emperram no Congresso, diz Marta
- José Serra afirma apoiar união estável

OCORRÊNCIAS MÉDICAS

**Balanço final aponta 392 atendimentos médicos na 13ª Parada Gay de SP; dois casos são graves**

Cerca 99% dos casos foram devido ao excesso de álcool. Um rapaz foi esfaqueado e outro teve fratura exposta.

- Veja imagens da 13ª Parada Gay de São Paulo, assista

Multidão lota a avenida Paulista na 13ª edição da Parada Gay na cidade de São Paulo; veja imagens do evento

### Reportagem

<sup>67</sup> Disponível em: <<http://www.omegahitz.com.br/>> acesso 11 julho de 2009.



UOL ASSINE 0800 703 3000 BATE-PAPO E-MAIL RÁDIO UOL SAC TV UOL UOL HOST VOIP

**FOLHAONLINE**  
www.folha.com.br  
Sábado, 11 de julho de 2009

Claro Escolha. **NOTÍCIAS AGORA.**

Notícias Especial Serviço Galeria Erramos Colunas Fale conosco Atendimento ao assinante

Em cima da hora | Ambiente | Bichos | Brasil | Ciência e Saúde | Comida | Cotidiano | Dinheiro | Educação

**cotidiano** PUBLICIDADE

Comunicar erros Enviar por e-mail Imprimir

14/06/2009 - 16h10

**Briga deixa cinco feridos na Parada Gay em SP; PM prende duas pessoas vendendo lança-perfume**

FELIPE MAIA  
da Folha Online

Descubra mais reportagem 02

Reportagem

UOL ASSINE 0800 703 3000 BATE-PAPO E-MAIL RÁDIO UOL SAC TV UOL UOL HOST VOIP

**FOLHAONLINE**  
www.folha.com.br  
Sábado, 11 de julho de 2009

filtro de mensagens,

Notícias Especial Serviço Galeria Erramos Colunas Fale conosco Atendimento ao assinante

Em cima da hora | Ambiente | Bichos | Brasil | Ciência e Saúde | Comida | Cotidiano | Dinheiro | Educação

**cotidiano** PUBLICIDADE Meu MRV

Comunicar erros Enviar por e-mail Imprimir

14/06/2009 - 22h08

**Balanço final aponta 392 atendimentos médicos na Parada Gay de SP; dois casos são graves**

Colaboração para a Folha Online

reportagem 03

Reportagem

Duas chamadas do Jornal Nacional anunciaram:



/ edição do dia 15/06/2009

15/06/09 - 21h40 - Atualizado em 15/06/09 - 21h40

## SP: explosão de bomba fere 23 após a Parada Gay

Um grupo de participantes se reuniu no Largo do Arouche, no Centro. Foi ali que uma bomba caseira deixou estragos e feridos. O preconceito é uma das hipóteses investigadas pela polícia.

 Tamanho da letra [A-](#) [A+](#)

### últimas edições

jun 2009						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

### seções

[Primeira Página](#)


O preconceito é uma das motivações investigadas pela polícia para os atos de violência durante a Parada Gay, em São Paulo. Uma bomba caseira foi jogada contra um grupo de jovens e deixou 23 feridos.

A galeria de arte abriu na manhã desta segunda com uma das portas quebradas. "Fui abrir o portão, aí vi tudo esmiuçado", contou um homem.

Reportagem



/ edição do dia 17/06/2009

17/06/09 - 21h39 - Atualizado em 17/06/09 - 21h39

## SP: morre homem espancado após Parada Gay

Marcelo Campos Barros tinha 35 anos e era cozinheiro. Ele foi agredido por cinco homens, na noite de domingo, no Centro de São Paulo.


 Tamanho da letra [A-](#) [A+](#)

### últimas edições

jun 2009						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

### seções



Morreu nesta quarta, em São Paulo, um homem que foi espancado depois da Parada Gay, no último domingo.

Quando as amigas deixaram o hospital, já haviam recebido a notícia dos médicos. "Estou chocada com a agressividade gratuita", desabafou uma mulher.

Marcelo Campos Barros tinha 35 anos e era cozinheiro. Ele foi agredido por cinco homens, na noite de domingo, quando...

Reportagem

A primeira notícia refere-se ao atentado homofóbico ocorrido no Largo do Arouche, no centro de São Paulo, logo após a parada, em que

uma bomba caseira foi lançada contra pessoas que se encontravam em frente a uma galeria de artigos LGBT.

Naquele dia desci a Av. Paulista seguindo a Parada do Orgulho LGBT por cerca de cinco horas. À noite fui jantar em um local próximo daquele em que a bomba explodiu. Antes da explosão, o lugar já estava um alvoroço com a rua completamente tomada de gente que continuava pulsando. Seus corpos dançavam sem música, muitas pessoas bêbadas perambulavam pelas calçadas, o mesmo empurra-empurra ocorrido à tarde acontecia ali. No ar um forte odor de pessoas suadas que cambaleavam e se desequilibravam ao caminhar.

Os bares sinalizavam a acolhida dos/as fregueses LGBT com bandeiras do arco-íris estendidas nas fachadas. Mas, os espaços eram pequenos e as pessoas se espalhavam dentro e fora dos estabelecimentos. Por falta de banheiro os homens urinavam nas paredes, o que aparentemente era uma oportunidade de exibicionismo para mostrar o pênis em público sem se importar com as pessoas ao redor. Talvez uma forma de anunciar a procura por sexo fácil e aquela altura, sob o efeito do álcool, já não importava muito com qual das letrinhas a prática sexual pudesse acontecer. As *Drags* começavam a se desmontar<sup>68</sup>, boas de penas murchas esticavam-se nas fantasias, perucas tortas na cabeça, salto alto nas mãos e maquiagem derretida no rosto. Quase fim de festa, mas ainda em festa!

Demorei um tempo no jantar para observar o ritmo da vida naquele lugar. Perguntava-me com certo estranhamento: por que todos/as permaneciam aglomerados/as ali no Largo do Arouxe? Quando voltei percebi grande agitação entre os presentes. Senti medo. Notei que corriam e gritavam. Pensei, a princípio, que se tratava de uma briga. Mais uns passos adiante e vi que a polícia corria para uma rua paralela onde algo acontecia. A bomba, lançada do alto de um prédio, tinha explodido a poucos minutos. Naquele instante não me dei conta que se tratava de uma bomba, nem mesmo vi os/as feridos/as, tudo que fiz foi me apressar para sair dali. No dia seguinte, ao acompanhar o noticiário percebi que fora um atentado contra os sujeitos LGBT. Os estilhaços de

---

<sup>68</sup> Processo inverso à montagem. Relativo a despir-se, tirar a maquiagem e os adereços que compõem o visual feminino-exagerado.

vidros e pólvora atingiram cerca de 23 pessoas e a selvageria, apesar de seu contorno, não conseguiu fazer vítimas fatais.

O *slogan* da 13ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo era: *não a homofobia, mais cidadania*. Recordo a fala de Mott quando aponta o Brasil como líder no *ranking* de crimes homofóbicos no cenário mundial. *Slogan* como este e os fatos ocorridos no dia da parada reforçam essa compreensão. Para Mott, *apesar de o Brasil proclamar através de suas lideranças que teve a primeira conferência GLBT do globo e o primeiro presidente a apresentar um programa nacional para os gays, estamos na rabeira de outros países que possuem menos organização em termos de parada*, mas que já asseguram direitos de cidadania a sujeitos LGBT.

A segunda notícia dizia: *morre homem espancado após Parada Gay*. Referia-se a Marcelo Campos Barros, 35 anos, que havia combinado de encontrar alguns amigos na Praça da República, no centro de São Paulo, local em que a Parada do Orgulho LGBT se dispersou. Marcelo não participou da parada, esperava num ponto de ônibus quando foi surpreendido por cinco homens que violentamente o agrediram até que desmaiasse. A vítima foi encaminhada com urgência para o hospital e após ficar em coma veio a falecer em decorrência dos duros golpes que provocaram fratura craniana grave e fez com o cérebro parasse de funcionar.

Por que alguém é fortemente surrado/a até a morte? O que fizeram aqueles e aquelas que assistiram a agressão? Fugiram? Olharam? Correram? Denunciaram? Este acontecimento serviu para a sociedade refletir sobre as disparidades no tratamento de sujeitos que se diferenciam da orientação sexual hegemônica?

Lembrei que quando completava aproximadamente quatro horas de caminhada, para conseguir chegar mais à frente da Av. Paulista com a intenção de registrar mais imagens para a pesquisa, cortei caminho por uma rua paralela e presenciei outra cena de violência. Desta vez um humorista da Rede TV que estava fantasiado voltava para o hotel em que estava hospedado. Em meio ao tumulto entre fãs e outras pessoas, o humorista foi empurrado por uma travesti que seguia pelo mesmo local. Vi quando os seguranças do humorista sacaram cassetetes e bateram na travesti. Rapidamente os seguranças e o humorista entraram no hotel, que imediatamente fechou as portas. A travesti, ainda tonta, se levantou

e continuou caminhando. Tempos depois chequei as filmagens que foram exibidas no programa do humorista e vi que satirizavam os/as participantes da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.

No momento da confusão ninguém entreviu para evitar que a travesti apanhasse. Eram três seguranças e foi tudo muito rápido. Não soube se este caso foi denunciado e eu, tampouco o denunciei. Fiquei atônita e nem mesmo consegui registrar a agressão com minha câmera. As imagens das violências ficaram marcadas apenas em minha mente. Por que diante de situações como esta não nos manifestamos? O que nos trava, nos limita, nos impede de agir, de denunciar e/ou intervir nas situações em que pessoas sofrem agressões? Acredito que a travesti não teve intenção de empurrar o humorista. Ao contrário, assim como acontecia durante toda à tarde, quem estava no meio da multidão, em alguns momentos corria o risco de ser derrubado/a. As pessoas se aglomeravam ao longo do percurso. Eu fui empurrada várias vezes. No entanto, seria este um motivo para que as pessoas surrassem umas as outras? Onde estava o respeito ao/a outro/a quando o lugar, abarrotado de gente, instigava mais atropelamentos?

Não trago estes episódios para vitimizar os sujeitos LGBT, mas destaco as discriminações, os preconceitos e as violências sofridas por eles/as. Há que se considerar que os sujeitos LGBT mobilizam-se para conquistar respeito às suas diferenças e o direito de viver como qualquer cidadão/ã àquilo que rege a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não estou aqui com a intenção de dizer quem faz o papel de mocinho ou bandido na história. Cabe dizer que estes mesmos sujeitos (LGBT) também podem cometer atos desrespeitosos ou violências como discriminar, agredir ou minimizar outras pessoas.

Portanto, não levanto a bandeira dos sujeitos LGBT como o grupo dos/as oprimidos/as, exceto se a opressão estiver relacionada ao desrespeito para com o ser humano. Partilho do pensamento de que é necessário respeitar o/a outro/a e não apenas tolerar suas diferenças para possibilitar a convivência social com equidade de direitos. Entretanto, as notícias capturadas sobre a 13ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo exemplificam tragédias decorridas de violências contra sujeitos LGBT. A abordagem do *slogan* do evento, ou mesmo as reivindicações

pronunciadas na parada tiveram pouca visibilidade nos artefatos midiáticos.

É importante observar que as violências sempre estiveram presentes nas paradas *gays*, seja na forma de discriminações e preconceitos, seja em agressões. Os latrocínios, assim como os abusos também figuraram este cenário e há muito tempo acompanham os/as sujeitos homossexuais.

Uma pesquisa realizada pela Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo no ano de 2006, verificou o perfil e o comportamento dos/as participantes da parada na cidade de São Paulo. Foram entrevistadas 846 pessoas por um grupo de trinta pesquisadores/as. Entre os dados estavam questões relativas às sexualidades, cor/raça, nível de instrução, condição de atividade econômica, religião, situação afetivo-conjugal, etc. Há um grande número de sujeitos que declaram sofrer diferentes tipos de violências em espaços sociais diversos, sobretudo, em decorrência de sua orientação sexual:

*Um número extraordinariamente alto de respondentes (67%) disse já ter sido, devido à sua sexualidade, vítima de algum tipo de discriminação, entre as nove modalidades previstas no questionário (emprego; comércio; sistema de saúde; escola ou faculdade; ambiente familiar; entre amigos e vizinhos; ambiente religioso; ao doar sangue; em delegacias). Também foi bastante alto (59%) o número de entrevistados(as) que afirmou ter sido vítima, devido à sua sexualidade, de alguma das cinco modalidades de agressão listadas (agressões verbais; agressões físicas; chantagens ou extorsões; violência sexual; golpe Boa Noite Cinderela<sup>69</sup>) (FACCINI, 2007).*

---

<sup>69</sup>Boa noite cinderela, também conhecido por “rape drugs” (drogas de estupro), é o nome dado a um golpe no qual um sujeito – geralmente simpático e de boa aparência - coloca, juntamente à bebida de outro, um coquetel de drogas capaz de deixá-lo este vulnerável o suficiente para ser roubado e/ou violentado sexualmente. Disponível em: <http://www.brasilescuela.com/drogas/boa-noite-cinderela.htm> acesso 13 julho 2009

A pesquisa finalizou a enquete com questões associadas aos tipos de agressões e discriminações sofridas pelos sujeitos LGBT. Dentre as formas mais relatadas de discriminação, há predominância dos/as que relataram ter sido excluído/a ou marginalizado/a por amigos ou vizinhos/as (32%); por professores/as ou colegas de escola/faculdade (29%); em ambientes familiares (26%); religiosos (27%); ter recebido tratamento diferenciado ou ter sido impedido/a de entrar em locais de comércio e lazer (26%). Há também declarações de pessoas que não foram selecionadas ou foram demitidas do emprego (21%); maltratadas por policiais e mal atendidas em delegacias (18%); mal atendido/a em serviços de saúde ou por profissionais de saúde (14%) e ser impedido/a de doar sangue (15%)(FACCINI, 2007).

A partir disto é possível considerar que quando se trata de respeito e igualdade em relação aos sujeitos LGBT, boa parte dos espaços sociais é intolerante e permitem que discriminações como estas ainda ocorram na atualidade. Quando a escola, por exemplo, assim como outras instituições da sociedade permanecem no campo secreto do silenciamento e fecham as portas para as diferenças que constituem e caracterizam os sujeitos e suas identidades, acabam por perpetuar discriminações étnicas, sociais, de gênero e outras. Dessa forma, tendem a desvalorizar ou mesmo ignorar determinados sujeitos que compõem a sociedade.

No Brasil, uma travesti tem 259 chances a mais de ser assassinada que um *gay*. A Bahia é o estado mais violento registrando 18 assassinatos e a região nordeste é a mais perigosa: um *gay* nordestino corre 84% mais risco de ser assassinado do que no sul e sudeste. As vítimas têm entre 20 a 40 anos. Predominam entre as vítimas, as travestis profissionais do sexo, professores, cabeleireiros, ambulantes. *Gays* são assassinados, sobretudo dentro de casa, a facadas ou estrangulados, enquanto travestis são executadas na rua, a tiros, cada vez mais atacadas por motoqueiros. Quanto aos assassinos, 80% são desconhecidos e 65% são menores de 21 anos.

Estes dados estão disponíveis no acervo do Grupo *Gay* da Bahia que além de ser uma das primeiras organizações brasileiras que investiga as diferentes formas de violências contra sujeitos LGBT é

também promotora do enfrentamento pela criminalização da homofobia empreendendo várias ações neste sentido<sup>70</sup>.

Por fim este informe diz do anti-espetáculo, exhibe por trás do arco-íris a dor de muitos sujeitos. Questões que nem sempre estão em evidência nas mídias. Ora as paradas são exibidas como um carnaval fora de época, momento onde os sonhos se realizam pelas fantasias. Ora toda essa criatividade parece camuflar com purpurinas a dura realidade vivida pelos sujeitos LGBT nos outros dias do ano. As cores, os balões e as plumas compõem o espetáculo do arco-íris, da bandeira do movimento, mas as reivindicações por saúde, educação, políticas públicas e criminalização da homofobia, por exemplo, parece não ter tanto magnetismo, dado o pouco destaque que recebem dos meios de comunicação.

Como pensar então, estas violências na contemporaneidade?

Dialogar com quem?

Os episódios da 13<sup>a</sup> Parada do Orgulho LGBT tiveram visibilidade, isto possibilitou à sociedade acompanhar, ainda que de forma superficial, algumas manifestações do Movimento LGBT na busca por enfrentar, sobretudo, a homofobia. Contudo, não significa que o diálogo esteja plenamente aberto. Instiga saber mesmo com o diálogo interdito, de que forma os discursos são produzidos sobre as paradas? Como pensar os discursos carregados de valores morais, culturais e sociais, que distinguem pessoas, grupos, espaços... Corpos e comportamentos de mulheres e homens na sociedade?

São Paulo, 14 de junho de 2009.

---

<sup>70</sup> O GGB disponibiliza o manual *Gay vivo não dorme com o inimigo* como estratégia para erradicar os crimes homofóbicos e lutou pela criação da Delegacia para crimes contra homossexuais no estado da Bahia.

Disponível em: <[http://www.ggb.org.br/GGB\\_quer\\_delegacia\\_crimes\\_homofobicos.html](http://www.ggb.org.br/GGB_quer_delegacia_crimes_homofobicos.html)> acesso 13 julho 2009.



.. DESFIANDO LINGUAGENS ..

**A guerra das linguagens**

*O narrar-se é discursivo.  
Veiga-Neto (2004)*

O que regem os discursos?

O dito?

O interdito?

O silenciado?

Uns diziam: *Diga não ao preconceito!*

Feministas respondiam: *contra a lésbofobia!*

Sozinha erguia-se uma voz anônima: *Homossexualidade não é pecado!*

Outras vozes concordavam: *sejamos protagonistas de nossa autonomia e liberdade!!!*

Lá estavam eles, alegres e pulsantes.

Lado a lado bandeiras e cartazes mesclavam os logos ao colorido das mensagens. O brado extravasava a avenida. Grito!

E isto fala?



Parada do Orgulho/Marcha Lésbica SP, 2009: **Grito**.

Desfiar linguagens...

Refletir sobre a forma com que os discursos são (ou não) produzidos.

[...] *Chiic*<sup>71</sup>

*Eu sou uma **bicha fina**, finalmente doida (Ahhhhh !)*

*Né **mona**, né mona ? Ahummmmm [...]*

[...] *Tcha, tcha, tcha*<sup>72</sup>

*Tcha, tcha, tcha, tcha, tcha*

*Ui!*

*Gente, eu 'tô' gostando!*

***Arrasa bicha!***

*Tá ótimo!*

*Corta um pouquinho!*

***A louca**, achando que 'tá' gravando*

*Queria cantar sozinha, hein!*

*And I...*

*(And I)*

*Ai, só sei isso, mona*

*É 'uó'*

<sup>71</sup> Música: Tô bonita – SilvettyMontilla.

<sup>72</sup> Música: Coisa boa pra você – SilvettyMontilla.

*Tendeu? [...]*

*[...]A bichice está no sangue, libééééera bambi<sup>73</sup>.  
 Uiiiiiuii,  
 Quebra tudo e sai do armário!  
**Mona!**  
**Bichinha!**  
**Viado!**  
**Fruinha!**  
 Pro preconceito uóóó!  
 Libera!  
 Se joga!  
 Abusa!  
 Nervosa!  
 Úuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu arrasa viado!  
 Força na peruca! [...]*

Registrar na escrita os trejeitos, as expressões e a forma divertida de pronunciar palavras especialmente o vocábulo cômico da linguagem não hegemônica usada por sujeitos LGBT, isto é possível? Penso que não. Os corpos escapam ao “corpus” da língua. No entanto, é importante considerar aquilo que a língua dis-põe: ela distingue, comunica, identifica, caracteriza, codifica, decodifica, representa, aproxima, afasta, tanto acolhe aquelas e aqueles que partilham seus significados como enjeita os/as que não articulam nem compreendem seus sentidos. A língua pode ser alegre, festiva, aguerrida, irreverente, pode inclusive ser arte! Depende da nossa percepção mais ou menos alucinatória.

Na linguagem são trazidos diferentes signos, gestos, sons e verbetes que buscam transmitir uma ideia, anunciar um pensamento, propagar ou apenas informar um significado. Pensando então nas Paradas da Diversidade, quem são os sujeitos da fala? De onde falam? Como falam? Para quem falam? É preciso contextualizar o sujeito que fala situá-lo num grupo, num tempo, num espaço para possibilitar que outros sujeitos o compreendam. Para Costa (2002):

---

<sup>73</sup> Música: Liberada – Selma Light.

[...] todas e todos nós estamos envolvidos e implicados em uma grande batalha cultural pela significação, pela identidade [...] se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos.

As linguagens, assim como os símbolos, compõem identidades que dizem dos sujeitos. A autora acima aponta que “*os sujeitos se constituem no interior de tramas históricas. Eles são, simultaneamente, construídos e constituintes. Nessa concepção, a centralidade da linguagem passa a ser evidente*”. O lugar talvez aqui possa ser entendido como sujeito de enunciação<sup>74</sup>. Enquanto escrevia por várias vezes me peguei pensando se as linguagens incluem ou excluem sujeitos? (Incluem e/ou excluem)???. Se os sujeitos constituem diferentes formas de diálogos que muitas vezes são reforçadas por expressões e comportamentos que identificam pessoas (seja individual ou coletivamente), como as linguagens vão sendo instituídas ao longo da história? E como pensar o lugar diante da imanência do não-lugar<sup>75</sup>?

O sujeito no não-lugar? Sim.

Ao pensar nisto acabamos por desconstruir a imagem ingênua do lugar. O não-lugar é o lugar do deslocamento, a abertura para as possibilidades. Tomo, portanto o não-lugar como espaço de passagem que caracteriza o sujeito do século XXI, que possibilita os lugares de cada experiência.

Um homossexual efeminado está passando pela rua e ouve de longe alguém dizer: *Ei! Bicha! Ei viado!* Pode ser que este sujeito fique constrangido, sinta-se agredido já que na linguagem hegemônica a palavra bicha tem sentido pejorativo ou ainda seria possível que este homossexual viesse a se sentir ameaçado por preconceito compreendendo que a palavra viado carrega valores morais e culturais

---

<sup>74</sup> Emile Beneviste (1988).

<sup>75</sup> AUGÉ, Marc. (1994).

sobre si. Por outro lado, essa mesma situação poderia ser entendida de maneira diferente se este homossexual estivesse passando pela rua e ouvisse de longe outros homossexuais dizerem: *Ei! Bicha! Ei! Viado!* Compreendendo que estas expressões estariam se referindo a uma forma de cumprimento aceitável na linguagem da comunidade LGBT. A linguagem é tida também como sentimento de pertença a um grupo específico. O mesmo poderia acontecer com a palavra *sapatão*, que carrega um aspecto negativo, reportando-se a uma forma preconceituosa e ofensiva de se referir a lésbicas masculinizadas.

Tanto neste caso como em outros, os sujeitos (LGBT) criam ou se apropriam de palavras para instituir formas de tratamento que quando usadas pelo grupo revelam a similitude que os/as aproxima e estabelece vínculos de amizade, mas quando usadas por outros sujeitos configuram formas de marcação. Algumas expressões usadas no diminutivo ou de maneira abreviada diferenciam formas ternas de afeto entre sujeitos, por exemplo, *sapa* que se refere a mulheres que gostam de mulheres, *bichinha* para homossexuais efeminados, *melissinha* para mulheres lésbicas femininas, *trava* para travesti e outras.

No entanto, parece que quanto mais se enfatiza a diferença mais se mostra à diversidade. O esforço por criar palavras que configurem as identidades pode significar afirmação do grupo e ganhar força num determinado espaço, mas, é interessante pensar que se os sujeitos criam linguagens diferenciadas que acabam por caracterizar um grupo – LGBT – e optam por fazer uso delas, neste caso, será que as linguagens são empregadas como elemento de resistência social? Como a não compreensão da significação de certos verbetes impede que diferentes sujeitos se comuniquem? A linguagem (LGBT) seria uma forma de produzir discursos? Tomando como base na análise de discurso foucaultiana seria possível pensar na linguagem LGBT como produtora de verdade? De saber? De poder? De controle? Entre os sujeitos LGBT o que significa a linguagem caricata, a irreverência e as ambiguidades? Estas seriam maneiras de marcar lugares e sujeitos numa mesma sociedade? Há uma gramática, portanto com seu léxico, ele relaciona autoproteção, senhas e expressão.

A partir de Foucault (2008), a linguagem destaca-se enquanto produtora de discursos seguida pela vontade de saber inerente a vontade de poder. Assim, o discurso pode exercer certo controle sobre os sujeitos, isto significa que o discurso corresponde a um círculo onde tanto pode liberar as pessoas em relação a seus desejos, sua sexualidade ou suas políticas, como pode prendê-las no sentido de fazê-las desejar possuir o discurso. Ao possuí-lo, tornam-se objetos e permitem que o mesmo as possua.

Deste modo, o acesso ao discurso deve se dar de forma cuidadosa, entendendo que numa sociedade nem todos os sujeitos têm acesso ao discurso. Foucault (2008, p. 8) lança a seguinte questão: *“mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”* Para o autor a sociedade *“produz o discurso ao mesmo tempo em que seleciona, organiza, controla e o redistribui”*. Por esta razão a sociedade também cria métodos de exclusão onde negam a palavra a certas pessoas através da interdição.

Assim, tem-se o *“jogo de três tipos de interdição”* que configuram uma grade complexa na sociedade considerando os seguintes aspectos: 1) tabu do objeto – que corresponde ao fato do sujeito não ter direito de falar de tudo; 2) ritual da circunstância – trata-se de não oportunizar que o sujeito diga qualquer coisa em qualquer circunstância e 3) direito privilegiado ou exclusivo – que se refere a concessão do direito a certas pessoas para dizerem algumas coisas. Estas seriam formas de exercer o controle do discurso numa sociedade. No entanto, além da interdição, outra forma de exclusão é a rejeição ou a separação. Ao considerar que o discurso é a afirmação de uma verdade pode-se dizer que a loucura, por exemplo, é excluída da sociedade por se configurar num discurso que não é verdadeiro. Mas, é preciso estar ciente de que nem tudo é discurso. Discurso corresponde aquilo que se elabora enquanto ordem da verdade.

Como se pode observar, a vontade de saber é ontológica. O desejo pelo saber acontece inerente ao tempo. A ordem da verdade configura-se na busca por algo consensual. Não se trata de classificar se hoje a verdade ou o discurso são verdadeiros ou falsos, mas se se pensar que uma das formas de acesso ao discurso dá-se, por exemplo, pela educação, pelo sistema de ensino, ao se institucionalizar a verdade ou o discurso pode-se correr o risco de eliminar diferentes formas de saberes.

De tal modo que esta vontade de saber estaria sujeita a novas formas de exclusão. Assim, Foucault (2008, p. 17) argumenta:

[...] ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.

A verdade vai sendo institucionalizada na sociedade na medida em que busca apoio em diferentes campos de conhecimento, como a ciência, por exemplo, que reforça em alguma medida o discurso considerado verdadeiro. Como mencionei, há que se considerar a existência de alguns tabus e rituais para se proferir determinados discursos. Certos temas só podem ser ditos em alguns momentos e espaços, o que reforça a idéia da interdição à palavra que oportuniza o discurso para alguns/as e nega-o para outros/as. O discurso não é só linguagem, é também pensamento e poder. É um conjunto de práticas e símbolos que podem abarcar questões como sexualidade, poder, legislação, violências e outras. Trata-se, portanto, de um acontecimento<sup>76</sup>.

Ao pensar sobre a política e a sexualidade, Foucault sublinha que tratam-se de campos em que se privilegia o discurso para alguns/as que conseqüentemente detêm o poder e, através da interdição, submetem outros sujeitos a desejarem o poder sobre tais campos, assim continuam a alimentar a roda produtora de discursos, saberes e poderes. Para

---

<sup>76</sup> Foucault se serve do conceito de acontecimento para caracterizar a modalidade de análise histórica da arqueologia e também sua concepção geral da atividade filosófica. A arqueologia é uma descrição dos acontecimentos discursivos. A tarefa da filosofia consiste em diagnosticar o que acontece, a atualidade. Confira Castro, Edgardo (2009).

exemplificar cito o campo da sexualidade a fim de mostrar como funcionam os dispositivos de construção e manutenção da roda fabricante de discursos.

De acordo com Castro (2009, p. 401) para explicar as relações de saber e poder, Foucault considerou que havia “*um dispositivo de aliança que determina os sistemas matrimoniais, o desenvolvimento da paternidade, a transmissão do nome e dos bens. As sociedades ocidentais modernas inventaram, a partir do século XVIII, o dispositivo de sexualidade*”. Esses dispositivos destinam-se ao casal, contudo de formas distintas. Para Foucault existem quatro diferenças básicas entre o dispositivo da aliança e o dispositivo da sexualidade: a primeira mostra que “*o dispositivo da aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que definem o permitido e o proibido, o lícito e o ilícito; o dispositivo de sexualidade, por sua vez, funciona através de técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder*”. A segunda refere-se ao fato de que no dispositivo da aliança objetiva-se “*reproduzir o jogo do domínio de relações e manter a lei que as rege; o dispositivo de sexualidade estende incessantemente seu domínio e engendra novas formas de controle*”. Na terceira distinção, o dispositivo da aliança “*gira em torno ao nexos entre os membros do casal que possuem um estado definido; enquanto que o dispositivo de sexualidade, em torno às sensações do corpo, à qualidade dos prazeres, à natureza das impressões*”. A quarta e última diferença menciona que no dispositivo da aliança a economia está fortemente marcada quanto à transmissão e circulação dos bens, ao passo que no dispositivo de sexualidade a economia liga-se ao próprio corpo. Em síntese, a reprodução é a característica fundamental do dispositivo da aliança e a penetração e o controle do corpo individual e social marca o dispositivo de sexualidade.

Segundo Fischer e Veiga-Neto (2004, p. 16), Foucault apresentou minúcias sobre o discurso, ele é algo controlado e controlador, “*há perigo nas palavras [...] todas as formas, internas ou externas, de sinalizar, de deixar as coisas serem ditas. Ou, então, o fato de que as coisas podem ser ditas, mas não são ouvidas, não são escutadas quando ditas fora de uma ordem*”. Estas são questões a serem consideradas quando pensamos a respeito do discurso. Além disso, o próprio sujeito multiplica o seu discurso, portanto, “*fazer a análise do discurso é multiplicar o próprio discurso*”.



Como vimos, ao falar em discurso pode-se considerar a questão dos dispositivos de controle, dos enunciados, das técnicas de si, das tecnologias do eu, etc... Uma determinada coisa pode ser dita num lugar e em outro não, ou, ainda, a vigilância e o controle sobre nossas vidas (que nem sempre são visíveis), tudo isso poderia nos remeter à questão dos discursos. Portanto, cabe voltar às perguntas: quem fala? De onde fala? O que fala? Como diz determinada coisa em determinado lugar? Como a história das coisas vai sendo escrita?

Em *A Ordem do Discurso*, Foucault (2008) faz menção a alguns discursos que permanecem em nossa sociedade e são considerados clássicos a exemplo dos discursos jurídicos e sagrados. Mas, para que estes se mantenham na atualidade faz-se necessária a existência de três aspectos: a) comentário, b) autoria e c) disciplina, sendo este último, considerado como “*um princípio de controle da produção do discurso*”. Retomo aqui as questões anteriormente lançadas: os códigos e a linguagem LGBT seriam formas de produzir verdades? Saberes? Poderes? Seria a linguagem, por acaso, uma maneira de assinalar a diferença e marcar lugares e sujeitos numa sociedade?

Para Foucault (2008, p. 39):

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fica, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles [e aquelas] aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.

Ao pensarmos na visibilidade e na tolerância que hoje permitem a veiculação de inúmeras imagens do diverso em distintas instituições, incluindo universidades e escolas, caímos dentro de um discurso do *politicamente correto*. É desejável tolerar o/a diferente, mas, respeitá-lo/a em suas diferenças ainda é um desafio. Pode-se observar nas Paradas da Diversidade que há na repetição da exibição do exótico o possível consentimento de que naquele dia – o dia do desfile – a lésbica, o *gay*, o/a travesti, o/a transgênero são aceitas/os e quanto mais extravagante se mostram mais engraçadas/os e aceitáveis ficam. O uso do espaço (as avenidas) com os adereços e badulaques moldam a figura esdrúxula da/o desviante.

Assim, nas paradas, os sujeitos que tem posse do microfone em cima dos trios elétricos estariam formulando discursos em relação às políticas afirmativas, por exemplo? De que forma estes discursos dizem verdades sobre os Direitos Humanos? Falam de uma nova legislação que contemple os sujeitos LGBT? Ou estariam enfrentando a ideia de tolerância inserida no discurso do politicamente correto? Aqui, estas questões são pertinentes por fomentar a reflexão embora não tenha a pretensão de respondê-las.

Sobre os discursos e as verdades é possível pensar que em dadas circunstâncias muitos lugares e papéis são (e serão) definidos ao longo da história por uma camada pequena de sujeitos que detêm o poder. Logo, essa prática se repetirá e o jogo de limitações e exclusões será reforçado na medida em que poucos sujeitos dominam discursos, linguagens, saberes e poderes.

Em síntese, Foucault não é um autor que se conforma com frases do tipo “as coisas sempre foram assim”, seu pensamento é revolucionário, sua preocupação em compreender a história sob a perspectiva da genealogia traz as reflexões para o tempo presente, permitem diagnosticar o presente. Uma história contada de frente para traz... Ele “*trabalha com irrupções, com as descontinuidades*” (FISCHER e VEIGA-NETO, 2004, p. 23), da mesma forma, buscopensar sobre as Paradas da Diversidade enquanto um espaço descontinuo, produzido na imanência do não lugar em que concomitantemente produz discursos e discursos são produzidos sobre ela. Desejo, portanto, indagar estes discursos e as descontinuidades históricas que atravessam os sujeitos LGBT.

É para além do ser da linguagem que Foucault tece suas análises sobre discurso. As práticas discursivas, os ditos e não ditos do ser da linguagem, os trejeitos, as práticas de caráter não linguística, o contexto, os dispositivos evidenciam como fazemos o uso da linguagem historicamente e assim constituímos os discursos. [...] *A problemática da linguagem, em Foucault, vai, assim, ‘do ser da linguagem’ ao ‘uso da linguagem’, às ‘práticas discursivas [...]’* (CASTRO, 2009).

Eu poderia continuar pensando muitas coisas sobre linguagem e produção de discursos, contudo, interrompo aqui este pensamento para retomar dois aspectos citados anteriormente: a) o *politicamente correto* e seus efeitos fantasmáticos e, b) os espaços institucionalizados. Qual seria a trama que tece o que é político e correto dentro do institucional? Para refletir sobre este questionamento há o desafio em desfiar a rede de relações que desafia o institucional a reconhecer as imagens do diverso – a diversidade – que o habitam. Para tanto, fazer uma análise sobre o discurso do *politicamente correto* que está presente em distintas instituições, sobretudo, nas universidades e escolas é abrir espaço para perguntar: o que rege certos discursos? As visibilidades? As invisibilidades? O *campo secreto* do silenciamento? Na medida em que a trama é desfiada como as questões relativas à educação, gênero, sexualidade e diversidade se articulam?

É notório que cada vez mais políticas e linguagens contemporâneas procuram se expressar de forma neutra a fim de evitar que determinados grupos sociais e indivíduos sintam-se discriminados/as e/ou ofendidos/as por um “mal” uso da linguagem. Pode-se dizer que o discurso *politicamente correto* surge com o objetivo de construir uma linguagem menos preconceituosa e para isto procura “limpar” da linguagem o imaginário sexista e racista bem com as diferentes formas de discriminação. Um exemplo disto é o uso de “os/as” e/ou “@” para representar homens e mulheres numa escrita igualitária em termos de gênero. A partir desta nova linguagem menos discriminatória e mais neutra – o discurso *politicamente correto* – tenta estabelecer socioculturalmente a equidade e a inclusão dos sujeitos numa mesma sociedade.

Esta reforma da língua vem acontecendo no desejo de tornar a linguagem cotidiana mais flexível e inclusiva. Hoje é possível citar um material elaborado por alguns/as jovens junto a Secretaria dos Direitos Humanos a intitulado *Cartilha do Politicamente Correto* que apresenta algumas expressões pejorativas usadas corriqueiramente que fazem acepção de pessoas e grupos sociais em decorrência de suas características. O material sinaliza para que tais expressões deixem de existir, redobra a atenção sobre a linguagem escrita e falada, observa expressões que aparentemente não ofenderiam “o outro” e chama a atenção para os preconceitos, as discriminações e as violências inseridas na comunicação na forma de representar, sobretudo, mulheres, homossexuais, negros/as e estrangeiros/as.



Cartilha do Politicamente Correto

Claro, há algumas críticas sobre este material e mesmo sobre o discurso *politicamente correto*, entretanto, minha intenção ao mostrar sua existência bem como as composições imagéticas (fotografia/notícia) das imagens do diverso que percorrem esta pesquisa é para contrapor o próprio discurso do *politicamente correto*. Não elaboro aqui uma análise sobre a cartilha, nem mesmo sobre as intenções de igualdade e inclusão que medeiam este novo discurso, mas tento problematizar a guerra de linguagens estabelecida na produção de verdades, poderes, saberes e discursos.

## .. O Jogo das Identidades cambiantes ..

Quais significados a palavra identidade(s) têm?

No dicionário<sup>77</sup> o termo significa 1) *qualidade de idêntico*, 2) *os caracteres próprios e exclusivos duma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.* É possível afirmar que esta é uma categoria que se caracteriza por estar sempre em construção. Uma única pessoa pode ter ao mesmo tempo múltiplas identificações ou identidades ao se considerar que neste jogo/construção pode-se estar ora de um lado, e ora de outro. Quero dizer que uma mulher pode, a partir dos elementos culturais, sociais, religiosos, econômicos e outros, assumir distintas identidades como ser negra, casada, protestante, mãe, enquanto que outra pode, por exemplo, ser branca, solteira, lésbica e também mãe.

As identidades estão para além de um estado fixo, estático e determinado. Para Stuart Hall (2005), *as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas*. Mas será que a descentração das identidades se dá em decorrência das transformações nas sociedades modernas e gera aquilo que o próprio autor atribui como *crise das identidades*? Esta crise estaria ligada à fragmentação das novas concepções de cultura, raça, etnia, gênero, sexualidade e outras? O final do século XX e suas mudanças contribuíram para esta crise? Conforme Hall, *a descentração do sujeito está na perda de um ‘sentido de si’*, e pode ser compreendida nas novas formas de configuração das identidades que antes, no passado, tinham um caráter sólido, o qual fornecia as *localizações* dos indivíduos e seus espaços sociais. Hoje, descentra este mesmo indivíduo de seu local cultural e social. A perda do *sentido de si* gera dúvida tanto para o sujeito como também sobre o lugar que ele/a ocupa no mundo. A isto, Hall denomina *crise de identidade*.

A construção das identidades ou a cooptação das coisas com que nos identificamos, cada vez mais se afirma como algo efêmero. Nas palavras do autor *o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais*

---

<sup>77</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6 ed. rev. atualizada. Curitiba: Posigraf, 2004.

*provisório, variável e problemático*. Se antes o sujeito do iluminismo assumia uma concepção de identidade mais subjetiva, ou mesmo *individualista*, na atualidade, segundo a concepção sociológica, a identidade passa a ser constituída a partir da *integração entre o eu e a sociedade*. Deste modo, se a estrutura, o cenário da cultura e mesmo a sociedade em geral sofrem alterações, as identidades conseqüentemente serão afetadas com estas transformações.

[...] Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de varias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais [...] (HALL, 2005, p. 12).

Embora cada vez mais se estude e pesquise as identidades, como pensar, portanto, nas identidades de gênero e sexuais na contemporaneidade? Elas são identidades constituídas histórica ou biologicamente? Histórica e/ou biologicamente? Quando as identificações são múltiplas ou se encontram em constante mutação, será que sugerir uma reflexão sobre as práticas de sexualidade, sejam elas heterossexuais, homossexuais e/ou bissexuais, é um processo complexo? Quem sabe estas possam ser identidades denominadas pós-modernas, devido a seu caráter não fixo. A respeito do sujeito pós-moderno, Hall (2005) enfatiza que este se assume *como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”*: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Outro aspecto a ser considerado quando o assunto são as identidades, principalmente as cambiantes é que por terem um caráter instável, elas possibilitam compreender que são constituídas temporariamente. Assim é possível dizer que uma pessoa, num determinado momento de sua vida goste de música clássica, noutro

prefira samba enredo e ainda, num outro, goste de ouvir *funk*. Ou então, pode-se pensar na figura daquele menino que até os 18 anos usava roupas em tons claros e pouco se agrupava na escola, mas que agora se mostra com um visual mais radical, usa roupas mais chamativas além de apresentar um comportamento mais atrevido que o habitual. Teria acontecido nestes casos um tipo de mudança na estrutura social e cultural destes sujeitos? Foram estas pessoas que se transformaram? Ou todas estas coisas se sucederam ao mesmo tempo? O processo de identificação e construção das identidades de cada sujeito é efêmero e pode se dar de diferentes formas e em diferentes tempos e espaços.

Se hoje é possível configurar outros arranjos de identidades para um mesmo sujeito, pode-se admitir que estas novas configurações se afirmam, principalmente, a partir das diferenças. A sociedade, moderna é marcada pelas diferenças, elas *são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”* -, isto é, identidades – para os indivíduos (HALL, 2005, p. 17). A sociedade cada vez mais tem seus centros de poder descentrados de si. Isso é algo positivo segundo o autor, pois uma vez que estes poderes são deslocados do centro, as identidades que antes eram consideradas estáveis (no passado), na atualidade também são desarticuladas e assim permitem que novos arranjos de identidades sejam criados.

Mas então, quem somos nós? O que nos constitui? Como nos constituímos? Quais são as nossas identidades? Como elegemos as características com que nos identificamos? Os processos de identificação pelos quais transitamos são influenciados pela cultura, pela sociedade com seus valores e crenças? A globalização e os avanços que fazem sociedade moderna caracterizarem-se por um aspecto instável contribui de que maneira na forma como definimos nossas identidades culturais? Será que algo que se passa na parte oriental do globo terrestre afeta a parte ocidental a ponto de causar profundas transformações nos sujeitos e em suas formas de conceberem seus processos de identificação?

Estas questões geram movimento e suscitam reflexões. Ao pensar nas sociedades modernas e nas identidades culturais é possível observar

a influência que o processo de globalização (presente nas transformações sociais que acontecem no mundo) exerce sobre as articulações que estruturam as identidades. Hall (2005, p. 16-18) citando Ernest Laclau (1990) afirma que *as sociedades modernas [...] não tem nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”. A sociedade [...] está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma.*

Num trabalho anterior refleti sobre as identidades trans/desviantes<sup>78</sup>, a partir das questões sociais, culturais e subjetivas que constituem as diferentes identidades presentes na sociedade brasileira, para pensar, especialmente, como a pluralidade cultural de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros carregam sobre si marcações e rótulos por se distinguirem dos padrões hegemônicos estabelecidos socioculturalmente como identidades de gênero e sexuais normais.

Ao retomar as identidades de gênero e sexuais que caracterizam especialmente os sujeitos LGBT, podemos pensar que muitas vezes a origem da discriminação e/ou do preconceito vivenciado em decorrência de suas identidades se dá a partir da cultura e de uma noção em que determinada identidade é hegemônica, classificando as demais como marginais ou periféricas em relação à primeira.

Portanto, cabe destacar a diferença entre identidades e sujeitos. Há um sujeito que se caracteriza pela flexibilidade, pela pluralidade, pelo traço paradoxal – o sujeito afetado. As identidades são variáveis e por isso possibilitam afirmar a existência do sujeito individual, singular e individuado.

**BLACK OUT!!!**

---

<sup>78</sup> Artigo intitulado *Identidades trans/desviantes* no qual junto com Luciene Santos dialogo a respeito da construção das identidades que fogem à heteronormatividade. O texto encontra-se disponível nos anais do Seminário de Educação 2008 – SEMIEDU – UFMT: <http://www.ie.ufmt.br/semiedu2008/gts.php>



## .. CONSTITUINDO (SE) SUJEITO ..

**Sinopse:** Paixões. Vigilância. Amor. Ousadia. Suspeita. Histórias diversas e contextos distintos. As personagens compõem perfis intensos, sutis, singulares e plurais. Trajetórias atravessadas pela mediocridade, hipocrisia e repressão. O que elas teriam em comum? Estes contos narram o interessante movimento do diverso na maioria das vezes posto à margem, marcado por subverter paradigmas socioculturais de identidades sexuais. Mais do que contos sobre mulheres trata-se de uma abertura ao diálogo que respinga em outras histórias no silêncio: e que agregadas vão compor quem sabe outras imagens do diverso.

*Mas já que se há de escrever,  
que ao menos não se esmaguem  
com palavras as entrelinhas.  
O melhor ainda não foi escrito.  
O melhor está nas entrelinhas.*

**Clarice Lispector**

### **Conto I: 1994 - Copa do Mundo**

Naquela tarde Simone ligou para Frida e a convidou para vir até sua casa.

Um encontro às escondidas.

Na escola, na rua ou em qualquer outro lugar Simone e Frida teria que manter uma postura discreta uma para com a outra. Subjugadas pela repressão social da pequena cidade onde viviam era preciso se antecipar para calar qualquer comentário dúbio sobre a forte ligação que tinham.

Os anos em que compartilharam segredos, desejos e aventuras foram interrompidos abruptamente. Uma separação forçada e silenciosa.

Na escola, o isolamento. Frida em uma turma. Simone em outra.

No intervalo, a distância! Precaver-se era preciso!

Com olhos bem arregalados professoras e estudantes percorriam o espaço ocupado por elas. No pensamento e na boca a única pergunta: será que elas são?

A hipótese de um possível relacionamento para além da amizade entre elas aterrorizava qualquer um.

Zunidos indignados.

Rumores constantes.

- Aonde vamos parara desse jeito? Uma voz perguntava.

- Ah! Mas, faz tempo que essas duas não se desgrudam. O jeito é falar com a família mesmo. Dizia outra.

Mais alguém arrematava: - E elas são tão bonitinhas... nem parece que...

Assim a amizade de Simone e Frida era atravessada, vigiada. Um olhar mais severo recriminava algo. Do outro lado alguém apontava o dedo. A inspetora (sempre alerta) entregava tudo.

- Vamos acabar com isso!

- Afastem as duas!

Um dia a mãe de Frida foi chamada na escola. A orientadora educacional havia lhe advertido. Aconselhou que afastasse as meninas e se quisesse ajuda a escola poderia encaminhá-la à psicóloga.

A mãe de Frida ficou perplexa, se sentiu desonrada com o comportamento da filha. Em casa tomou a decisão: Frida não deveria mais ver Simone e, no caso de encontrá-la, independente de onde fosse, deveria desviar seu curso. Incerta de como agir com a filha, a mãe de Frida seguiu os conselhos recebidos na escola e a partir daquele momento Frida passaria a fazer psicoterapia.

Na casa de Simone, ao contrário, tudo esteve bem até o dia em que ela comentou com sua mãe sobre as fofocas que envolvia ela e a amiga. A mãe de Simone não percebia nenhum comportamento estranho na filha. Entretanto, depois desse dia, fez a mesma imposição feita pela mãe de Frida: proibiu Simone de estar com a amiga.

É copa do mundo.

Quase todo o Brasil para.

As cores verde e amarela estão em toda a parte. Nas sacadas, nas lojas, nas casas... As músicas da copa invadem o território de milhões de brasileiros/as.

Simone liga para Frida.

- Oi Frida, você pode falar?

- Si!!!!!!! Não acredito que é você?!!! Quanto tempooooo!!!

- Que bom ouvi-la, Frida. Estou ligando para convidá-la para vir aqui em casa hoje à tarde. É que vai ter jogo da seleção brasileira e como sei que você adora pensei em assistirmos juntas. O que você acha?

- Sério? Mas e sua mãe onde está?

- Ah! Ela vai trabalhar o dia todo, está de plantão e só chega à noite.

- Que ótimo! Claro que vou! Só louca perderia este convite!

Ao desligar o telefone o coração de Frida palpitava acelerado. Estava imersa numa alegria que há muito tempo não sentia. Rever a amiga era o que ela mais desejava naquele momento. Depois de tanto tempo privada desta companhia ter a chance de encontrá-la era simplesmente maravilhoso.

Simone estampou um largo sorriso no rosto. Olhou para o relógio e passou a contar as horas até que a amiga chegasse. Enquanto esperava preparou uma deliciosa torta de bombom. Sabia que era uma das sobremesas favoritas de Frida. Decorou a torta com raspas de chocolate meio amargo e pedaços selecionados de morangos frescos beeeem vermelhinhos.

Frida se conteve para esconder a felicidade que sentia. Disse à sua mãe que iria à casa de Cássia, uma amiga da escola, e lá assistiria ao jogo do Brasil. Estava ansiosa para saber como as coisas estavam com Simone, já que na escola elas não conversavam mais.

Frida bate palma na frente do portão da casa de Simone. O coração bate tão forte que parece querer sair pela boca. Ela olha para os lados desconfiada, pois embora esteja muito feliz sente medo que alguém a veja ali.

Simone corre em direção ao portão e saúda: - Amigaaaaaaaaaaaaaa! Entra! Dá um abraço!!! Meu Deus! Quanta saudade!!!

Frida sorri e diz: - Nossa! Põe a mão no meu coração! Sente?

Silenciosamente elas trocam outro abraço agora mais demorado.

Simone mora numa edícula de três peças. A sala e a cozinha são divididas por um balcão. No quarto ficam duas camas de solteiro, sendo uma de Simone e a outra de sua mãe. O banheiro fica ao lado. A casa fica nos fundos de um enorme quintal. Das janelas vê-se um jardim florido.

Frida chegou perto do início do jogo. Elas estavam tão entusiasmadas que nem prestam atenção nas imagens do primeiro tempo.

*O Brasil joga mal.*

Na conversa, Simone conta que a mãe está diferente. Embora saiba que goste de Frida, entende os conselhos da mãe e, por isso, se mantém mais distante, acha que assim é melhor para ambas.

Frida discorda, claro. Questiona o posicionamento de Simone. Respeita sua escolha de manter-se afastada, sobretudo, no espaço da escola, que cada vez mais vigia seus passos e comportamento, mas conta que mesmo sobre as fortes ameaças de surra que a mãe prometeu lhe dar caso ouvisse mais fofocas sobre elas, enfrentaria as imposições, pois não iria querer perder a amiga.

- Eu sei Fri, mas também não temos muito que fazer. Diz Simone.

- O pior você nem sabe Si. Minha mãe está alucinada com esses comentários. Outro dia chamou lá em casa duas tias minhas e disse sobre as fofocas que rolam sobre a gente. Daí uma tia me disse se eu não sentia vergonha e... blá, blá, blá...

- Frida, eu não acredito que chegou a esse ponto!

- Ah! Chegou sim! Foi uma experiência apavorante! Putz!!! Sentar com duas pessoas estranhas, mesmo sendo minhas tias, mas pessoas com quem eu não tenho nenhum tipo de intimidade, para falar destas coisas foi algo impensável para mim. E se já é difícil falar com amigas da escola, imagina com essas tias?!

Simone balança a cabeça inconformada e responde: - Nossa, nem dá para acreditar.

- E depois que minha mãe falou com a orientadora educacional aí piorou tudo. Toda terça-feira tenho que ir ao consultório daquela psicóloga que atende a escola, sabe?

- Sei, claro.

- No primeiro dia foi bizarro. Uma de minhas tias me levou. Ela temia que eu não fosse. Daí, enquanto eu falava com a psicóloga ela me esperava na recepção do consultório para ter certeza de que tudo sairia bem.

- Mas, como foi com a psicóloga Fri? O que você disse?

- Ah! Primeiro eu fiquei muda. (risos). Deixei a mulher falar... falar... falar... Ela colocou uma música instrumental de fundo, queria que eu relaxasse. Daí perguntava sobre você, sobre mim, sobre nossas mães, sobre as amigas da escola... Eu não prestava muita atenção no que

ela dizia. Olhava para os lados. Eu não queria estar ali. Observei o consultório. Tinha uma biblioteca grande, uma janela ao lado dos livros, no canto esquerdo uma pequena fonte, perto da janela tinha um daqueles sofás bem chiques... como é mesmo o nome dele?

- O divã, diz Simone.

- Isso! Dai ela me pediu que eu deitasse no divã, mas eu não fui.

- Hahaha, eu sei bem como você fica quando não quer fazer algo arremata Simone.

- Pois é. A psicóloga ficou falando um monte tentando arrancar algo de mim. Não sei o que ela esperava ouvir, mas eu prometi a mim mesma que nunca mais voltaria naquele lugar. Bom, se minha mãe está incomodada, talvez seja ela quem deva ir para lá, não acha?

*Intervalo de jogo.*

*O Brasil fez poucos chutes a gol. Precisar ser mais ofensivo no segundo tempo.*

Simone chama Frida na cozinha. Pega a torta de bombom que preparou.

Frida sorri. Gosta da surpresa.

Elas se servem e vão para a sala enquanto o jogo não reinicia.

Simone põe para tocar o CD de músicas italianas que ganhou da prima.

- Fri, tenho que te mostrar duas músicas. Assim que ouvi pensei em você. Será que você consegue tocar? Esta se chama *La Solitudine*, é linda! Ouve um pouco...

Frida, que é violonista, presta bastante atenção na harmonia e melodia da música. Os acordes parecem fáceis, comenta. Talvez cantar seja a parte mais difícil, já que está em italiano.

Simone arrisca algumas palavras no meio da canção.

Frida admira.

Simone passa para a próxima faixa. É uma canção de Andrea Bocelli - "*Vivo por Ella*".

Entre bocados de morango e chocolate elas observam a letra. Não precisa comentar, a música emociona.

*Segundo tempo.*

*A seleção é a mesma. Parreira e Zagallo acreditam na virada do placar a favor do Brasil.*

Simone vai para sua cama e Frida assiste na cama ao lado.

*O Brasil começa a atacar e sofre uma falta.*

Simone e Frida cruzam os dedos.

*Branco prepara a bola. Vai bater de perna esquerda. O árbitro autoriza, mas a bola vai direto para fora.*

*O Brasil está acreditando mais no jogo. Da defesa Aldair lança para Bebeto, a posição é legal. Bebeto cruza para Romário que está livre e vai bater direto para o gol e... éoooooooooooool!!!!!!!!!!!!!! Gol do Brasiíiiiil!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!*

*A Holanda vem para cima, o contra ataque é perigoso.*

Simone e Frida estão concentradas, gritam como se impedissem o jogador de fazer o gol.

*A bola é tirada da defesa e lançada para a área da Holanda, ninguém acredita no lance, mas Bebeto surge veloz, dribla o goleiro e marca o segundo gol do Brasil!*

Frida vibra! Dá um salto da cama!!!

Simone grita: éoooooooooooool! Éoooooooooooool!!!!!!!!!!

Elas se abraçam. Pulam juntas.

Comemoram como se estivessem comemorando o próprio encontro.

*Agora o Brasil parece mais aliviado, 2 x 0.*

*É jogo das quartas de final. Se o Brasil ganhar se classifica.*

*Após os dois gols numa falha da defesa a Holanda enfia uma bola para a área brasileira e marca. Brasil 2, Holanda 1.*

Tudo bem, diz Simone. Vamos ganhar.

*A Holanda cresce no jogo. A torcida empurra os jogadores. O Brasil passa por um momento difícil depois de fazer 2x0. Um jogador chuta uma bomba para o gol brasileiro. Taffarel espalma e tira de lá. A Holanda ganha escanteio e vem bola na área do Brasil. Galvão anuncia o perigo. No cruzamento, Aron, número 20, cabeceia e marca o segundo gol da Holanda.*

*Galvão: - o Brasil faz 2x0 e entrega para a Holanda... Tinha o jogo inteiro e entrega o empate. O Pelé dizia para botar dois jogadores com espírito e com fôlego e mais uma vez o Brasil não mexe. Castigo, a Holanda empata!*

Frida se encolhe na cama.

Simone passa a mão na cabeça e não acredita.

*35 minutos do segundo tempo. Branco, partiu. Olhou para Bebeto. Na malandragem ele vai para cima da marcação e leva*

*vantagem. Cava a falta e é falta grave. Pegaram o jogador brasileiro por baixo. Os jogadores vão para cima do juiz e pedem cartão.*

*São cinco holandeses na barreira.*

Simone roe as unhas.

Frida senta na cama.

Elas acreditam na cobrança da falta.

*Galvão suplica: Capricha Branco!*

*Branco toma a distância.*

*Perna esquerda.*

*Partiu...*

*Bateu...*

*Gol! Gool! Gooooool!!!!!!!!!!!!!!*

Frida grita bem alto: é goooooool Si!!!!!!!!!!!!Golaaaaço!!!

Simone comemora. Pula junto com Frida.

Elas se divertem. Gargalham certas de que agora a vitória está perto.

Simone vira de frente para Frida, abre os braços e dá um abraço bem gostoso na amiga.

No calor das emoções elas se olham.

O tempo deste olhar dura um pouco mais do que deveria. De alguma forma isso mexe com elas. Nunca um minuto demorou tanto para passar...

Frida soa frio. Ainda abraçada não controla o que está sentindo. Em sua frente tem a boca rosada e carnuda de Simone. É tudo inusitado, tentador e emocionante.

Na cabeça de Frida a única frase: “é proibido”!

Em seu corpo, um desejo latente de comemorar nos lábios da amiga...

Simone corresponde, se deixa tocar. Suavemente desliza a mão pela nuca da amiga, passa os dedos por entre os cachos de Frida. Sente a respiração mais ofegante.

Ambas engolem seco.

Enchem o peito, respiram fundo.

Os olhos se perdem na rápida percorrida pelo corpo uma da outra.

É a primeira vez que isso acontece.

Frida sente as pernas bambas.

Simone tem o coração acelerado.

Essa sensação as consome.

Simone toca o rosto de Frida com a mão direita e sente a pele macia.

Os olhos voltam a se encontrar.

Frida deseja.

Simone deseja.

E elas se beijam.

*Galvão continua gritando: - é goooooo!!!!!!! É goooooo!!!!!!! É o futebol brasileiro mostrando para a Europa inteira sua força, Pelé!*

De repente Frida se afasta de Simone.

Assustada, volta para a cama ao lado.

Está confusa.

Simone fita fixamente seus olhos...

- Desculpa Si! Por favor, perdão! Eu não tinha a intenção de fazer isso... Eu nem sei por que isso aconteceu. Meu Deus! Eu não entendo!

Simone tenta acalmá-la: - Não precisa ficar assim, está tudo bem.

- Talvez seja melhor eu ir embora. Isso não era para ter acontecido. Não podia...

Frida tem sensações estranhas. Embora lembrasse ter beijado alguns meninos na escola, aquele parecia ser o primeiro beijo de sua vida.

No pensamento, mesclavam-se os sentimentos.

A Alegria por estar ali com Simone.

O prazer de estar perto (agora mais perto).

O beijo.

O cheiro.

O gosto...

Isso era deliciosamente assustador.

Simone chama Frida para ver o final do jogo em sua cama.

Coloca a amiga em seus braços. Para tranquilizá-la acaricia seus cabelos em silêncio.

Frida está anestesiada pelas emoções. A cabeça está fervendo.

*O jogo segue com o Brasil segurando a vantagem.*

*A Holanda vem para o último contra ataque.*

*No desespero alguém lança a bola para o gol.*

*- Sai que é tua Taffarel!!! Narra Galvão.*

*O juiz já vai apontar para o centro do campo.*

*Taffarel cobra o tiro de meta.*



*O árbitro aponta o centro.*

*Galvão grita emocionado: - acaaabooooou!!!Acaaabooooou!!!  
Brasil e Itália estão nas semifinais!!!*

Frida teme. Não pelo Brasil, mas pelas sensações que está sentindo.

As duas pensam em silêncio naqueles comentários.

Para elas estava claro que a forte ligação que estabeleceram nestes três anos era amizade.

Mas agora...

O que havia mudado?

Por que o beijo?

Será que as pessoas estavam certas?

Talvez por ser mais velha, Simone estava tranquila.

Frida precisava sentir que tudo ficaria bem.

Emudecidas elas se olham um pouco mais.

Embora Frida reconhecesse a beleza de Simone desde os tempos em que estudavam juntas, naquele momento seus olhos viram detalhes antes nunca vistos. Como era linda aquela morena!

O rosto bem desenhado, a boca rosada, os olhos puxadinhos...

Frida suspira ao fitar a amiga mais uma vez. Então escorrega seus dedos por entre os lisos cabelos negros de Simone. Agora mais consciente, se encoraja e pergunta: - Posso te beijar de novo?

Simone a beija.

As mãos se apertam enquanto as bocas se unem.

Um beijo demorado, gostoso e com muita vontade.

As carícias de Simone nos longos cachos de Frida acalentam seu coração.

Ambas estão mergulhadas num oceano de sensações novas que escapam ao controle.

*O jogo terminou bem.*

É hora de voltar para casa.

A mãe de Simone já deve estar saindo do trabalho.

A mãe de Frida, que havia delimitado um horário para que a filha chegasse do passeio, certamente estaria atenta caso se atrasasse.

As duas se despedem com um forte abraço.

Simoni diz:

**Conto II: *On-off/line***

Florianópolis, setembro de 2010.

Querida Heloisa,

Faz tempo que ensaio, só agora consegui.

Conte-me como está. O que tem feito?

Aqui a vida me move entre o trabalho e os estudos.

Muitas são às vezes em que meus pensamentos me trazem você.

Seu rosto, a textura da sua pele, o mel da cor dos seus olhos, o desenho do seu corpo, seu sorriso. Em cada detalhe imagens de momentos felizes ao seu lado.

Eu sei que as coisas nem sempre acontecem como desejamos. Às vezes, a vida nos lança para terrenos movediços onde, para sobreviver, não podemos nos deixar engolir. No fim, isto é bom. Importa é aprender. E quem disse que isto é fácil?

Sabe Heloisa, gostaria de ser uma contadora de histórias, dessas que saem mundo afora a contar peripécias, mas, infelizmente não tenho este dom, a mim cabe contar as aventuras de outros modos. Canto, escrevo, gosto de tocar meus sentimentos.

Outro dia me lembrei da conversa que tivemos a muuuuito tempo atrás, no *MSN*. Eu, com 22 anos, cursando a graduação e você com 34, começava a orientar meu trabalho de conclusão de curso.

No começo foi difícil. Não porque estabelecíamos uma orientação à distância, já que você estava afastada para cursar o mestrado, mas pelo seu perfil de “professora durona”.

Já haviam me alertado sobre o seu jeito fechado. Contudo, alguma coisa me fazia crer que tudo isso era uma dura fachada construída para dificultar o acesso ao seu jardim mais terno.

Eu não esperava que você estivesse casada quando começamos a teclar. Embora você mantivesse a postura da professora-orientadora que nem de longe me deixava desviar o assunto para algo que não fosse relativo ao trabalho, me instigava bastante fazê-la sorrir. Era como se eu, a “estudante de 22” (como você bem marcava), te tirasse por alguns instantes dos trilhos.

Eu sei do seu compromisso com o trabalho e com a ética nas relações profissionais. Você era a orientadora e eu a orientanda, isto estava claro. Mas, sabe o que eu mais gostava? Era te abrir com boas risadas...

Você então corrigia meus escritos pela manhã, fazia alguns apontamentos pela tarde, seguia sugerindo leituras durante todo o dia e, à noite, eu já estava pronta. É claro que eu queria te impressionar.

Pelo visto meu plano dava certo.

Você continuava a se abrir.

Teve aquele dia em que você me deu uma dura, queria me orientar. Você *on* e eu *off*. Lembra? (risos) Eu queria estar ali, *on* contigo, mas tinha duas mulheres atravessadas na minha garganta.

Com o final do seu casamento. Senti você mais sensível. Talvez por estar impotente diante dos fatos, afinal, foram sete anos ao lado de uma pessoa que agora te parecia estranha.

Viajei para São Paulo em fevereiro. Fui ver Julia, um de meus atravessamentos. Fiquei sem *Internet* por quase um mês. Pensei que você fosse gostar já que estaria longe das provocações da pentelha “estudante de 22”.

Não consegui acreditar quando vi a tua mensagem no celular. “*É! Tem gente que quando está namorando some né?!!*”

Meu Deus! Meu coração palpitou tão forte que pensei que Júlia fosse ouvir. Estávamos lado a lado na cama, mas desde aquela mensagem só pensava em você, Heloisa. Eu precisava ficar *on* naquele instante.

Vesti a primeira roupa que encontrei. Disse para Julia que eu precisava ficar *on-line* para uma breve orientação do TCC.

Julia estranhou. Uma professora enviar mensagem numa sexta-feira à noite? Contudo, não questionou, nem mesmo viu a mensagem. Desci para a *Lan House*. Julia permaneceu me esperando no *flat*.

Senti uma alegria inexplicável ao escrever: - boa noite Heloisa!

Mas, por que isso? Eu pensava estar plenamente feliz e bastou uma mensagem sua para me deixar cheia de questões...

Ah! Minha querida! Quantas perguntas *off-line* me fiz naquela noite e nos dias seguintes.

Regressei de São Paulo.

Minha relação com Julia ficou em *stand by*, minha vontade era conectar-me cada vez mais contigo. Julia já começava a notar minha empolgação sempre que falava do trabalho orientado por você.

Congresso em Porto Alegre? Ótimo. Seria esta a oportunidade de nos encontrarmos pessoalmente.

Uma cidade nova. Um evento interessante... Frio. Massa. Vinho. Você. Eu. Uma combinação quase perfeita, sobretudo, tentadora.

Era a hora de testar sua orientanda. Você havia me conduzido, corrigido, cortado, colado, confesso. Tinha potencializado meus movimentos, trazido novos elementos para “nossa” escritura. O gozo do nosso primeiro artigo.

Se aprovado o artigo, aprovado nosso encontro.

Julia, no entanto, desaprovava. Sabia que se eu fosse às coisas mudariam entre nós.

Eu nunca havia saído do universo da pequena cidade em que estudava. Você, ao contrário, conhecia muitos universos do Brasil.

Enquanto aguardávamos a resposta do evento, nos tornamos mais próximas. As conversas estavam leves, agradáveis, sem o tom severo de antes. Teria você baixado a guarda? Seria uma brecha?

Naquela noite cheguei da faculdade ansiosa para encontrá-la. Já passavam das 23:40h. Abria e fechava as janelas. Até que você apareceu *on-line*, dizendo que tinha novidades. O resultado saiu. Fiquei curiosa, claro, e você, bem do seu jeito, fez suspense. Pediu que eu entrasse no *site* e conferisse.

Passamos!

Nosso artigo estava dentro!

Fiquei muito feliz. Você me incentivou. Disse que desde o momento em que enviamos o trabalho sentia que iria passar, mas fez este suspense para me ver nervosa.

Terrível você, Heloisa!

Amei! (risos)

Ficávamos madrugada a fora teclando.

Tínhamos que combinar como seria.

Finalmente iríamos nos conhecer.

Noutro tempo eu havia pensado que somente a veria no dia da minha defesa, por sorte a vida se encarregou de antecipar nosso encontro.

À medida que preparávamos a apresentação, você me surpreendia dizendo sentir saudades.

Não acreditava. Você nunca falava nada parecido. Fazia sempre questão de manter uma postura que me impusesse limites... Mas, inconscientemente, agi certo. Ao deixá-la quase um mês longe de minhas gracinhas e do jeito carinhoso com que eu a tratava, você notava minha ausência.

Na semana antes do evento aconteceria o show do Evanescence em Porto Alegre. Daria tuuuuudooooo para estar lá. Amoooo a voz da Amy! O suspiro que ela dá em algumas canções, o tempo da respiração... O timbre... o som é muito bom!

Lembro-me de todas as músicas que te mandei. Você conhecia pouco da banda, disse que depois de mim, passou a gostar ainda mais.

Quando me liguei do show estava tocando *MyImmortal*, minha música preferida! Amei!!!! Amei!!!!Ameeeeeiiii a surpresa.

Você sempre rindo das minhas in experiências. Eu sei que tens certo prazer em me ver aprendendo. Não posso me queixar que ensinas muito com seus toques filosóficos.

Sabia que ainda colho os frutos da orientação que tive?

Sim, acredite! E compartilho o mérito contigo, claro.

O que você anda fazendo agora?

Será que lembra das nossas aventuras???

Era a primeira vez que eu entraria num avião. Estava nervosa. Com frio na barriga.

Você disse que me buscaria no aeroporto, eu sei. Contudo, não era suficiente, pois todas as sensações possíveis culminavam em meu corpo momentos antes do embarque.

Pensava: - o que estou fazendo? Indo sozinha para um lugar desconhecido? Encontrar-me com alguém que sentia conhecer, mas que nunca havia visto?

Tempo aberto, céu claro. As nuvens, como algodão doce, desenhavam cachorros, crianças e formas animadas. A viagem foi tranquila.

No aeroporto três voos estão no desembarque. Assusto-me com tanta gente. Enquanto aguardo minha bagagem busco em todos os rostos a sua face e não a encontro... Aumenta minha aflição.

Onde está Heloisa?

O movimento é intenso.

Pessoas.

Malas.

Crianças...

Uns acenam para a família.

Outros seguem seu destino.

Mas Heloisa, onde está que não a vejo?

Então respiro fundo, coloco minha mala no chão bem no centro do saguão. Busco um rosto familiar. De repente sou surpreendida pelo leve toque em meus ombros. Não sei o que acontece. Sei que é você Heloisa, mas não consigo me virar. A pausa deste minuto trouxe a tona milhões de pensamentos guardados que ali queriam explodir.

Encontro inusitado.

Como não viro você se põe em minha frente.

Sorri.

Abraça.

Demoramos nisto.

Entrega um lindo botão de rosa vermelha.

Recebo.

Beijo seu rosto.

Fico tímida por alguns instantes (coisa rara de se ver).

- É só isso? Pergunta.

- O que mais você quer? Respondo.

- Um beijo!

- Um beijo? Bem aqui? No meio de todos?

Você deu um sorriso safado, balançou a cabeça afirmando: -

Hamram.

Pronto! Um selinho. Foi o que dei conta naquele momento.

Se a chegada foi assim impactante pensava no que estava por vir...

Muito gentil você me pergunta sobre a viagem, se estou com fome...

Tudo que fazemos é nos olhar por um longo tempo.

Engraçado né? Nós que tanto tagarelávamos agora emudecidas expressávamos no olhar mil palavras que apeteciam tantas ações.

Não, nós não estávamos sem assunto.

O silêncio mesclava os desejos sedentos de dois corpos que ansiavam por uma nova experiência para além da orientação.

Ainda no aeroporto fomos ao banheiro, lembra? Agora sim, tentei te dar um beijo. Você me interrompeu e disse para eu esperar, o beijo aconteceria mais tarde.

Achei prudente você não me buscar de carro. O calor das emoções poderia gerar algum acidente triste no trânsito porto-alegrense (risos).

No caminho para o apartamento mal consegui ver a cidade. Via você. Suas mãos macias. Seus olhos claros. Sentia seu perfume gostoso.

Ouvia sua voz rouquinha... Detalhes vistos e sentidos em outro ambiente. Tudo isso me atraía ainda mais.

Quem diria que o artigo iria render tanto!

Começava a gostar da academia.

Aposto que agora você está rindo não é mesmo Heloisa?

A “estudante de 22” que tantas vezes te deslizou dos caminhos críticos pedagógicos... Poderia ser a mesma que iria te surpreender.

A leonina professora mais temida e respeitada da universidade.

A atrevida estudante aquariana do 8º semestre da graduação.

Há combinação?

Vibrante e vigorosa.

Ambas são idealistas e entusiásticas com a vida.

Há previsões?

Leão admira a singularidade, a visão e as características inventivas de Aquário. Aquário admira a energia de Leão, seu carisma e dignidade.

Há resultado?

Eu não acreditava no que vivia contigo.

Fizemos coisas inesquecíveis juntas.

A viagem para Vitória no Espírito Santo, lembra? Que delícia!

E quando apresentamos nossos outros artigos em Cuiabá, Florianópolis e Porto Alegre (de novo)???

Você veio para Mato Grosso. Minutos antes da defesa achei engraçado te apresentar para as meninas da minha sala como minha orientadora. Momentos depois você me apresentou para suas colegas da banca como sua namorada. Meu Deus! Quanta coisa!

Para mim, uma postura admirável! Além de ser comprometida com a docência você faz respeitar sua orientação sexual diante dos/as profissionais com quem atua coisa rara de se ver nestes espaços.

São tantas lembranças Helô.

Muitas alegrias compartilhadas.

Hoje você já é quase doutora.

Eu terminei a graduação e estou prestes a defender o mestrado.

Estamos em lugares distantes e distintos... Por isso escrevo.

Estes nostálgicos rodeios tem a finalidade de dizerem ainda mais coisas.

Nesta trajetória desenhada a quatro mãos nos desconectamos.

Pode ser que enquanto estive *off-line* (me perguntando sobre tantas coisas), por acidente ou inexperiência perdi a conexão contigo. A falha ocasionou um tipo de pane grave que nos deixou sem contato. Talvez a conexão possa ser reestabelecida e quem sabe compartilhada. Por isso, aproveito para convidá-la para minha defesa de mestrado que acontecerá no dia 12 de novembro de 2010, às 14 horas, no Centro de Ciências e Educação da UFSC (ainda não sei a sala).

Para mim é um momento difícil, não imagino o que a banca vai pensar ainda mais porque terminei a dissertação com três contos...

Querida Helô, você é literalmente parte disto.

Escreva-me.

Aqui seguirei entre o trabalho, os estudos e os preparativos.

Um beijo carinhoso!

Alice, (agora com “26”).



### **Conto III: Está na água**

#### **(I)**

O semestre havia começado recentemente. E com ele a correria das aulas, dos textos, das leituras, dos novos quase conceitos...

Cecilia e Marcela se conheceram na universidade. Ambas haviam ingressado no mesmo programa de pós-graduação, mas em linhas de pesquisa diferentes.

No fluxo constante das atividades elas se esbarravam nos corredores e falavam dos temas de pesquisa, da elaboração dos projetos, dos livros que liam. Sempre que dispunham de algum tempo uma convidava a outra para almoçar e, na maioria das vezes, o almoço era seguido por uma caminhada no bosque com direito a bons bocados de chocolate e risadas doces.

Muito tinham em comum. Eram vegetarianas, artistas, autênticas, geralmente se expressavam diferente da multidão.

Na medida em que conviviam as similitudes e diferenças eram desenhadas. Coincidentemente (ou não) quando se conheceram estavam resolvendo as situações do coração...

Cecilia até ali havia vivido uma relação de amor marcada por fases. Ápices de felicidade mesclados a um descontentamento amoroso (talvez pelo endeusamento da figura amada) fato que colaborou para que a relação tivesse problemas. Sua namorada parecia viver num mundo paralelo e distante. Os planos que outrora idealizaram juntas eram coisas para um futuro que não existia no presente de Cecilia. Além disso, havia ainda a distância física que desfavorecia o namoro.

Marcela, por outro lado, pensava que aguentaria manter o namoro de forma leve, tranquila e firme sem se deixar abalar pelos mais de 2000 km de distância que a separava da namorada.

Talvez pelo momento parecido em que Cecilia e Marcela viviam, elas adorassem desfrutar da presença uma da outra.

Os encontros eram frequentes.

As conversas saborosas.

Marcela já havia convidado Cecilia para visitar sua casa algumas vezes, mas com a correria das aulas ainda não haviam encontrado um tempo para isto.

Um dia, numa conversa pelo *Messenger*, elas trocaram ideias sobre o seminário que iriam apresentar. Depois de falar das leituras, trocaram músicas, falaram de teatro, fotografia (uma das paixões de Marcela), cinema, namoro...

Marcela se surpreendeu com o vídeo enviado por Cecília. Era um *clip* romântico com cenas do clássico *Amiée e Jaguar* que mostrava uma dança envolvente, o beijo e a primeira transa entre as protagonistas. Isso mexeu com Marcela, a deixou confusa. Por que Cecília havia enviado este *clip*? Queria dizer algo nas entrelinhas? Ou seria a imaginação de Marcela que a levava para outros lugares?

Não importa.

Marcela gostou e retribuiu com outro vídeo, desta vez a música de Norah Jones - *Come Away With Me* – que exibia a relação amorosa entre duas mulheres. O cenário, para o cume deste amor, era um campo com uma cachoeira ao fundo.

Com o tempo às conversas entre Cecília e Marcela ganharam mais tempero. Ambiguidade nas frases. Uma pitada apimentada aquecia os sentimentos e as sensações que as confundiam.

O que estaria mudando?

## (II)

Cecília, naquele semestre havia se matriculado no curso de violão, como sabia que Marcela tocava, trocava ideia sobre o instrumento. Marcela prometia ensinar algumas canções quando tivesse oportunidade.

Um dia, na palestra: “*Le desier*”, ministrada pelo professor CamilleDumoulié, ambas perceberam-se em desejos. Enquanto projeções de mulheres nuas, parceiros se amando com cintas e correntes, tesouras, algemas, seios e sexos eram projetadas a meia luz no grande telão no auditório, Cecília e Marcela sentiam-se atraídas uma pela outra.

“*Le desier*” arrebatava seus pensamentos para outras projeções.

Mas como?

Não podiam.

Embora cobixassem novas experiências, estava clara a existência das namoradas (mesmo que ao longo do semestre já nem falassem delas).

Dois dias depois da palestra, enquanto voltava da aula, Marcela convidou Cecília para subir até seu apartamento. Neste dia, Cecília estava com mais tempo.

Subiram e conversaram um pouco.

Cecília pegou o violão e mostrou para Marcela as notas que aprendeu.

Marcela gostou da pequena harmonia que ouviu e na sequência tocou duas músicas do Djavan. Cecília ficou impressionada com a habilidade da amiga no instrumento.

Cecília também gostou do apartamento de Marcela. Apesar de pequeno, tinha uma localização próxima da universidade isto era um ponto favorável já que Marcela viera de tão longe para estudar.

Quando Cecília foi até a janela, Marcela chegou mais perto.

Os corações pulsaram mais fortes.

Um olhar repentino roubou a atenção da janela para dentro do apartamento. Os olhos castanhos de Marcela fitavam fixamente os verdes olhos de Cecília.

Silêncio.

Marcela sentiu o perfume dos cabelos de Cecília. Ao tocar em seus braços desejou-a ainda mais. Por alguns minutos moveu seu olhar para a boca da amiga, sentiu-se fortemente tentada.

Cecília tinha a mesma vontade embora temesse experimentar o beijo.

- Melhor ir embora. Disse Cecília.

Despediram-se.

Um suspiro.

(pausa)

Marcela acompanhou Cecília até o ponto de ônibus. Enquanto esperavam procuravam disfarçar o desejo explícito que já não tinha disfarce algum.

Naquela noite nenhuma das duas conseguiria dormir.

Cecília pensava em Marcela que pensava em Cecília...

### (III)

Sábado de sol. Ótimo dia para ir à praia.

Marcela encontra Cecília *on-line* e pergunta:

- Por que você está em casa num dia tão lindo?

Cecilia responde: - Eu preciso estudar e acho melhor ficar em casa, quem sabe para fugir da tentação...

Elas riem.

Depois conversam por cerca de duas horas até que Marcela convida a amiga para vir até sua casa assistir a uma comédia.

Cecilia quer detalhes sobre o filme.

Marcela dá a sinopse. *Trata-se de uma garota da sociedade que se envolve num romance excitante com uma velha colega de escola, para grande aflição da família. Depois, numa festa para arrecadação de fundos, espalha-se um rumor que existe algo na água que faz as pessoas se tornarem homossexuais...*

- Qual o nome do filme? Pergunta Cecilia.

- Está na água. Responde Marcela.

Cecilia acha engraçado. Não se sabe ao certo se por impulso ou por desejo, aceita o convite. Seguramente, não iria pelo filme.

A partir dali contavam-se as horas.

Marcela prepara detalhadamente a casa.

Deixa duas taças de vinho sobre a mesa.

Uma vela.

Um incenso.

Muita espera.

Cecilia, que há tanto parecia não se preocupar consigo, já que estava desmotivada com o namoro que não namorava, se entusiasma com o convite e vai ao salão de beleza, faz as unhas, a sobrancelha e se depila.

Marcela escolhe o melhor perfume, redefine os cachos de seu cabelo...

Cecilia percebe-se obstinada por devorar Marcela.

O interfone soa:

- Oi Marcela, sou eu.

- Oi querida! Estou descendo...

As duas se cumprimentam e se admiram!

- Uau!!! Você está liiiinnnda Cecilia!!!

- Nossa! Você também Marcela. Nunca tinha te visto com essa saia. Está muito atraente.

Elas dão uma risada maliciosa.

Cecília morde os lábios e disfarça.

-Úmida esta noite, não?

Marcela confirma.

Escapa uma risada.

- Verdade. A temperatura caiu.

No apartamento Marcela explica que o filme foi baixado da *Internet*, por isso teme que esteja um pouco dessincronizado...

Cecilia ri e estranha o possível desajuste.

Entre uma taça de vinho e outra de suco (porque Marcela não bebe nada alcoólico), elas conversam.

Marcela separa um edredom para o caso de esfriar mais.

- Cecilia, o que você acha de colocarmos o colchão no chão para assistirmos ao filme? Pergunta Marcela.

- Ótima ideia! Eu te ajudo.

As duas ajeitam o colchão.

Marcela coloca o filme, apaga a luz e deixa o edredom no meio.

No começo estava divertido, dava para acompanhar a trama.

Passados uns 15 minutos as falhas começaram a surgir. Primeiro aparecia uma cena, depois vinha o som que já não se encaixava nos movimentos da outra cena para então aparecer a legenda.

As duas riam.

Cecilia caçoava de Marcela.

- Ei! Vamos assistir ao filme todo assim?

Marcela responde: - Ah! Foi o único filme legal que consegui baixar... Vamos nos esforçar que dá!

Enquanto o filme descompassado passa na tela, as sensações das duas se afluam.

Cecilia disfarçadamente chega mais perto de Marcela.

Marcela está em baixo do edredom.

- Cecilia você está com frio? Se quiser pode puxar o edredom, diz Marcela.

Como num jogo de movimentos lentos e pensados elas se tocam e se afastam por entre a coberta.

Aquela meia luz deixa os contornos de Cecília ainda mais bonitos. Marcela a admira sem se importar se ela está percebendo.

Cecilia tem apenas um pensamento: - será que este filme vai acabar e não vai acontecer nada?

Marcela não sabe ao certo como agir.

Experimenta tocar Cecília e caía novamente no jogo do “você pra lá e eu pra cá”...

Faltam 10 minutos para o final do filme.

O descompasso serve de pretexto para ficarem juntas.

O contexto, ninguém havia entendido ao certo.

Era mais engraçado rir delas e da falta de sincronia do que do enredo da trama.

Na tela as protagonistas fazem amor.

Marcela e Cecília em êxtase desejam ser as protagonistas dessa história.

É hora de mexer.

Cecília se move. Vai ao banheiro.

Marcela sabe que o filme vai acabar.

Cecília volta e se deita de bruços com as mãos no rosto, ainda mais distante de Marcela.

Enquanto também vai ao banheiro, Marcela se pergunta: - o que faço agora? Por onde começar?

Na volta, se deita ao lado de Cecília.

Os corações voltam a pulsar...

Ambas não aguentam mais fingir que nada está acontecendo.

Marcela está com o braço esquerdo colado em Cecília que, desta vez, se deixa tocar.

Marcela se vira pausadamente e sussurra: Cecília... Cecília!

Na terceira vez em que a chama, Marcela sutilmente segura seu queixo e o vira em sua direção.

Estão a 10 centímetros de distância.

Dá para sentir a respiração ofegante.

Marcela se aproxima da boca de Cecília.

Cecília, ainda “jogando”, tenta resistir: - não... não... nã... n....

Finalmente se beijam!

**E QUE BEIJO!**

A magia do encantamento misturada à sensualidade da cena.

Inteiramente entregues.

Um beijo envolvente.

De língua, corpo, alma.

O gosto,

O cheiro,

O calor,

A textura...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMAN, Helena. *A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional*. Anais da 27ª Reunião Anual da ANPED, 2004.
- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Salamandra; São Paulo: Edusp, 1991.
- AUGE, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século).
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/ UnB 1999.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (orgs.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, 2002, nº 19, p. 20-28.
- BONDÍA, JorgeLarrosa. *Estudar-Estudiar*. 1ª ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BORBA, Rodrigo. *LinguísticaQueer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem*. *Entrelinhas*. Ano III, nº 2, jul/dez. 2006. Disponível em:  
<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=25> - Acesso 10 abril 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Temas transversais: pluralidade cultural e orientação sexual*. 3ª. Ed. Brasília: MEC, 2001. (Parâmetros Curriculares Nacionais; 10).

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In: O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In: O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos Visuais: corpos erópticos e metrópole*. São Paulo: Ateliê. Editorial, 2008.

CASTRO, Edgar. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. *In: NOVAES, Regina;*

COSTA, Jurandir Freire. A questão psicanalítica da identidade sexual. *In: Homossexualismo–Formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício: Estudo sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Marisa V. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. *In: COSTA, M. V. (org.) Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.93-118.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. 4ª. Ed. Trad. de Luiz Roberto Salinas. Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles e Parnet, Claire. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D' Água, 2004.
- DERRIDA, J. Remarks on deconstruction and pragmatism. In Mouffe, C. (org.), 1997.
- DIAS, Maria Berenice. *Conversando sobre a homoafetividade*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.
- DIAS, Maria Berenice. *Manual de Direito das famílias*. 3ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.
- DIREITOS HUMANOS E CONTRIBUIÇÕES À CIDADANIA HOMOSSEXUAL. Rio de Janeiro: Movimento D'ELLAS, 2005.
- EMILE, Beneviste. *Problemas da linguística geral*. Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins; VENTURI, Gustavo. *Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – 2006*. São Paulo: APOGLBT, 2007.
- FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>> Acesso 12 de março 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. rev. atualizada. Curitiba: Posigraf, 2004.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005, *Anais*. Recife: UFPE. Disponível em: <[http://www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri\\_2005\\_recife\\_resumo\\_e\\_texto\\_completo.pdf](http://www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf)> Acesso 12 de março 2008.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso NÃO é um caso*. Revista Brasileira de Educação, nº 10, 1999, p. 58-78.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem Do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola. 16ª edição: 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal. 2005.

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo; Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a Tese é Preciso! In: A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

FREUD, S. *Três ensaios para uma teoria sexual*. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Coleção Primeiros Passos. 2ª edição. Editora Brasiliense, 1983.

GARCIA, W. A. C. *A Concepção de um Lector-Produtor e o seu Desdobramento na Prática-Pedagógica*. Revista Cadernos, Florianópolis, Santa Catarina, v. 21, p. 46-56, 1995.

GARCIA, W. A. C. A Semiosis Literária e o Ensino. In: Maria de Fátima Sabino Dias; Suzani Cassiani de Souza; Izabel Christine Seara. (Org.). Formação de Professores: experiências e reflexões. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2006, v., p. 172-177.

GARCIA, W. A. C. *Lateralidades*. Outra Travessia (UFSC), Florianópolis, v. 05, p. 160-170, 2006.

GARCIA, W. A. C. A escuta do intervalo: entre a palavra e a imagem. *In: III Simpósio Nacional de História Cultural – Mundos das imagens: do texto ao visual*, 2006, Florianópolis. Anais do III Simpósio Nacional de História Cultural: Editora da UFSC, 2006, v. I, p. 136.

*Gênero e Diversidade na escola*: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. RJ: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara, 1988.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais*: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo/SP: Ed. Loyola, 1997.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GREEN, James Naylor e POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval*. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (org), *Diversidade, cultura e educação*: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. *In: O corpo educado*: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Tomas Tadeu da Silva – 2ª. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARRAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e Identidade. *In: Educação & Realidade* – v.1, n.1 (fev. 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976. (pág. 59)

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”*. In: *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MADARASZ, Norman. *A potência para a simulação: Deleuze, Nietzsche e os desafios figurativos ao se repensar os modelos da filosofia concreta*. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1209-1216, Set./Dez. 2005 1209. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> - Acesso 21 setembro 2010.

MERLINO, Tatiana. *Entre o cor de rosa e o vermelho sangue*. Revista Caros Amigos. Ano XIII, 148, julho/2009. Editora Casa Amarela. P. 20-21

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MOUFFE, C. *The return of the political*. Londres: Verso, 1993.

Negri, Antonio; Hardt, Michael. *Multidão*. Editora: Record, Rio de Janeiro, 2005.

NOVAES, Adauto. A ciência no corpo. In: NOVAES, A. O homem máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 07-14.

POCAHY, Fernando. Notas sobre homofobia/heterossexismo. In: Educando para a Diversidade. Porto Alegre: nuances, 2007.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

RANDOM, Michel. O território do olhar. In: CETRANS. Educação e Transdisciplinariedade II. São Paulo: TRIOM, 2002.

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Ana Maria Borges. *Infância e Violências: o que a escola tem a ver com isso?* Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Record, 2004.

UZIEL, Ana Paula. *Revista Mente Cérebro*. Junho de 2008, reportagem especial intitulada: Outras formas de ser família,

VANNUCHI, Paulo (orgs). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo/SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

WUNDER, Alik. *Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola* In: 31ª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, 2007.

**REFERÊNCIA MUSICAL**

Música: Mais Glitter

Composição: DimmyKieer

Interpretação: DimmyKieer

Música: Tô bonita – SilvettyMontilla

Composição: SilvettyMontilla

Interpretação: SilvettyMontilla

Música: Coisa boa pra você – SilvettyMontilla

Composição: SilvettyMontilla

Interpretação: SilvettyMontilla

Música: Liberada – Selma Light

Composição: Selma Light

Interpretação: Selma Light